

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA PLENA**

HENRIQUE VASCONCELOS SANTIAGO

**A CONSTITUIÇÃO DE FLUXOS MIGRATÓRIOS DE CHINESES NO MUNICÍPIO
DE MOCOCA-SP: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

ALFENAS/MG

2025

HENRIQUE VASCONCELOS SANTIAGO

**A CONSTITUIÇÃO DE FLUXOS MIGRATÓRIOS DE CHINESES NO MUNICÍPIO
DE MOCOCA-SP: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas.

Orientador: Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves.

ALFENAS/MG

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Unidade Educacional Santa Clara

Santiago, Henrique Vasconcelos.

A constituição de fluxos migratórios de chineses no município de Mococa-SP : análise geográfica da migração internacional / Henrique Vasconcelos Santiago. - Alfenas, MG, 2025.

140 f. : il. -

Orientador(a): Flamarion Dutra Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Mococa. 2. Guangdong. 3. Brasil-China. 4. Território-Redes. 5. Imigrantes. I. Alves, Flamarion Dutra, orient. II. Título.

HENRIQUE VASCONCELOS SANTIAGO

**A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO-REDE DE CHINESES NO MUNICÍPIO DE MOCOCA-SP: ANÁLISE GEOGRÁFICA DA
MIGRAÇÃO INTERNACIONAL**

O Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 12 de dezembro de 2025.

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves
Presidente da Banca Examinadora
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Profa. Dra. Ana Rute do Vale
Instituição: Universidade Federal de Alfenas

Prof. Ms. Guilherme Guiari
Instituição: Universidade Federal de Alfenas



Documento assinado eletronicamente por **Flamarion Dutra Alves, Professor do Magistério Superior**, em 15/12/2025, às 11:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1692627** e o código CRC **0C28DA57**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu companheiro de pesquisa e pela confiança do trabalho realizado, Professor Doutor Flamarion Dutra Alves. Obrigado pelo compartilhamento de saberes e orientações.

Como futuro licenciado, agradeço a Professora Doutora Sandra de Castro de Azevedo, que teve papel fundamental para a minha formação docente e será lembrada na minha contínua formação para vida e profissional.

Agradeço a todo corpo docente de Geografia da Universidade Federal de Alfenas, pela formação nesta área tão incrível.

Agradeço também a CAPES, pelo financiamento de minhas pesquisas e projetos durante a faculdade, permitindo-me a manutenção e a permanência no espaço universitário.

Em especial, agradeço aos meus familiares que me apoiaram e acreditaram em minha formação, principalmente minha mãe Rosângela Caetano de Vasconcelos, meu pai Luiz Henrique Santiago, minha avó Laurita Cecília Roque de Vasconcelos, ao meu avô Orlando Caetano de Vasconcelos e minha tia Rosemeire Caetano de Vasconcelos.

E claro, meus amigos que me apoiaram e me auxiliaram na construção de quem eu sou, agradeço a todos os meus queridos amigos de Mococa, Alfenas, Belo Horizonte e das respectivas outras cidades em que se encontram.

Por fim agradecer todos os imigrantes que participaram da pesquisa, sem eles a mesma não estaria finalizada, e a toda comunidade chinesa em Mococa.

RESUMO

Com o avanço dos laços bilaterais entre China-Brasil, principalmente no século XXI, os fluxos de imigrantes chineses rumo ao Brasil também se expandem, normalmente esses imigrantes buscam cidades vinculadas a economia mundo, porém atualmente, podemos ver a inserção desses imigrantes em cidades do Interior como no caso de Mococa-SP, os fluxos e redes mais marcantes se caracterizam pelo trajeto Guangdong-Mococa. Neste sentido o objetivo geral desta pesquisa é analisar e compreender os fluxos migratórios de chineses de Guangdong no município de Mococa, voltados a esfera socioeconômica e a constituição de redes e fluxos rumo ao município paulista. O caminho metodológico escolhido foi o exploratório-descritivo, tendo um teor qualitativo a pesquisa, para a obtenção de dados foram aplicados entrevistas e questionários com a comunidade de imigrantes chineses em Mococa, para além, ocorreram trabalhos de campo, coleta de dados secundários e levantamentos bibliográficos, por fim os dados foram tabulados em mapas, tabelas, gráficos, transcrição de áudios e descrição dos resultados. Após as análises dos dados podemos perceber a inserção de imigrantes provenientes de Guangdong que se estabelecem em Mococa vinculados a economia urbana e comercial, sendo mais detalhadas as informações na referida sessão. Em síntese os imigrantes de Guangdong através dos processos de T-D-R, num contexto de Território-Redes modificam o espaço geográfico (material e imaterial) mocoquense, constituindo necessariamente, fixos, fluxos e redes, onde os pontos centrais das interações espaciais são Mococa-Guangdong-Mococa e ou Guangdong-Mococa.

Palavras-chave: Mococa; Guangdong; Brasil; China; Território-Redes; imigrantes.

ABSTRACT

With the strengthening of bilateral ties between China and Brazil, especially in the 21st century, the flow of Chinese immigrants to Brazil has also expanded. These immigrants typically seek cities linked to the global economy; however, currently, we can see the integration of these immigrants into inland cities, such as Mococa-SP. The most significant flows and networks are characterized by the Guangdong-Mococa route. In this sense, the general objective of this research is to analyze and understand the migratory flows of Chinese from Guangdong to the municipality of Mococa, focusing on the socioeconomic sphere and the constitution of networks and flows towards this municipality in São Paulo state. The chosen methodological approach was exploratory-descriptive, with a qualitative research component. Data was collected through interviews and questionnaires with the Chinese immigrant community in Mococa. Furthermore, fieldwork, secondary data collection, and bibliographic research were conducted. Finally, the data were tabulated in maps, tables, graphs, audio transcriptions, and descriptions of the results. After analyzing the data, we can see the integration of immigrants from Guangdong who settle in Mococa, linked to the urban and commercial economy. More detailed information is provided in the relevant section. In summary, immigrants from Guangdong, through the processes of Territory-Resource Development (T-D-R), within a Territory-Network context, modify the geographical space (material and immaterial) of Mococa, necessarily constituting fixed points, flows, and networks, where the central points of spatial interactions are Mococa-Guangdong-Mococa and/or Guangdong-Mococa.

Keywords: Mococa; Guangdong; Brazil; China; Territory-Networks; immigrants.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Loja de imigrantes chineses no Centro de Mococa	26
Fotografia 2 - Pastelaria Pequim nova	114
Fotografia 3 - Pastelaria Pequim antiga.....	115
Fotografia 4 - Shopping Kelly.....	117
Fotografia 5 - Presentes.....	118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Diferenciação entre as correntes teóricas que debatem a migração.....	40
Tabela 2 - Diferenciações temporais, de origem e estimativa demográfica da Diáspora Chinesa no Brasil.....	86
Tabela 3 - Fixos, Fluxos e Rede de Guangdong a Mococa.....	104

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Exportações brasileiras rumo a China (valor em US\$).....	72
Gráfico 2 - Produtos mais exportados do Brasil rumo a China (2024).....	74
Gráfico 3 - Produtos mais importados pelo Brasil de origem chinesa (2024).....	75
Gráfico 4 - Importações brasileiras referentes a China (valor em US\$).....	76
Gráfico 5 - Balança comercial Brasil-China entre 2014-2024 (valores em bilhões de US\$)...	77
Gráfico 6 - Fluxo de investimentos chineses confirmados no Brasil.....	78
Gráfico 7 - IEDs chineses no Brasil – Porcentagem de investimento em diferentes setores (2005-2022).....	79
Gráfico 8 - Exportações do município de Mococa (valor em US\$).....	93
Gráfico 9 - Importações do município de Mococa (valor em US\$).....	94
Gráfico 10 - Gênero dos Participantes.....	101
Gráfico 11 - Considera a Língua Portuguesa Difícil?.....	102
Gráfico 12 - Trajeto para o Brasil	104
Gráfico 13 – Decisão de Migrar.....	105
Gráfico 14 - Primeira Cidade de Residência no Brasil.....	107
Gráfico 15 - Classificação feita pelos imigrantes de suas respectivas condições financeiras.....	109
Gráfico 16 - Número de familiares dos imigrantes em Mococa.....	112

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização de Mococa-SP.....	29
Mapa 2 - Localização dos Estabelecimentos dos Imigrantes Chineses em Mococa-SP.....	113

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEC	Associação Brasileira de Empresas Chinesas
ACI	Associação Comercial e Industrial de Mococa
AEM	Associação Esportiva Mocoquense
BASIC	Brasil, África do Sul, Índia e China
BRICs	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
BYD	Build Your Dreams
CAGED	Cadastro Geral de Empregos e Desempregados
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCPIT	Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional
CDP	Carbon Disclosure Project
CEBC	Conselho Empresarial Brasil China
CGTI	Coordenação-Geral de Tecnologia da Informação
COFCO	China Oil and Foodstuffs Corporation
COSBAN	Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação
COVID-19	Corona Virus Disease 2019
EUA	Estados Unidos da América
FICO	Ferrovia de Integração do Centro-Oeste
G20	Grupo dos 20
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEDs	Investimentos Estrangeiros Diretos
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
MTPS	Ministério do Trabalho e Previdência Social
NEPO	Núcleo de Estudo de População Elza Berquó
OIM	Organização Internacional para as Migrações
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSC	Organização da Sociedade Cível
PAC	Planos de Ações Conjuntas
PIB	Produto Interno Bruto
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
SINDLAT	Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados

SINCRE	Sistema Nacional de Cadastro e Registros de Estrangeiros
SISMIGRA	Sistema de Registro Nacional Migratório
T-D-R	Territorialização-Desterritorialização-Reterritorialização
UNFCCC5	United Nations Framework Convention on Climate Change
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 OBJETIVOS.....	28
1.1.1 Objetivo geral.....	28
1.1.2 Objetivos específicos.....	28
1.2.1 Metodologia.....	28
1.2.2 Área de estudo.....	29
1.2.3 Passos metodológicos.....	30
2 DEBATES METODOLÓGICOS E CORRENTES TEÓRICAS DA MIGRAÇÃO.....	34
2.1 DEBATES METODOLÓGICOS E CORRENTES SOBRE A TEMÁTICA MIGRATÓRIA.....	34
2.1.1 Corrente clássica.....	34
2.1.2 Estudos neoclássicos.....	35
2.1.3 Teoria das redes sociais.....	36
2.1.4 Teoria dos sistemas migratórios.....	37
2.1.5 Teoria do sistema-mundo.....	37
2.1.6 Síntese teórica das correntes dos estudos migratórios.....	38
2.2 TIPOLOGIAS E CARACTERIZAÇÃO DOS FENÔMENOS MIGRATÓRIOS, SEGUNDO O GLÓSSARIO (2009) DA OIM.....	40
3 CONCEITOS APOIADORES PARA O ENTENDIMENTO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS.....	44
3.1 TERRITÓRIO-REDES.....	44
3.2 REDES MIGRATÓRIAS.....	48
3.3 INTERAÇÕES ESPACIAIS.....	53
3.4 MOBILIDADE ESPACIAL.....	56
4 RELAÇÕES BILATERAIS SINO-BRASILEIRAS E OS IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL.....	69
4.1 GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA.....	69
4.2 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA.....	70
4.3 IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL.....	80
5 ASPECTOS ECONÔMICOS DE MOCOCA E IMIGRANTES	

INTERNACIONAIS.....	91
5.1 ASPECTOS ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO.....	91
5.2 PARCERIAS ENTRE MOCOCA-CHINA.....	94
5.3 IMIGRANTES ITALIANOS EM MOCOCA.....	97
6 OS IMIGRANTES CHINESES EM MOCOCA.....	101
6.1 RESULTADOS.....	101
6.2 INFORMAÇÕES GERAIS.....	101
6.3 EDUCAÇÃO.....	102
6.4 TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA.....	103
6.5 TRABALHO E RENDA.....	108
6.6 INTEGRAÇÃO CULTURAL.....	109
6.7 VIDA EM MOCOCA.....	110
6.8 A OCUPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	126
APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO.....	133

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento do ser humano no continente africano e com o seu desenvolvimento cognitivo e biológico, o mesmo desenvolveu meios para a sua sobrevivência, entre esses, estava a possibilidade da mobilidade espacial, criando aspectos capazes de interferir no meio natural e movimentos capazes de deslocar para diferentes espaços.

Neste contexto, os movimentos populacionais se tornaram frequentes e comuns na história da humanidade, conseqüentemente, criando e recriando diversidades culturais, étnicas, de identidades e de produção do espaço em diferentes regiões do mundo (Gonçalves e Rocha, 2006).

Neste sentido, tendo como exemplo a formação da Mesopotâmia na Antiguidade, esta sociedade obteve sua formação e consolidação entre diversos aspectos, sendo um deles os processos migratórios, onde foi povoada por diversos povos como babilônicos, arcádios e assírios (Campos e Rodrigues, 2017).

Outro exemplo onde os fluxos migratórios auxiliaram na formação de civilizações ou que contribuíram para a reconfiguração histórica, cultural, social, política e do uso do espaço, foi a civilização grega que teve em sua formação a participação de povos como os Eólios, Jônios, Dóricos e Arques (Campos e Rodrigues, 2017). Outra civilização que se originou e foi influenciada pela migração foram os romanos, segundo os autores Campos e Rodrigues, os mesmos:

a origem histórica de Roma está associada a elementos estrangeiros como latinos, sabinos, etruscos e gregos, povos que influenciaram na cultura e sociedade romana. Assim, a invasão dos povos bárbaros em Roma constituiu novas formas sociais que predominaram na Idade Média, como a economia agropastoril, bem como o comitatus e o beneficiu (Campos e Rodrigues, 2017p.34).

Com o avanço dos séculos e a formação dos Estados Modernos na Europa no século XV, se caracterizando pela unificação das monarquias, o ser humano, desenvolveu o senso e consciência de pertencimento a uma Nação (Marques; Berutti; Faria, 1989).

Outro elemento para o desenvolvimento e a construção da identidade dos Estados Nacionais, foram as guerras, tendo como exemplo a Guerra dos Cem anos (1334-1453), onde os franceses transformaram seus exércitos em um só, fortalecendo o sentimento de pertencimento em relação a um Estado Nação (Campos e Rodrigues, 2017). A partir desse momento, o nacionalismo e o sentimento de pertencimento a um determinado local se tornaram cada vez mais potentes, tornando a “imagem” dos imigrantes como exóticos,

desconhecidos, forasteiros, etc. (Costa e Oliveira, 2009).

Após os processos de unificações dos Estados (principalmente na Europa) a figura do migrante e dos processos migratórios se tornaram foco de debate e curiosidade entre os acadêmicos, cientistas e a população de modo geral, criando-se assim, uma necessidade no aprofundamento dos estudos migratórios, onde os mesmos, segundo Cigolini e Souza classificam-se em cinco fases distintas, sendo elas: a teoria clássica; a teoria neoclássica; a teoria das redes sociais; teoria dos sistemas migratórios; e a teoria do sistema-mundo (Cigolini e Souza, 2021). Algumas correntes, apresentam mais adeptos que outros, porém não retira as contribuições das mesmas nos estudos migratórios.

As fases teóricas relacionadas aos fluxos migratórios nos auxiliam no entendimento dos movimentos populacionais históricos e atuais, tentando caracterizar as mobilidades demográficas seguindo os contextos históricos, sociais e espaciais das respectivas fases. Devido ao dinamismo e especificidade de cada movimento migratório, a generalização de diversos fluxos em apenas um conceito se torna impossível, ou seja, cada processo migratório deve ser analisado de forma única, devido a pluralidade de contextos envolvidos em cada mobilidade.

A questão econômica é vetor essencial, que une todas as correntes, no quesito da decisão de migrar, no caso da corrente clássica os processos migratórios ocorrem devido as transformações do capital e da divisão do trabalho, para os autores neoclássicos os fluxos acontecem através de imigrantes que buscam melhores oportunidades econômicas e sociais em determinado país receptor, na teoria das redes sociais, os indivíduos migram através da constituição de redes sociais, econômicas e migratórias, a teoria dos sistemas migratórios, vinculam as mobilidades no sentido do trabalho do indivíduo e seus mecanismos produtivos, e pôr fim a teoria do sistema-mundo, que observa as migrações referentes aos países periféricos e sua dependência econômica dos países centrais.

Para além das correntes teóricas e metodológicas sobre a imigração, há instituições que classificam os processos migratórios, como a OIM (Organização Mundial para as Migrações), que enquadra e especifica diversas formas de migrações contemporâneas, especialmente em seu Glossário (2009).

Neste sentido, a primeira sessão será dividida em dois tópicos, o primeiro será relacionado as questões teórico-metodológicas sobre a migração das correntes clássicas até as mais atuais, já o segundo tópico trará as tipificações da OIM para a caracterização dos fenômenos migratórios.

A segunda sessão será subdividida em quatro processos, demonstrando e debatendo

conceitos bases para o entendimento das migrações e dos fenômenos de movimentos populacionais contemporâneos, sendo eles: 1) Território-Rede; 2) Redes Migratórias; 3) Interações Espaciais e; 4) Mobilidade Espacial.

No intuito de entender as espacialidades e os movimentos populacionais internacionais contemporâneos, buscou-se a contextualização do termo “Território-Rede”. No que tange o território o mesmo é constituído na materialidade e imaterialidade física do espaço e no imaginário e da virtualidade dos indivíduos, além da produção do espaço geográfico, ou seja, tendo vários significados¹ sendo as relações sociais e seus movimentos inter/intra territoriais fenômenos essenciais para a constituição de redes dentro ou fora de determinadas fronteiras. Com sua constante reprodução e movimentos o território se territorializa, desenvolvendo redes e fluxos criando referências espaciais e simbólicas no território em movimento (Haesbaert, 2004).

Por outro lado, a rede tem perfil desterritorializador e territorializador, ou seja, ora ela pode ter caráter de manutenção e sustentação de determinado território e identidade, ora ela pode ter caráter desestruturadora e de construtora de novos territórios com a desarticulação de indivíduos de um território para outra (Haesbaert, 2004), modificando o espaço de origem e de destino, através dos movimentos e/ou migrações.

Sendo assim, o território-rede é caracterizado pela sua maleabilidade e sua mobilidade, atrelados cada vez mais, ao desenvolvimento e expansão da globalização e do meio-técnico-científico-informacional, especialmente os meios de comunicação e transporte, criando fixos, fluxos e redes entre os territórios. Com a constituição de territórios mais conectados e interdependentes os fluxos migratórios se tornam maiores, tanto em distância percorrida quanto em número de imigrantes.

Com a conectividade entre os territórios-redes os fluxos e movimentos de pessoas, mercadorias e informações se intensificam, e para que haja estas trocas de objetos e corpos, as fronteiras e legislações se tornam mais flexíveis para o desenvolvimento dos movimentos do capital e humano, imprimindo no espaço lugares de múltiplas conexões e de formas de se territorializar, criando multiterritorializações em uma única localidade, neste sentido, as migrações são fenômenos des-re-territorializantes, implicando novas formas de uso e constituição e de construção dos espaços geográficos.

¹ Significados distintos entre os agentes do espaço, tendo como exemplos: o Estado onde o território delimitado é visto como uma porção da superfície explorável para o desenvolvimento de sua hegemonia e soberania; para as empresas, os territórios são espaços para a exploração dos meios naturais e humanos voltados para produção, e consequentemente, o lucro; para os indivíduos são espaços de pertencimento ou não, carregados de símbolos, crenças e vivências do cotidiano. Os agentes do espaço são fundamentais para a criação da identidade de uma sociedade.

As redes migratórias e movimentos populacionais são característicos da história humana constituindo fluxos diversos, extintos ou atuais que reconfiguram os territórios e espaços. Na contemporaneidade as redes migratórias se reproduzem e criam novos fluxos entre os territórios-redes, acompanhados pelo avanço das técnicas e da globalização. O avanço do meio-técnico-científico-informacional acelera, intensifica e organiza os movimentos populacionais internacionais.

No cenário das redes migratórias, cada fluxo migratório tem suas finalidades, objetivos e especificidades, podendo ser influenciado por um ou mais fatores, no que tange o intuito de percorrer determinada distância e fixação em outro território, podendo ser uma migração espontânea e por vontade própria ou forçada – “expulsão” ou risco a integridade física e mental do indivíduo no território de origem.

As migrações são fenômenos espaço-temporais que para sua constituição é necessário o deslocamento interfronteiriço e cause necessariamente a transferência de residência sobre determinada distância e período. As redes da migração são os próprios movimentos populacionais pelos territórios.

As redes são fundamentais na decisão do imigrante de realizar determinado movimento migratório. As redes podem ter vários perfis sendo elas sociais, de assistência, de informação, de parentesco, de transportes, etc. podendo ser uma mescla de apenas uma ou de várias redes que circundam os imigrantes, auxiliando e diminuindo os graus de incerteza referentes ao processo migratório (Rogers, 1983; Lee, 1966).

Neste sentido as redes migratórias são fortalecidas pelos avanços na esfera informacional e de comunicação entre os territórios-redes e indivíduos em distintas localidades, constituindo fixos (infraestruturas), fluxos (movimentos populacionais) e redes (organização dos movimentos em relação aos fixos e fluxos).

A migração como fenômeno pode ser entendida como mobilidade espacial da população e também pelas interações espaciais. A mobilidade espacial é um fenômeno que funciona como uma ferramenta de deslocamento populacional, refletindo novas configurações nas relações entre os indivíduos (imaterial) e ao mesmo tempo no ambiente material (Becker, 1999), já as interações espaciais media os fluxos populacionais através dos fixos (territórios, espaços e infraestruturas). Portanto, o tema das migrações está vinculado a dois conceitos: interações espaciais e mobilidade espacial, que são peças fundamentais para o desenvolvimento de fluxos e refluxos migratórios.

As interações espaciais são os fluxos entre duas ou mais localidades de corpos e objetos, estas interações auxiliam o movimento entre/intra territórios, podendo abranger

diversas escalas: temporais, espaciais, quantitativas e qualitativas, variando dependendo da motivação, das facilidades e dos interesses de determinados deslocamentos.

Neste sentido, as interações espaciais no contexto de um sistema capitalista, se desenvolve de forma desigual entre as localidades (Côrrea, 1997), ou seja, apresentando diferenciações sobre a quantidade, qualidade e padrões de dispersão dos movimentos entre os territórios. A desigualdade também atinge ao acesso do meio-técnico-científico-informacional e a conectividade dos territórios, onde os países com maior acúmulo técnico e de conexão, exercem maior influência e atração para os deslocamentos, como as migrações do leste europeu, africanas, sul-americanas e asiáticas rumo a Europa Ocidental.

Com a constituição de movimentos entre os fixos, conseqüentemente a criação de redes nas interações espaciais, que são influenciadas pelas ações do capital, e de questões sociais, culturais, políticas e econômicas, diferenciando os espaços geográficos através da circulação e estruturação de redes das interações espaciais dos territórios.

Por fim, a mobilidade espacial, que para sua instituição é necessário a presença de espaços e territórios para ocorrer o movimento. Sendo os territórios, espaços de relações de poder, sociais e espaciais e também da construção do espaço geográfico e produtivo, induzido a mobilidade por meio das infraestruturas de comunicação e transporte, organizando os fluxos demográficos e migratórios em redes entre os territórios de interesse para os movimentos populacionais e do investimento do capital, e existem territórios em que não há estes interesses, tendendo a gerar grandes massas de imigrantes.

As mobilidades migratórias, neste cenário, se articulam em redes entre os territórios, tendo o acesso aos meios técnicos de informação e transporte mediadores da mobilidade. Com o constante desenvolvimento tecnológico as mobilidades migratórias se intensificam e diversificam os fixos (locais de origem e de destino), expandindo e conectando novos territórios, através das redes e dos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização nos espaços geográficos.

As mobilidades tendem a se organizarem seguindo os interesses do capitalismo e sua expansão², onde os imigrantes buscam melhores condições de emprego, renda e de trabalho em zonas de interesse e crescimento capitalista, como os aglomerados econômicos e urbanos, criando oportunidades e desigualdades de acesso ao mercado de trabalho.

Os conceitos de Território-Rede, Redes Migratórias, Interações Espaciais e de Mobilidade espacial, são fundamentais para o entendimento dos fluxos migratórios e como os

² Nem todas as mobilidades, pois podem ter aquelas sem ligações econômicas como os refugiados, exilados, estudantes, etc.

mesmos se articulam através de fixos, fluxos e redes e seus processos des-re-territorializadores que constroem e decompõem os territórios de origem, de passagem e de destino, modificando e reconfigurando os espaços geográficos em que passam.

Ao longo da história registrada da sociedade brasileira e do Estado moderno há diversos tipos de mobilidade humana, produzindo e reproduzindo o espaço geográfico, interações sociais e espaciais: imigrações e emigrações (voluntárias e forçadas), colonização, exploração, viagens, exílios, fugas, campanhas militares, peregrinações, deportações, missões diplomáticas, etc. (Zapata, Fazito, 2018; Gamble, 1993; Manning, 2005; Harzig, Hoerder, 2009). O constante desenvolvimento dos meios de transporte e os de comunicação³, e com o aumento do processo de globalização atrelados ao contexto histórico-espacial constitui formas específicas de se construir a identidade do território brasileiro auxiliado pelos processos migratórios e de movimentos.

O processo da construção do espaço brasileiro e de suas identidades ocorre, desde sua colonização e ocupação pelos portugueses e os conflitos transculturais dos escravizados africanos e povos originários. Vale ressaltar também as diversas campanhas populacionais e militares pela Coroa Portuguesa e posteriormente o Estado Brasileiro em diferentes momentos históricos, a fim da consolidação, expansão do território e identidade nacional, da mesma maneira, os processos de mobilidades populacionais relacionados ao trabalho e ao desenvolvimento de vetores econômicos (como ciclo da cana de açúcar, do ouro, da borracha, etc.), garantindo a consolidação das fronteiras nacionais e internacionais e pelos processos da interiorização do espaço geográfico e da sociedade brasileira (Zapata, Fazito, 2018) considerando sua totalidade atual.

Os perfis demográficos e sociais brasileiros são marcados pela migração internacional, impactando as dinâmicas populacionais do território. Começando pela chegada dos portugueses e pelos povos africanos escravizados a partir do século XVI, esses fluxos imigratórios forçados e por vontade própria foram atraídos pela grande demanda de mão de obra, principalmente, no sistema de *plantations*⁴, para a exploração de recursos naturais e ocupação do novo território entre os séculos XVI e XIX.

A partir do final do século XIX com o pequeno começo da industrialização brasileira e com o avanço de novas formas de explorar o campo (como o caso da cultura do café),

³ Compressão do espaço-tempo (Harvey, 1993), aumentando os movimentos populacionais pelo espaço, intensificando a heteronomia das distâncias, movimentos e corpos. Fato que amplia o campo de conflitos através dos atores sociais e institucionais, que disputam a legitimidade do movimento entre as fronteiras territoriais.

⁴ Modelo de produção agrícola voltada a grandes latifúndios, monocultura e pela mão de obra escrava e produção voltada a mercado externo, no caso do Brasil, principalmente para a metrópole (Portugal).

especialmente após a abolição da escravidão, serviram como atrativos atrelados a políticas estatais de incentivos a migração, principalmente imigrantes europeus⁵, iniciando grandes fluxos migratórios para o país, além do incentivo da ocupação de espaços do território nacional, incluindo o interior brasileiro entre os séculos XIX e XX. No que tange o Estado, nesta época um dos princípios fundamentais era o controle populacional, principalmente, o “controle dos corpos em movimento”, tendo como meta a ocupação (compulsória ou não) dos espaços menos desenvolvidos e mais distantes do controle do estatal (Zapata, Fazito, 2018).

Nas primeiras décadas do século XX, marcado pela I Guerra Mundial e da posterior Grande Depressão, os números de fluxos internacionais populacionais rumo ao Brasil diminuíram de forma progressiva, devido às reconfigurações globais das forças econômicas, políticas e demográficas⁶. Sendo assim, as questões sobre a imigração internacional foi-se perdendo a influência nas pautas políticas do país, em contrapartida, os deslocamentos internos de mão de obra associados a formação de novos setores econômicos que organizam o espaço geográfico e produtivo aumentaram de forma exponencial (exemplos imigrantes do Nordeste rumo a capital paulista). Por quase cinco décadas as questões referentes a “gestão migratória” focam predominantemente nos movimentos internos de massa de trabalhadores (Brito, 2000; 2006).

A partir da década de 1980 (contexto da ditadura militar), há uma mudança no contexto dos fluxos migratórios, onde houve grandes números de brasileiros que emigraram para outros países (principalmente EUA, Japão e Paraguai), ao mesmo tempo em que o governo ditatorial criava barreiras à entrada de imigrantes internacionais. Nas décadas de 1990, a emigração de brasileiros atingiu seu ápice, em contrapartida aumentou-se de forma expressiva a de imigrantes internacionais, principalmente advindos de países sul-americanos, como os: bolivianos; colombianos; peruanos; paraguaios e; argentinos (Carvalho, Campos (2006; Oliveira, 1996; Patarra, 2005).

Mesmo com a estagnação dos fluxos de imigrantes internacionais no Brasil, em grande parte do século XX, não podemos esquecer de alguns fluxos migratórios desse século, podendo separa-los em 4 período: 1) a Grande Imigração Europeia (1900-1930), período marcado pelas políticas de incentivo migratório e substituição da mão de obra escrava no Brasil e crises na Europa (guerras, pobreza, fome, etc.), com destaque para os italianos, portugueses, espanhóis e alemães, fora da Europa há outros imigrantes que tiveram relevância

⁵ Políticas voltadas ao “embranquecimento” da população brasileira, além da substituição do trabalho escravo africano para o assalariado europeu.

⁶ Grande redução do excedente populacional europeu e dos EUA, momento em que o Estado brasileiro assistia à transição demográfica de sua população – redução da mortalidade e aumento da população nativa.

nesta época como os sírios, libaneses e japoneses; 2) Restrição migratória (1930-1945), tendo como contexto controle de entrada de imigrantes através de cotas do governo Vargas (Nacionalismo do Estado Novo) e com os fechamentos das fronteiras brasileiras e europeias devido a II Guerra Mundial, gerando uma diminuição no número de entradas de imigrantes no Brasil, as nacionalidades que mais adentraram o país nesta época foram os portugueses, espanhóis, japoneses e judeus europeus fugindo do nazismo; 3) Reativação e Diversificação (1945-1980) período marcado pelo pós-guerra, pelo aceleração industrial e urbano brasileiro e por projetos de ocupação de novos espaços no Brasil, como os projetos de colonização dos estados do Sul, os principais fluxos de imigrantes advinham da Itália, Alemanha, Espanha, Portugal, Polônia, Ucrânia, ex-Iugoslávia, Hungria e Japão; 4) Redução da Imigração e Novos Perfis, tendo como contexto as crises econômicas no Brasil, avanço da globalização e do meio-técnico-científico-informacional e processos de emigração de brasileiros, os principais fluxos foram: os sul-americanos (paraguaios, bolivianos, peruanos, etc.); os africanos de países lusófonos (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, etc.) e os asiáticos (coreanos e chineses, além dos refugiados como libaneses, iraquianos e palestinos).

Neste sentido, o território brasileiro e a formação de seu espaço geográfico se atrela a longos processos migratórios, sendo eles forçados e/ou por vontade própria, constituindo um território com variedades étnicas, de formas de se viver e de se construir o espaço. Principalmente pós-século XX, há um novo contingente de imigrantes, os asiáticos (como os japoneses e chineses), no caso de imigrantes advindos da China, este fluxo já ultrapassa os 200 anos.

A partir do século XXI, devido a acordos bilaterais entre Brasil e China, a abertura econômica chinesa, e os fluxos de indivíduos em busca de melhores condições econômicas, vinculados a um mundo caracterizado pela globalização econômica, que facilita a flexibilização política das fronteiras e intensifica os fluxos demográficos, nota-se cada vez mais, o número de imigrantes chineses no Brasil.

A terceira sessão do trabalho será dividida em três tópicos, sendo eles: 1) Globalização Econômica; 2) Relações comerciais e econômicas entre Brasil e China e; 3) Imigrantes chineses no Brasil. Esta sessão contextualizará os fenômenos históricos, econômicos, comerciais e contemporâneos das interações entre Brasil-China.

A globalização econômica se refere a internacionalização das economias nacionais e sua interdependência da economia-mundo e outros territórios para o seu desenvolvimento. O seu funcionamento segue a lógica capitalista de espacialização da produção e distribuição, criando e recriando infraestruturas (fixos) de produção e logística e organizando os indivíduos

nos espaços (massa de trabalhadores, os fluxos) e interligando as funcionalidades de produção, distribuição e consumo, separados em espaços específicos visando a maximização produtiva e lucrativa. Com esta espacialização trabalhadores e massas de migrantes se locomovem para esses centros do sistema de acumulação técnica-produtiva-capitalista.

Esta globalização se expande com a ascensão do neoliberalismo, flexibilizando as fronteiras e as normas reguladoras trabalhistas e econômicas dos territórios nacionais, facilitando a circulação de indivíduos, mercadorias e dinheiro. As constantes aberturas econômicas brasileira e chinesa, se torna um exemplo claro de complementariedade e competitividade numa globalização econômica, vendo o crescimento de fluxos populacionais, comerciais e econômicos aumentando nesta relação bilateral.

As relações comerciais contemporâneas entre Brasil e China fizeram 50 anos em 2024. Desde então, nota-se o estreitamento entre os dois países em torno da cooperação produtiva e mercadológica, aumentando gradativamente seus níveis de interações, principalmente durante as décadas finais do século XX até os dias atuais. A partir de 2009 a China se torna o maior parceiro comercial do Brasil, com o constante crescimento econômico chinês e seus investimentos em infraestruturas, criando uma grande necessidade de produtos primários, o Brasil com sua grande extensão territorial e de recursos, vinculado a sua economia exportadora se tornou um parceiro importante para o mercado chinês.

O fortalecimento das relações comerciais é notável ao analisar os dados disponibilizados na sessão desta temática, notando aumentos históricos em relação: as exportações; as importações; a balança comercial; e dos fluxos de Investimentos Externos Diretos (IEDs).

Em 2023 o Brasil foi o sexto maior fornecedor de mercadorias para a China, e o Brasil era o décimo sétimo maior comprador de produtos chineses. Em contrapartida a China é o maior vendedor e comprador brasileiro. O Brasil permanecerá com sua economia exportadora para a China e também com sua necessidade de produtos tecnológicos e de manufatura chinesa e de investimentos externos em seu território.

Com o avanço dos acordos diplomáticos, econômicos e políticos entre os países e com suas transações de capitais e mercadorias, os fluxos populacionais e de migração também se intensificam, vinculados ao desenvolvimento do meio-técnico-científico-informacional com suas infraestruturas de mobilidade, e acordos, leis e tratados referentes a facilitação migratória entre os dois países.

O século XXI foi o período em que mais se acompanhou o crescimento de imigrantes chineses no Brasil, porém a imigração chinesa para o território brasileiro, já ultrapassa os 200

anos, para Weinong (2012) podemos distinguir 4 fases diferentes dos fluxos populacionais: 1) primeira fase (1812-1900), tentativa de implementação do cultivo de chá no Brasil; 2) segunda fase (1910-1949), marcado pelos imigrantes de Qingtian; 3) terceira fase (1950-1979), popularização dos produtos *made in china* e da ocupação de chineses no circuito da economia urbana; 4) quarta fase (1980-2016), marcada pelos avanços do meio-técnico-científico-informacional, aberturas econômicas e acordos bilaterais e expansão da globalização, fase essa, com o maior número de entrada de chineses no Brasil na história

Normalmente os imigrantes seguem caminho para as cidades vinculadas a economia mundo e que tem posse de diversas centralidades. Porém nota-se a interiorização desses movimentos para cidades menores localizadas no interior, principalmente na região sudeste, como o caso do município de estudo, Mococa-SP, localizada no nordeste paulista.

A quarta sessão do texto será organizada em quatro subdivisões: 1) Aspectos econômicos de Mococa-SP; 2) Imigrantes internacionais em Mococa; 3) Acordos entre Mococa-China e; 4) Imigrantes Chineses em Mococa.

O município de Mococa apresenta a sua economia voltada para as produções agrícolas, porém o setor de comércio e varejo também é fundamental para perpetuação econômica do município. O setor de comércio e varejo é onde os imigrantes chineses se fixam para o seu desenvolvimento de lojas e comércios, sendo eles empreendedores e vendedores destes estabelecimentos. No que tange a importações de produtos, Mococa se encontra num cenário de dependência com a China, onde 56,5% de suas importações advém do país asiático principalmente nos setores de máquinas e de produção tecnológica (COMEXSTAT, 2025).

A partir das décadas dos anos 2010 há o aumento de interesses de investimentos chineses no município e do governo municipal em internacionalizar a sua economia, principalmente voltada para o país asiático, esta década foi marcada por encontro e eventos com representantes mocoquenses e chineses, acordos com empresas de Mococa e investimentos advindos da China, além do reconhecimento do poder local em relação aos imigrantes, criando a Lei “Dia do Imigrante Chinês”.

O fluxo de imigrantes internacionais mais marcante no município de Mococa é a partir do século XIX expandindo para o começo do século XX, vinculados principalmente a expansão da cultura de café na região, sendo os italianos o maior fluxo migratório. A participação dos italianos na construção do espaço geográfico mocoquense é de grande importância, auxiliando no desenvolvimento econômico, arquitetônico, social e cultural da cidade, criando processos de territorialização, mesclando seus costumes do cotidiano e de vida com os habitantes locais do município.

Com o avanço das políticas de aproximação entre Brasil-China no século XXI, mediado pelos avanços de comunicação e transporte e da intensificação dos territórios-redes em um mundo cada vez mais globalizados, a mobilidade de indivíduos também cresceu, principalmente a partir de 2009 (China se tornando o principal parceiro econômico brasileiro), atingindo até mesmo cidades como Mococa-SP. No caso dos imigrantes chineses a suas redes migratórias sociais são, predominantemente familiar e/ou de conhecidos.

Em Mococa os chineses escolheram como moradia, principalmente a região central da cidade, onde se estabelecem como comerciantes e empreendedores nas principais ruas do centro da cidade. O espaço urbano e geográfico foi se modificando com o aumento do número de chineses na cidade, principalmente com abertura de lojas de objetos diversos e lanchonetes.

Fotografia 1 – Loja de imigrantes chineses no Centro de Mococa



Fonte: Arquivo pessoal, realizado durante trabalho de campo (2025).

Com a inserção da população chinesa no município, não apenas o setor comercial e

econômico é contemplado, mas também o social e cultural, onde os imigrantes trouxeram consigo novas formas de uso e ocupação do território, além de se construir um espaço mais diversificado etnicamente e culturalmente. Nos estabelecimentos e nas ruas do centro, podemos observar manifestações culturais desses indivíduos, como a comunicação em mandarim entre as pessoas migrantes.

Além do forte movimento migratório de chineses no município de Mococa, nota-se as transformações do capital chinês na cidade, como abertura de negócios, a compra de empresas nacionais e municipais e pactos feitos entre a prefeitura e empresas voltados a troca de capital entre China-Mococa, tendo como exemplo o “Plano Mococa 2050” que visa o desenvolvimento socioeconômico do município.

Por fim a quinta sessão, será destinada aos resultados extraídos através da aplicação de entrevistas e questionários voltados aos imigrantes chineses no município de Mococa-SP, além da realização de trabalhos de campo, os questionários e as entrevistas foram aplicados seguindo alguns tópicos norteadores: 1) Informações Gerais; 2) Educação; 3) Trajetória Migratória; 4) Trabalho e Renda; 5) Integração Cultural; 6) Vida em Mococa e no Brasil; 7) Espaço Livre. No final do corpo do texto será anexado (Anexo I) o roteiro das entrevistas e questionários aplicados.

A motivação estimuladora para a realização desta pesquisa foi a observação da ocupação do espaço geográfico de Mococa pelos imigrantes chineses, principalmente nos anos de 2010, onde o número de imigrantes e estabelecimentos comerciais vinculados a China cresceram de forma exponencial em Mococa. Devido as diferenciações culturais entre os indivíduos chineses e os habitantes locais, que durante quase um século não acompanhava uma onda de imigrantes (a última foi a dos imigrantes italianos, até o início do século XX) tão expressiva refletindo no espaço, e pelos indivíduos advindos de uma localidade tão longínqua, além de a cidade não ser considerada uma cidade com diversas centralidades e aglomerados econômicos, indagando a curiosidade do porque esses fluxos ocorrem.

Como local de Mococa e estudante de Geografia pela Universidade Federal de Alfenas-MG, achou-se pertinente a exploração desta temática e o levantamento de dados e informações sobre esses fluxos populacionais rumo a Mococa. Outro fator fundamental para a realização do estudo foi a inexistência de outro trabalho acadêmico relacionado a imigração chinesas em Mococa e nas regiões próximas ao município, podendo se tornar um arcabouço bibliográfico sobre a temática para os estudos migratórios da região e de Mococa.

Para a compreensão dos fluxos de imigração chinesa em Mococa, o trabalho se objetificou na análise da organização das redes migratórias de chineses rumo ao município,

contextualizando com as aproximações diplomáticas, econômicas, comerciais e de mobilidade entre China-Brasil-Mococa e com conceitos que auxiliaram no andamento da pesquisa como o de Território-Redes, Redes Migratórias, Interações Espaciais e Mobilidade Espacial. E para o aprofundamento da pesquisa foram aplicados entrevista e questionários sobre as percepções dos imigrantes referentes ao processo migratório rumo a Mococa.

No próximo tópico serão exemplificados de forma mais clara o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é analisar e compreender os fluxos migratórios de chineses de Guangdong no município de Mococa, voltados a esfera socioeconômica e a constituição de redes e fluxos rumo ao município paulista.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Contextualizar a temática da pesquisa com os conceitos de: Território-Redes; Redes Migratórias; Interações Espaciais e; Mobilidade Espacial.
- b) Demonstrar as relações e aspectos econômicos entre China, Brasil e Mococa e os respectivos fluxos migratórios de chineses rumo ao territórios brasileiro e mocoquense.
- c) Entender como se ocorre os movimentos populacionais e a constituição de redes migratórias de imigrantes chineses em Mococa.
- d) Trazer as percepções, motivações e desafios encontrados pelos imigrantes em relação ao processo migratório e da integração referente a fixação no município.

1.2.1. Metodologia

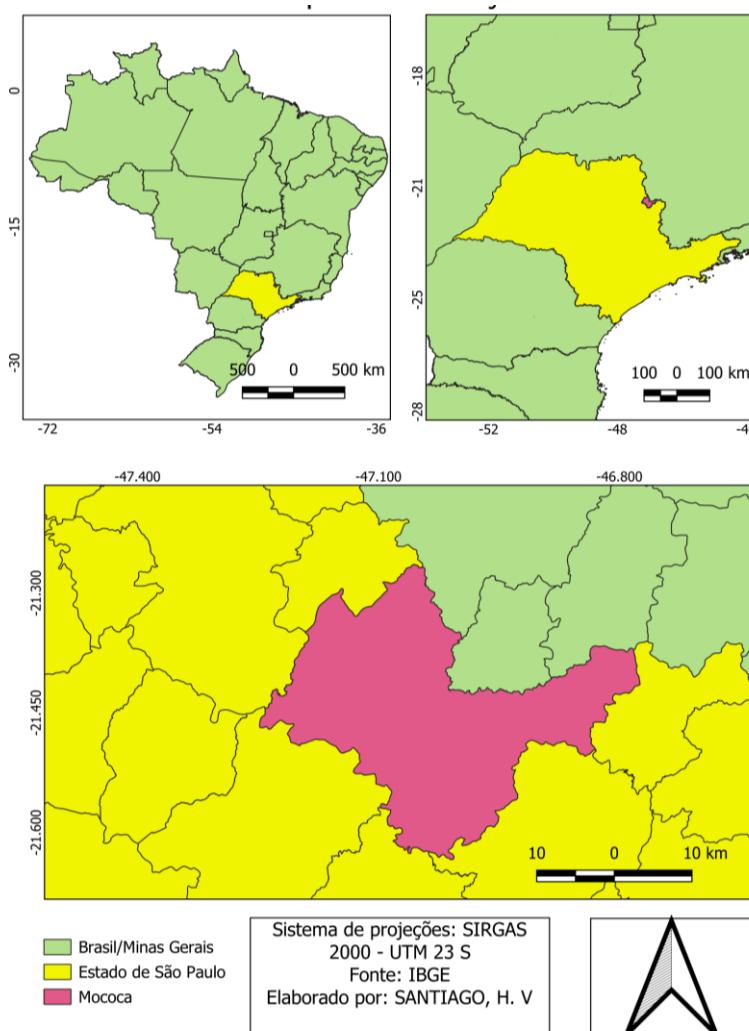
O método utilizado nesta pesquisa foi o exploratório-descritivo, exploratório, pois: foi desenvolvido a temática da migração, explorando diferentes níveis e características destes processos, em especial o caso dos fluxos históricos de imigrantes chineses no Brasil e de imigrantes de Guangdong rumo a Mococa-SP. E descritivo, pois: buscou-se estudar

empiricamente o caso de imigrantes de Guangdong (China) no município de estudo. Sendo uma pesquisa com teor qualitativo.

1.2.2. Área de estudo

A área de estudo desta pesquisa se situa no município de Mococa-SP. O município se localiza a nordeste do estado de São Paulo, entre as bacias dos rios Pardo e Canoas, além de fazer divisa (ao norte) com o estado de Minas Gerais.

Mapa 1 - Localização de Mococa-SP



Fonte: QGIS, com dados do IBGE (2022); elaboração do autor (2025).

O território mocoquense corresponde a uma área de 855,166 km², sendo o quinquagésimo sétimo maior território do estado de São Paulo. Mococa em relação a sua

hierarquia urbana é considerada como Centro de Zona A (4A), a hierarquia urbana é denominada pelo IBGE, como:

indica a centralidade da Cidade de acordo com a atração que exerce a populações de outros centros urbanos para acesso a bens e serviços e o nível de articulação territorial que a Cidade possui por estar inserida em atividades de gestão pública e empresarial. São cinco níveis hierárquicos, com onze subdivisões: Metrôpoles (1A, 1B e 1C), Capitais Regionais (2A, 2B e 2C), Centros Sub-Regionais (3A e 3B), Centros de Zona (4A e 4B) e Centros Locais (5) (IBGE, 2018).

Segundo o IBGE o município está fixado em determinadas regiões administrativas, sendo elas: Região de Influência do Arranjo Populacional de Ribeirão Preto/SP – Capital Regional A (2A)⁷; Região Intermediária de Campinas; Região Imediata de São José do Rio Pardo – Mococa; Mesorregião de Campinas; e Microrregião de São João da Boa Vista (IBGE, 2024).

A população de Mococa no ano de 2022 era de 67.681 habitantes, com uma densidade demográfica de 79,14 habitantes por quilometro quadrado, a estimativa para o ano de 2024 era de 69.324 habitantes. A faixa etária em que se apresenta o maior número de pessoas é de 40 a 44 anos, tanto no gênero feminino, quanto no masculino (IBGE, 2024).

Segundo o IBGE, no ano de 2005, o número de migrantes (nacionais ou internacionais) eram de 3.773 indivíduos, porém na observação do espaço geográfico nos dias atuais o número pode ser maior.

1.2.3. Passos metodológicos

O passo primário se deu antes da iniciação da pesquisa, através da observação da inserção de indivíduos chineses na sociedade e na economia do município de estudo e seus respectivos estabelecimentos comerciais na região central da cidade. A partir desta observação, buscou-se fazer um projeto de pesquisa em torno da imigração chinesa em Mococa-SP, buscando-se compreender como e por quê estes fluxos ocorrem em um município do interior de São Paulo.

A estruturação da pesquisa se norteou em bibliografias, conceitos, observação do espaço de estudo, dados primários (questionários e entrevistas), através de trabalhos de campo, transcrições de áudios e coleta de dados secundários (órgãos, instituições, etc.)

⁷ “Cada Cidade se vincula diretamente à região de influência de pelo menos uma outra Cidade, vínculo que sintetiza a relação interurbana mais relevante da Cidade de origem, tanto para acessar bens e serviços quanto por relações de gestão de empresas e órgãos públicos” (IBGE, 2018).

referentes a temática e o uso de aplicativos de tradução como o Google Tradutor o Google Lens. Os processos metodológicos constituídos nesta pesquisa foram divididos em cinco sessões distintas (que serão demonstrados após este parágrafo), buscando o entendimento e maior compreensão das especificações socioeconômicas, de produção do espaço geográfico e da mobilidade dos movimentos migratórios de chineses rumo a Mococa.

Na segunda sessão em que se debate as questões teórico-metodológicas da temática migração e as caracterizações de fluxos populacionais pela a OIM, foi realizada através de uma revisão bibliográfica sobre cada temática exposta por meio de artigos, teses, dissertações e livros disponibilizados em anais de eventos, revistas eletrônicas, em bibliotecas de outras instituições, da própria Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL), entre outros.

Em relação as questões teórico-metodológicas se estruturou no texto através de seis tópicos exemplificando nos cinco primeiros eixos as questões migratórias sobre a luz das determinadas teorias e por fim uma síntese. A caracterização das migrações feitas pela OIM, foi separada em apenas um tópico.

Os eixos temáticos foram separados em: 2.1.1. Corrente Clássica; 2.1.2. Estudos Neoclássicos; 2.1.3. Teoria das Redes Sociais; 2.1.4. Teoria dos Sistemas Migratórios; 2.1.5. Teoria do Sistema Mundo; 2.1.6. Síntese das correntes migratórias e; 2.2. Tipologias e caracterização dos fenômenos migratórios, segundo o glossário (2009) da Organização Internacional para as Migrações (OIM). Esta etapa debaterá estes temas a partir de autores e instituições em suas respectivas épocas.

A terceira sessão que trata dos conceitos Territórios-Redes, Redes Migratórias, Interações Espaciais e Mobilidade Espacial se fez somente através da revisão bibliográfica e teórica sobre as temáticas expostas, trazendo a luz autores clássicos e atuais para o debate desta sessão.

A quarta sessão que trata das relações bilaterais sino-brasileiras e das fases históricas dos fluxos de imigrantes chineses rumo ao Brasil se estruturou através de referenciais bibliográficas, coleta de dados secundários e tabulações dos resultados em tabelas e gráficos.

No quesito dos referenciais teóricos buscou-se autores que tratavam das determinadas temáticas: Globalização Econômica; relações diplomáticas, econômicas e comerciais entre Brasil e China (bilateralidade das relações); e dos fluxos históricos de imigrantes e indivíduos chineses rumo ao Brasil. Além de declarações disponibilizadas pelo Ministério das Relações Exteriores.

A coleta de dados secundários foi concluída e analisada através dos seguintes órgãos, instituições e plataformas digitais: COMEXSTAT e COMEXVIS (disponibilizados pelo

Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços); CDP⁸; *World Bank*; *Un Comtrade*⁹; CEBC; CGTI; Associação Chinesa do Brasil; Ministério da Justiça; Censo Demográfico de 2010; Assembleia Legislativa de São Paulo e; Consulado Chinês no Brasil.

As tabulações de alguns resultados foram organizadas em gráficos feitos através do Microsoft Excel com dados disponibilizados pelo COMEXSTAT e COMEXVIS; CEBC, elaborado por Cariello (2024) e; CGTI. Em relação a tabela presente, os dados foram disponibilizados por: Weinong (2012) e Associação Chinesa do Brasil.

Na quinta sessão que trata sobre os aspectos econômicos de Mococa, das relações econômicas e políticas entre Mococa e China e um breve contexto do fluxo de imigrantes italianos em Mococa, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as temáticas, através de autores, instituições (como a Prefeitura de Mococa); jornais eletrônicos e revistas.

Em conjunto, foi feito um levantamento de dados secundários por meio de plataformas, instituições e órgãos, como: COMEXSTAT e COMEXVIS (disponibilizados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços); RAIS; CAGED; Receita Federal; IBGE e: SINDLAT.

Por fim, foi feito gráficos através do Microsoft Excel, com dados provenientes do COMEXSTAT.

A última sessão de desenvolvimento foi realizada através da coleta de dados primários por meio da aplicação de entrevistas e questionários, trabalho de campo e, a posterior tabulação dos dados por meio da escrita, criação de tabela e de mapas, e também de fotografias realizadas durante o trabalho de campo.

Nesta etapa os sentidos sensoriais foram de extrema importância para a análise dos fenômenos geográficos apresentados, principalmente a observação/visão, a audição e a comunicação/fala.

A elaboração das entrevistas e questionários foram feitos em conjunto (em apenas um roteiro de entrevista/questionário), pois foi pensado que os participantes não gostariam de serem gravados, como no caso de metade dos participantes, o roteiro de entrevista/questionário e suas respectivas perguntas estarão disponibilizados no Anexo I.

Logo após, foi feito um trabalho de campo para localizar os estabelecimentos comerciais de imigrantes chineses no município de Mococa.

⁸ Organização global sem fins lucrativos, que administra o maior sistema de divulgação ambiental do mundo, que tem por finalidade analisar impactos ambientais.

⁹ Base de dados oficial das Nações Unidas, contendo estatísticas detalhadas de importação e exportação de quase 200 países, fornecendo dados do comércio internacional.

Com a localização dos comércios foi feita a tentativas de entrevistas e/ou de aplicação dos questionários aos imigrantes, foram feitas um total de 12 tentativas, sendo bem-sucedidas apenas 4 (duas entrevistas e dois questionários), em um dos casos uma funcionária de determinado estabelecimento ajudou a mediar a entrevista, devido ao maior entrosamento com o participante, especialmente na questão da comunicação. Os imigrantes que não quiseram participar relataram receio sobre a pesquisa, dificuldade de entender o português e/ou simplesmente não quiseram participar.

Para o auxílio da comunicação entre entrevistador e entrevistado, foram utilizados (em 2 entrevistas/questionários) por ambos, aplicativos de tradução (Google Tradutor) e de tradução de imagens (Google Lens). Um dos entrevistados relatou que usa essas ferramentas quase que diariamente, dizendo que há algumas variações ou erros na tradução, mas que de modo geral o contexto do que quer ser traduzido é satisfatório e o mesmo compreende determinada situação

As fotografias presentes nestas sessões foram tiradas durante os dias em que foram realizados os trabalhos de campo para conseguir os dados necessários e um dia separado para a demarcação dos pontos comerciais para a realização do mapa.

Após a coleta de dados, os mesmos foram analisados e disponibilizados nesta pesquisa por meio de gráficos (Planilhas-Google, através da criação de um formulário online – Google Forms); Tabela (elaboração do autor com os dados da pesquisa); Mapas (processado no Qgis, dados provenientes do IBGE, 2022); transcrição de áudios; e descrição escritas dos resultados.

Infelizmente a Prefeitura de Mococa e nem a ACI, disponibilizaram dados para a pesquisa, relatando ou não saber onde encontrar ou em qual setor estariam esses dados ou simplesmente comentaram que não havia nenhum dado disponível sobre imigrantes internacionais no município, gerando estranheza.

2 DEBATES METODOLÓGICOS E CORRENTES TEÓRICAS DA MIGRAÇÃO

2.1 DEBATES METODOLÓGICOS E CORRENTES SOBRE A TEMÁTICA MIGRATÓRIA

2.1.1 Corrente clássica

Os estudos migratórios tiveram sua gênese no século XIX, sendo debatidos por geógrafos, sociólogos, filósofos, historiadores, entre outros. Tendo em foco a teoria clássica, como no caso de Marx (1840) que interpretou as migrações como consequências da lógica de acumulação capitalista, em outras palavras, que a concentração de capital está vinculada à concentração humana, onde o autor denomina o fenômeno como “Lei Geral da Acumulação Capitalista”. Marx traz como exemplo a emigração irlandesa correlacionado com a queda na produção agrícola do país, relacionando este fenômeno com o grande aumento populacional urbano inglês (Oliveira, 2014).

Engels (década de 1840) também fez sua análise sobre os movimentos migratórios entre Irlanda e Inglaterra, assim como Marx, Engels julgava o processo migratório como consequência da concentração capitalista nos espaços urbanos, o mesmo conclui que os imigrantes contribuiriam, especificamente, culturalmente para rebaixamento das condições de vida da classe trabalhadora inglesa (Oliveira, 2014).

Outro pensador que deixou sua marca nos estudos migratórios foi Durkheim (década de 1890), que analisou a correlação entre os movimentos migratórios e o aumento populacional das cidades, além das consequências na divisão do trabalho e também na dissolução de comunidades tradicionais, onde essas, se transformaram-se em sociedades orgânicas, havendo uma quebra nos valores comuns da época (Oliveira, 2014).

Max Weber (década de 1890) também debateu os fluxos migratórios sob a ótica da teoria clássica: compreendia as migrações (fator incidental) como capazes de produzirem novas classes sociais e diversidades étnicas em um território (Weber, 1981), onde o autor analisou a inserção do capitalismo nas áreas rurais na Alemanha e as consequências do êxodo rural, e da migração de poloneses para os campos alemães, e também o processo de proletarianização dos trabalhadores alemães.

O geógrafo Ravenstein (entre 1885 e 1889) cria as chamadas “Leis das Migrações” que se caracterizava como um fenômeno que acontece por disparidades econômicas entre as localidades, onde os grandes centros industriais, comerciais e/ou urbanos são espaços de atração. O autor também analisou a relação entre a distância percorrida e o movimento migratório, que constituía na seguinte tese; quanto menor for a distância maiores serão os números de imigrantes e quanto maior a distância menor será a quantidade de indivíduos (Ravenstein, 1889).

Simmel (década de 1910) afirmou que os deslocamentos populacionais são fundamentais para a construção da realidade social contemporânea, e comparou as diferenças entre sociedades migrantes e sociedades “estáveis”, onde nas localidades marcadas pela migração eram capazes de desenvolver um espaço com novas interações sociais e organizações políticas (Simmel, 1979).

Park (décadas de 1910 e 1920) também da teoria clássica, trouxe para o debate a importância da integração de grupos migrantes, principalmente nos EUA. O autor explicita que quando um grupo migrante que apresenta uma cultura muito diferente dos indivíduos do país receptor encontra dificuldades nos processos de assimilação e aculturação, trazendo conceitos como “estrangeiro”, “preconceito étnico” e “ecologia humana”.

Os pesquisadores Thomas e Znaniecki (década de 1920), em conjunto, publicaram o “*The Polish Peasant in Europe and America*”. Este livro, buscou a compreensão da realidade de um grupo de imigrantes poloneses, através de depoimentos em forma de cartas, através de um dos indivíduos integrantes do grupo. O objetivo principal do livro era o estudo do comportamento de imigrantes que viviam em lados opostos do oceano Atlântico, tratando de temas como preconceito racial, valores morais e assimilação (Oliveira, 2014).

2.1.2 Estudos neoclássicos

Na teoria neoclássica temos pensadores como Lee (década de 1960), que caracterizava as migrações como qualquer mudança de residência permanente ou semipermanente, não levando em consideração as distâncias percorridas de um espaço para outro, ou seja, as migrações como sendo qualquer mudança de habitação, sendo para outro país, Estado, continente ou até mesmo de bairro (Peixoto, 2004).

Sjaastad (década de 1960), afirmou a migração como uma forma de investimento, aumentando a produtividade dos recursos humanos, possuindo custos, porém que envolve retornos. Esta vertente econômica está ligada a ideia de investimento em capital humano,

sendo este investimento fundamental para que os movimentos migratórios sejam sustentáveis e benéficos. Assim como Sjaastad, Becker (década de 1980), fez sua análise das migrações através da economia, tendo como argumento que a migração deve ser analisada através de seus custos e benefícios a logo prazo (Peixoto, 2004).

Outro pensador neoclássico foi Portes (década de 1990), que baseava seu pensamento através da sociologia econômica, entendendo que os migrantes se configuram como integrantes de estruturas sociais, influenciando de forma direta, em sua mobilidade espacial, econômica e social, além de trazer debates sobre esses migrantes em relação a temas como centro-periferia e questões étnicas (Portes, 1997). Em conjunto com Portes, Borocz estes autores debatem sobre a diversidade de fluxos populacionais, onde esses não se concentram apenas em países com o capital desenvolvido, devido a impasses geográficos, econômicos, de trajetória, políticas, etc. onde os migrantes optam por países em que o desenvolvimento do capital ainda está em andamento (Oliveira, 2014), devido a questões políticas, de proximidade, culturais, etc.

Para finalizar a teoria neoclássica, Bailey (décadas de 1980 e 1990), comenta que as migrações são ações de seus indivíduos, ou seja, esses indivíduos só migram quando os custos de deslocamento são menores do que os benefícios esperados (Bailey, 1993)

2.1.3 Teoria das redes sociais

A teoria das redes sociais se inicia na década de 1990, com pensadores como Massey (década de 1990), onde segundo seus pensamentos, Cigolini e Souza, discutem a migração como:

fez uma relação entre migrações e influência dos períodos coloniais, considerando que a forma como as migrações internacionais acontecerem está intimamente ligada com o passado colonial de uma dada região . Os movimentos são alimentados, principalmente, pelas reminiscências de afinidades culturais e linguísticas, bem como pelos transportes e comunicações, capazes de permitir a formação de específicos mercados transnacionais e sistemas culturais (Massey apud. Cigolini e Souza, 2021, p.191).

Outro pensador adepto a esta teoria foi Tilly (década de 1990), para o autor as migrações eram deslocamentos grupais, fenômenos esses, que se configuram em redes de ligação. Essas redes têm como papel a manutenção dos fluxos migratórios (Tilly, 1990).

Santos (década de 2000), também contribui para a teoria das redes sociais, caracterizando a migração como um fenômeno chave para a compreensão das dinâmicas da globalização. Onde os fluxos migratórios criam alterações em escala local (econômicas ou

culturais), desenvolvendo-se em redes, sendo o migrante a chave para a construção de um espaço transnacional globalizado (Santos, 2007).

Outro pensador desta teoria foi Sayad (década de 1990 e 2000), que segundo Cigolini e Souza, traz o pensamento migratório como:

sustenta que os movimentos migratórios se estabelecem através da dupla ausência do migrante, que carrega consigo uma condição que deriva para uma dupla existência e, ao mesmo tempo, ausência. Quando sai de sua terra, o indivíduo não é mais um ator político local, porém a sociedade que o recebe também não o reconhece como tal. O autor nomeia tal condição como “estado duradouro com intenso sentimento de provisoriedade. (SAYAD, 1998; Cigolini e Souza, 2021, p.192).

2.1.4 Teoria dos sistemas migratórios

Outra teoria que debate o tema dos processos migratórios se denomina como dos “sistemas migratórios”, Peixoto (década de 2000) traz à tona essa teoria analisando o fenômeno migratório em várias temáticas, como: os limites territoriais; duração ou periodicidade do movimento; motivações dos migrantes; grau de voluntariedade da migração; condições de trabalho dos migrantes ou atividades e inatividades profissionais; estatuto profissional; atividade econômica desempenhada; e níveis de instrução dos migrantes (Peixoto, 2004).

2.1.5 Teoria do sistema-mundo

Por fim, a última teoria, a do sistema-mundo, defendida por Wallerstein (décadas de 1970 e 1980), o autor considera o mundo sendo dividido em três partidos (centro, semiperiferia e periferia), entendendo que as migrações internacionais estão vinculadas às estruturas do sistema de forma total, existindo assimetrias, principalmente, nos campos econômicos e sociais, gerando relações de dependências, onde essas dependências influenciam nos fluxos migratórios. O excesso de mão de obra nas periferias, criaram um exército de reserva que tende a atender as necessidades dos países centrais (Peixoto, 2004).

2.1.6 Síntese teórica das correntes dos estudos migratórios

Percebe-se que os teóricos clássicos (a partir do século XIX), percebem os fenômenos migratórios como ações do capital, relacionados a situação econômica da época, tendo como um dos principais exemplos debatidos a centralidade urbana sobre o espaço rural. Peixoto (2014), diz que atores como Simmel (1979) e Weber (1981), buscavam entender a capacidade dos imigrantes em se adaptarem/assimilarem ao novo território e sociedade.

Já no pensamento de Ravestein (1889), considerado o primeiro autor a tratar de forma específica as relações migratórias e notar sua complexidade, o autor entende a migração como um fenômeno de ocorrência e, portanto, de impossível determinação, não havendo maneira precisa para descrever e o porquê as migrações ocorrem e, conseqüentemente, de sua origem, sendo a imprevisibilidade humana um conjunto de ações complexas para a tentativa de estipular padrões (Cigolini e Souza, 2021).

Em relação ao pensamento neoclássico, os fenômenos migratórios são explicados pelas diferenciações econômicas regionais, que motivam os deslocamentos de migrantes em busca de melhores condições de vida.

No final do século XIX e durante o século XX, surgem novas teorias (a teoria das redes sociais, teoria dos sistemas migratórios e teoria do sistema-mundo), que pautavam as migrações na relação entre dependência entre países e desenvolvimento, ou em relação as redes sociais (familiares, amigos, conhecidos, organizações, etc.) que eram o gênese dos processos migratórios, outras temáticas como a expansão da globalização e do avanço dos meio-técnico-científico (transportes, comunicações, etc.) também são centro de debates para esses autores.

Em especial a teoria das redes sociais se apresenta mais adequada para o debate migratório atual, sendo capaz de elucidar grande parte dos movimentos migratórios do século XX e XXI. Pois esta teoria, considera as configurações de um mundo cada vez mais globalizado e desenvolvido no meio-técnico-científico-informacional, confirmando que o desenvolvimento de fluxos migratórios e das redes migratórias, são advindas, primordialmente, pelo avanço tecnológico e capacidade de comunicação entre os indivíduos participantes desses fluxos. Para Cigolini e Souza e Santos:

que essa migração de informações, que precede a migração de fato, pode beneficiar a construção de uma transnacionalidade na qual os apreços culturais são cada vez mais comuns e identificáveis, mesmo entre sociedades tão distantes ou economicamente distintas (Santos, 2007; Cigolini, Souza, 2021, p.193-194)

De modo geral, até os dias atuais, a confirmação de Ravenstein (1889), continua viva, onde a migração continua sendo um fenômeno complexo e amplo e carente de uma teoria geral que o consiga denominar estes processos migratórios.

Tabela 1: Diferenciação entre as correntes teóricas que debatem a migração

Teorias	Período	Características	Decisão de migrar	Autores citados
Teoria Clássica.	- Século XIX e início do século XX.	<ul style="list-style-type: none"> - Análise das migrações relacionadas ao desenvolvimento do capitalismo. - Observação dos processos migratórios através dos movimentos campo-cidade. - Análise da divisão do trabalho e seus impactos na migração. - Vista das disparidades econômicas entre as localidades. - Compreensão das transformações do espaço (lugar receptor e lugar de saída), advindas da migração. 	- Para os autores dessa corrente, os processos migratórios, ocorriam predominantemente, devido as transformações e reorganização do sistema capitalista, e consequentemente da divisão do trabalho.	- Marx, Engels, Durkheim, Weber, Ravenstein, Simmel, Park, Thomas e Znaniecki
Teoria neoclássica	Segunda metade do século XX	<ul style="list-style-type: none"> - Migração como sendo qualquer mudança de residência. - Investimento em capital humano (ver se a migração vale a pena economicamente). - Análises da migração no 	- Processos migratórios ocorrem quando no país receptor haverá melhores oportunidades econômicas e sociais, comparadas ao território de origem	Lee, Sjaastad, Portes, Becker, Borocz e Bailey

		âmbito social e econômico.		
Teoria das redes sociais	Final do século XX e século XXI	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos migratórios vinculados ao passado colonial dos países. - Migrações ocorrem em redes de ligação. - Desenvolvimento de redes. - Sistemas migratórios. - Coexistência do ser emigrante e imigrante em um só indivíduo. 	<ul style="list-style-type: none"> - As migrações ocorrem com o desenvolvimento e fortalecimento de redes (sociais, migratórias, econômicas, etc.), influenciando na decisão de migrar do indivíduo. 	Massey, Tilly, Santos, Peixoto e Sayad.
Teoria do sistemas migratórios	Décadas de 2000	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos limites territoriais e a periodicidade do movimento. - Perspectiva do trabalho, das atividades econômicas e níveis de instrução educacional e profissional 	<ul style="list-style-type: none"> - Migração voltada ao trabalho, busca por melhores condições econômicas, financeiras e trabalhistas. 	Peixoto
Teoria do sistema-mundo	Décadas de 1970 e 1980.	<ul style="list-style-type: none"> - Mundo dividido em 3 (centro, periferia, semiperiferia). - migrações internacionais vinculadas às estruturas do sistema 	<ul style="list-style-type: none"> - Se advém dos países periféricos para os centrais, devido ao excesso de mão de obra. - Pode ocorrer o fluxo contrário, onde se migra do centro para periferia, devido a falta de mão de obra qualificada nos países periféricos. 	- Wallerstein

Fonte: elaboração do autor (2025).

2.2. TIPOLOGIAS E CARACTERIZAÇÃO DOS FENÔMENOS MIGRATÓRIOS, SEGUNDO O GLÓSSARIO (2009) DA OIM

Nos dias atuais há diversos fluxos migratórios ocorrendo todos os dias, porém o processo da migração não pode ser denominado como um fenômeno único, o mesmo, apresenta diversas facetas e formas de como esses fluxos se deslocam no espaço, onde cada migração apresenta sua pluralidade e unicidade, porém na necessidade de enquadrar esses fluxos, foi necessário a criação de conceitos, a fim de generalizar casos de migração.

Segundo a Organização Internacional para as Migrações, em seu glossário (2009), denomina os tipos de migrações existentes no mundo contemporâneo. A OIM, considera o processo de migração como, um fenômeno de atravessamento de determinada fronteira, sendo ela de um Estado ou país (internacional), denomina como um movimento populacional, que agrega qualquer deslocamento de um indivíduo, independentemente da extensão do trajeto e de uma localidade para outra, e também de suas causas (OIM, 2009).

Como dito, há várias formas de migrações, como a assistida, que se caracteriza pela circulação de migrantes que são acompanhados e apoiados por “Governo de Governos” (OIM, 2009, p.40) ou de alguma organização internacional.

Outro tipo de migração é a circular, que consiste em um movimento temporário, de forma mais permanente, entre países que quando de maneira voluntária e vinculada as necessidades de trabalho de determinado países de destino, podendo beneficiar ambos (OIM, 2009).

A migração clandestina ocorre, quando acontece de forma encoberta ou secreta, ou seja, violando as exigências matérias da imigração internacional e/ou do país de origem e destino. Podendo acontecer quando um estrangeiro/imigrante inflige os regulamentos de entrada de determinado país, ou tendo entrado de forma legal, porém viola os termos do regulamento em específico, como o vencimento de seu visto e o mesmo permanece no país de forma ilegal (OIM, 2009).

Outro tipo, é a migração de retorno, onde a OIM a classifica como:

Deslocação de pessoas que regressam ao seu país de origem ou de residência habitual, geralmente, depois de passarem, pelo menos um ano noutro país. Este retorno pode ou não ser voluntário. A migração de retorno inclui o repatriamento voluntário (OIM, 2009, p. 41).

A migração em massa/coletiva, se caracteriza pela migração em grupos, sendo eles pequenos ou grandes, ou tendo auxílio de outros indivíduos, tanto no país de origem como no receptor (OIM, 2009).

Em seguida, há a migração espontânea, onde o migrante ou grupos de migrantes, efetuam sua trajetória e seu fluxos de forma autônoma. Este tipo de migração é comumente

causado por fatores de atração e de repulsão, tendo como característica a falta de assistência estatal, nacional ou internacional (OIM, 2009).

A migração forçada acontece quando o movimento migratório há um elemento de coacção, ameaças à vida ou à sobrevivência do indivíduo, havendo diversas causas, como: as naturais; políticas; religiosas; guerras e conflitos; crises humanitárias; entre outros, (OIM, 2009).

Já a migração ilegal/irregular se configura como um movimento que acontece fora das normas reguladoras dos países de envio, trânsito e de acolhimento. Não havendo uma definição concreta ou geral. O glossário da OIM, ainda afirma:

Da perspectiva dos países de destino a entrada, a permanência e o trabalho num país é ilegal, sempre que o migrante não tenha a necessária autorização ou os documentos exigidos pelos regulamentos de imigração relativos à entrada, permanência ou trabalho de um dado país. Da perspectiva do país de envio a irregularidade é vista em casos em que, por exemplo, uma pessoa atravessa a fronteira internacional sem um passaporte válido ou documentos de viagem ou não preenche os requisitos administrativos para deixar o país. Há, porém, a tendência de usar o termo “migração ilegal” nos casos de contrabando de migrantes e de tráfico de pessoas (OIM, 2009, p. 41-42).

A migração individual é marcada pelo fluxo migratório de apenas uma pessoa ou quando este indivíduo está com sua família. De forma geral, estes movimentos são autofinanciados ou apresenta um investimento individual, governamental ou organizacional (OIM, 2009).

Outro tipo é migração interna que consiste na circulação de indivíduos de uma região do país para outra, tendo como objetivo a fixação de moradia. A migração interna pode ser permanente ou temporária, o migrante se desloca, porém continua no mesmo país de origem (OIM, 2009).

Em contrapartida temos a migração internacional, é o movimento de pessoas que saem de seu país de origem para se fixarem temporariamente ou permanentemente em outro país, sendo necessariamente a transposição de fronteiras internacionais (OIM, 2009).

A migração laboral é conhecida pelo fluxo de indivíduos do seu Estado para outro Estado, em busca de melhores condições de trabalho e emprego. Esta migração está regulamentada em praticamente todos os Estados (OIM, 2009)

Já a migração líquida ou total, é classificada pela OIM, como:

Soma das entradas ou das chegadas de imigrantes e líquida das saídas ou das partidas de emigrantes que corresponde ao volume total de migração e se designa por migração total, distinguindo-se da migração líquida ou da balança migratória que resulta da diferença entre as chegadas e as partidas.

Este balanço designa-se imigração líquida se número de chegadas for superior ao das partidas e emigração líquida se o número de partidas for superior ao número de chegadas (OIM, 2009, p.42-43).

O próximo tipo de migração é a ordenada sendo um fluxo de indivíduos de um lugar de residência para um outro local residencial seguindo as leis e regulamentos que instruem a sua saída de seu país, além de seguirem as normas referentes a trajetória e do país receptor (OIM, 2009).

A migração regular, envolve a circulação de indivíduos de forma legal. Outro tipo é a migração secundária, marcada pelo deslocamento no interior do país de acolhimento, distante de sua terra natal (OIM, 2009).

Neste sentido, a história da humanidade sempre foi marcada por fluxos migratórios, onde os indivíduos buscam novos territórios para sua sobrevivência e melhorias em sua condição de vida. Nas últimas décadas esses fluxos se intensificaram, devido ao desenvolvimento de um mundo cada vez mais globalizado, sendo assim, modificam e reconfiguram as relações econômicas, culturais, políticas e sociais em diferentes territórios (Ferreira e Bomtempo, 2018).

3. CONCEITOS APOIADORES PARA O ENTEDIMENTO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS

3.1 TERRITÓRIO-REDES

A constituição de um território, pode ter várias definições, diversas fronteiras, apresentando vários significados aos indivíduos desta localidade ou até mesmos os que não pertencem a ele. Os territórios se caracterizam pela sua demarcação de certa porção de terra, sendo está delimitação feita na materialidade ou na imaterialidade (sentimento de pertencimento a algum lugar, por exemplo), e também, pela produção do espaço geográfico, a partir, das relações sociais e seus movimentos entre os territórios.

Para Fischer (1999, p.99), o território se difere do espaço, pois “o território é apropriado e utilizado, ele é necessariamente dotado de infra-estruturas, de superestruturas e de equipamentos; o espaço, este, pode ser virgem de todo o equipamento”. Neste sentido, o território é entendido, como:

um espaço limitado, no qual se exercem poderes (controle, organização), inscrevem-se projetos sociais (planificação, desenvolvimento, arrançamento), exprimem-se estratégias de valorização (exploração dos recursos), confrontam-se os interesses mais ou menos conflituais de diferentes atores.

A correlação entre espaço e território, também é debatida por Raffestin (1993, p.143) onde, o “território se forma a partir do espaço, e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível”. Ou seja, o espaço social ou território é coberto por várias formas, estruturas e funções, sendo essas, geradoras de contradições e diversos níveis de interações, a partir, de uma dialética das forças econômicas, políticas, e geográficas que se desenvolvem ao longo do tempo (Videira, 2005).

O território é constituído, através de uma construção histórica, conseqüentemente, social, onde as relações de poder (simbólico e concreto), são fundamentais para identidade do mesmo e da sociedade que o ocupa, além do espaço geográfico e físico que caracteriza determinado território (Haesbaert e Limonad, 1999). O território se reproduz e organiza os corpos presentes nele, de duas maneiras: histórico-cultural (subjativa) e político-econômica (concreta), para Haesbaert e Limonad:

o território possui tanto uma dimensão mais subjativa, que propomos denominar de consciência, apropriação subjativa ou mesmo, em alguns casos, identidade territorial, e uma dimensão mais objetiva, que propomos denominar de dominação do espaço, num sentido mais concreto, realizada por instrumentos de ação político-econômica. (HAESBAERT e LIMONAD,

1999, p. 10).

Este território se apresenta como um movimento repetitivo, onde a questão de se territorializar “significa também, hoje, construir e/ ou controlar fluxos/redes e criar referenciais simbólicos num espaço em movimento, no e pelo movimento” (Haesbaert, 2004).

Já a rede, apresenta um duplo caráter desterritorializador e territorializador e não anula o território (Braga, 2010).

Para nossos propósitos, a característica mais importante das redes é seu efeito concomitantemente territorializador e desterritorializador, o que faz com que os fluxos que por elas circulam tenham um efeito que pode ser ora de sustentação, mais ‘interno’ ou construtor de territórios, ora de desestruturação, mais ‘externo’ ou desarticulador de territórios (Haesbaert, 2004, p. 294).

O território-rede se caracteriza por este caráter móvel do território, especialmente nos dias atuais, marcada pela evolução dos sistemas de comunicação e transporte, que conectam e se desconectam dos territórios (Braga, 2010).

O território e suas interações espaciais, principalmente as sociais e migratórias, estão cada vez mais difundidas entre si, com o constante desenvolvimento da globalização. Essas interações espaciais se ampliam na sociedade contemporânea, tanto nas comunicações como nas circulações de pessoas e mercadorias (Corrêa, 1997). Essas interações espaciais formam territórios-rede, que se articulam como representações das memórias e vínculos sociais/espaciais que o indivíduo carrega de seu território de origem, no qual, é coberto de significados e simbolismos (Haesbaert, 2006). Consequentemente, ocorre o fenômeno dos múltiplos territórios, onde, os fluxos migratórios e de diáspora, ajudam a dispersar e fundir os processos culturais de diferentes territórios em um único ponto, para Haesbaert:

Mesmo que tenhamos apenas a sobrevivência de referências territoriais puramente simbólicas, e que estas se reportem não a territórios particulares (como o Estado nação ou a região de origem), mas aos múltiplos territórios ou à própria dispersão (territórios dispersos) que compõem o grande território-rede da diáspora, ainda assim devemos falar num tipo muito próprio de reterritorialização, uma territorialização múltipla, na dispersão, articulada em rede, “com ou no movimento” (inerente à diáspora) e altamente simbólica – em outras palavras, uma multiterritorialidade em sentido estrito (Haesbaert, 2006, p. 356).

A palavra / conceito “redes” é encontrada, tanto nas ciências humanas e exatas, como na vida cotidiana, sendo um termo muito popular nas ciências em geral como na prática, devido a flexibilização da palavra e suas possibilidades de utilização em diversas áreas para definir determinadas situações, a Geografia não fica de fora, e se apropriou do termo, para denominar certos fenômenos (Santos, 1996). Claude Raffestin, denomina o conceito de redes,

voltado a ciência geográfica, como:

A rede aparece, desde então, como fios seguros de uma rede flexível que pode se moldar conforme as situações concretas e, por isso mesmo, se deformar para melhor reter. A rede é proteiforme, móvel e inacabada, e é dessa falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: se adapta às variações do espaço e às mudanças que advêm no tempo. A rede faz e desfaz as prisões do espaço, tornado território: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o “instrumento” por excelência do poder (Raffestin, 1993, p. 204).

Sendo assim, as interações sócio-territoriais funcionam através das redes, fluxos e circuitos. A territorialidade deste espaço ocorre devido a uma rede de relações, onde a informação é feita e reproduzida. As redes, circuitos e fluxos adaptam as instituições e relações de um território, sendo assim, o poder se organiza e reorganiza os espaços geográficos e suas interações espaciais (Videira, 2005). As redes, fluxos e circuitos, transformam o território a todo momento, vinculadas ao capital e as relações de poder.

As fronteiras dos territórios, atualmente se apresentam de forma mais flexível, devido a uma lógica que imprime ao espaço um caráter de intensos fluxos, onde o espaço das fronteiras bem demarcadas se torna um lugar de múltiplas conexões. Neste contexto, a percepção de espaço e tempo se modificam em relação a agilidade dos movimentos, das informações, capitais, pessoas, etc. impostas pelo desenvolvimento do meio-técnico-científico-informacional, denominado por Harvey (1992) como a “compressão do tempo e do espaço”.

As redes como citadas por Raffestin, se configuram e adaptam no espaço e no tempo, e sua forma inacabada, abre possibilidades de análise, para diferentes situações, sendo assim, as redes migratórias se articulam entre os territórios do mundo. Com essa característica de adaptação e de flexibilização, os processos migratórios, põem em foco, os papéis dos Estados, instituições, e principalmente dos imigrantes, que reconfiguram e se territorializam em outros territórios.

Dessa forma, as migrações representam processos constantes de des-reterritorialização em territórios-redes, com as mais variadas finalidades e usos. Para Marcos Saquet e Marcos Mondardo, a importância das redes e dos processos de desterritorialização e da reterritorialização:

a rede deve ser compreendida como elemento indispensável para a construção de territórios durante a mobilidade espacial da população e, ainda, deve ser elemento de solidariedade e de conflitos, enfim, do processo dialético que se circunscreve à migração através da desterritorialização e da reterritorialização (Saquet e Mondardo, 2008, p. 120).

Sendo assim, o movimento dialético do processo de territorialização-

desterritorialização-reterritorialização (T-D-R) e as redes que forma diferentes territórios através das bases imateriais e materiais, que se organizam por meio de relações de poderes, que se origina a identidade de determinado território (Raffestin, 1993). As redes migratórias, se inserem nos processos de T-D-R e reconfiguram as dinâmicas e identidades dos territórios, modificando o espaço geográfico e as relações socioeconômicas, culturais e políticas.

Para Santos (1996), os processos de mobilidades dentro dos territórios se dão através, não só dos indivíduos, mas também do capital, informações, imagens e ideias que mudam e circulam de lugar, podendo gerar desculturação, estranhamento e processos de T-D-R. Estes processos de desterritorialidade podem se apresentar em diversas esferas (econômicas, sociais, políticas e culturais), sendo mais frequentes durante períodos de crises (instabilidade econômica, desemprego, etc.), podendo ser na escala local e global.

Os processos de territorialização e desterritorialização, geram um novo processo de formação de territorialidades ou de reterritorialização, que para Andrade (1994), produzem novas formas de domínio e de uso do território. Estas novas territorialidades, se fixam e se movimentam no espaço geográfico de várias formas, algumas visíveis e outras não, como a economia informal (desenvolvida no neoliberalismo), as favelas transformando a paisagem e os migrantes que criam e recriam relações sociais no local.

Neste sentido, os territórios que se encontram cada vez mais diversos e complexos, acompanhados pelo fenômeno da globalização. Neste cenário a economia se multilocaliza, diminuindo as distâncias e flexibilizando as fronteiras políticas e também o desenraizamento dos indivíduos e dos lugares (Videira, 2005).

Para Haesbaert o fenômeno da globalização mensurado acima correlacionado com as redes, o autor comenta:

Aqueles que acreditam no fim dos territórios geralmente propõem que em seu lugar estão emergindo as redes, muito mais dinâmicas, móveis, fluídas [...]. esquecem que a rede pode ser vista tanto como um elemento fundamental constituinte do território, como pode até mesmo confundir-se com ele, como é a noção defendida por Veltz (1996), Souza (1995) e Haesbaert (1994). Além disso, a estrutura social em rede pode atuar tanto como um elemento fortalecedor do território [...] quanto um componente fundamental na promoção da desterritorialização (Haesbaert, 2002, p.132).

Sendo assim, o autor afirma que o processo de desterritorialização, necessariamente implica em uma reterritorialização, pois a “relação entre território e rede é indissociável e permanente”.

Outro autor que discorre sobre o tópico território-rede é Lima (1998), que relaciona a temática aos estudos geográficos, que acredita que a Geografia é uma ciência das redes e dos territórios, pois os territórios são formados por lugares específicos e diversos, que são

conectados por redes, sendo um produto da vida social, sendo a Geografia uma ciência que estuda a organização espacial como produto social.

Já Lima (2000), afirma que o: “território é formado e composto por uma interminável quantidade e qualidade de lugares [...] [e] As redes não criaram a homogeneização dos tempos devido cada lugar possuir uma relação tempo/espaço [...] devido os territórios serem uma união de lugares ímpares”.

Sobre a questão das multiterritorialidade, que se constituem no espaço geográfico, Haesbaert as define como: “A esta reterritorialização complexa, em rede e com fortes conotações rizomáticas, ou seja, não-hierárquicas, é que damos o nome de multiterritorialidade” (Haesbaert, 2004, p. 343). O autor, traz outra definição ao fenômeno:

Multiterritorialidade (ou multiterritorialização se, de forma mais coerente, quisermos enfatizá-la enquanto ação ou processo) implica assim a possibilidade de acessar ou conectar, num mesmo local e ao mesmo tempo, diversos territórios, o que pode se dar tanto através de uma ‘mobilidade concreta’, no sentido de um deslocamento físico, quanto ‘virtual’, no sentido de acionar diferentes territorialidades mesmo sem deslocamento físico, como nas novas experiências espaço-temporais proporcionadas através do ciberespaço (Haesbaert, 2004, p. 343-44).

A multiterritorialidade se constitui através de algumas dimensões, sendo elas: a dimensão tecnológica, vinculada ao ciberespaço e que define a densidade informacional do espaço; a dimensão simbólica, relacionada aos processos de territorialização material e imaterial; a dimensão da imprevisibilidade, caracterizada pelos contatos em escala global em “tempo real” e; a dimensão do movimento, marcada pela construção de uma identidade no/com o movimento (Haesbaert, 2004, p.346).

Como síntese o território-rede se configura como um espaço marcado pelo espaço em movimento e pela instituição de redes, fixos e fluxos no sentido material e imaterial do espaço geográfico. O território-rede também desenvolve fenômenos que produzem e reprodução a construção dos espaços, como as T-D-R (territorialização-desterritorialização-reterritorialização) e as formações de multiterritorialidades.

3.2 REDES MIGRATÓRIAS

As redes migratórias e suas configurações, sempre fizeram parte da história da humanidade, como os povos originários, que migraram à procura de melhores condições em novos territórios, apresentando diversas motivações, como fuga de conflitos, fome e melhores condições de vida (Culpi, 2019).

Os conceitos de migração, são discutidos nos debates da Geografia, a fim de compreender os fluxos de pessoas, que transitam entre as formas de Estados no mundo, abrangendo conceitos como imigrantes, emigrantes e refugiados. Para Ludmila Culpi, os conceitos como “imigrante” e “emigrante”, devem ser analisados separadamente, pois, o imigrante é aquele indivíduo que sai de seu território de origem, e ingressa em um Estado diferente, em relação ao emigrante, é o cidadão que sai de seu país de origem, e se estabelece em outro Estado (Culpi, 2019).

Nas redes migratórias, os indivíduos migram por diversos fatores (sociais, econômicos, políticos, etc.), porém esses fatores podem ser subdivididos em: migração desejada (por vontade própria) e migração forçada (refugiados). Para a Organização Internacional das Migrações (OIM):

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocamento de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos. (OIM, 2009, p. 40).

As redes migratórias são constituídas por um conjunto de fatores ligados entre si e pela/para a migração. No contexto da Geografia, migrar é um fenômeno espaço-temporal, que necessariamente, envolve a mudança de residência sobre determinada distância e também por certo período de permanência (podendo ser permanente ou temporário) (Campos, 2015).

Os fios condutores das redes migratórias são os próprios fluxos populacionais (migrações) e, também podem ser as relações que facilitam as migrações, como as redes de solidariedade e as sociais, que influenciam diretamente nos fluxos migratórios.

As migrações como fenômenos sociais é necessário a percepção das redes como organizadoras (Truzzi, 2008), pois de modo geral, as migrações tendem a conectam indivíduos e/ou grupos que apresentam algum vínculo em comum (como conterraneidade e parentesco). “Nota-se uma relação clara entre as migrações e as redes em cadeia envolvem o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino” (Truzzi, 2008, p.200). Sendo assim, Massey (1998) comenta:

a formação de redes é provavelmente o mais importante mecanismo estrutural causador da migração internacional. As redes migratórias são um complexo de laços interpessoais que conectam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e destino a partir de vínculos de parentesco, amizade e compartilhamento de uma origem comum (Massey, 1988, p. 396, tradução do autor).

Neste contexto, as redes vinculadas as relações e trocas de informações são determinantes na decisão de migrar. O movimento de se deslocar de um território para outro traz consigo um “ritual” de separação do local de origem para a incorporação de novos valores, normas e regras, caracterizando como novidades para os migrantes, porém este “ritual” não desapropria o indivíduo do lugar de origem, onde os costumes conhecidos se tornam referência nas práticas cotidianas do imigrante no território novo. Neste sentido as redes propiciam apoio e solidariedades nas experiências de deslocamento e fixação dos migrantes em outros países, e também, no possível retorno a terra natal (Santos, 2018).

Um dos fatores principais que promove as redes migratórias são os processos de difusão de informações, sendo essas fundamentais para os migrantes, pois diminui a redução dos graus de incerteza, ou seja, os indivíduos têm uma noção de como é o lugar, das condições de trabalho, da remuneração, do clima, do estilo de vida, da cultura etc. Rogers (1983) afirma que a informação é um mecanismo de redução de incertezas. E para Lee (1966) diz que a informação sobre os locais de destino, diminui os “obstáculos” do processo migratório.

As redes sociais provêm informações sobre os locais de destino e o trajeto percorrido, reduzindo os riscos da migração e atraindo os indivíduos, tornando-se uma forma de capital ‘intangível’ (capital social) que os indivíduos adquirem (Taylor, 1986). Neste sentido, Castells (2006), comenta a estruturação de uma sociedade pautada em redes.

uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir de conhecimento acumulado nos nós dessas redes. A rede é a estrutura formal. É um sistema de nós interligados (Castells, 2006, p. 20).

O mesmo autor acredita que uma sociedade em rede é a gênese para a compreensão das relações políticas, sociais, econômicas e culturais do mundo contemporâneo, onde os avanços tecnológicos são uma ferramenta para a construção do espaço geográfico. As redes migratórias são fortificadas pela sociedade em redes, através da difusão e disponibilidade das informações feitas pelos indivíduos e instituições que estão inseridos em determinada rede migratória.

Neste contexto, Rogers (1983) classifica cinco características no processo de disseminação dos comportamentos migratórios e das redes sociais e de informações sendo elas: 1) vantagem relativa, acontece a partir do contato com outros migrantes, podendo analisar se a migração há vantagens (como oportunidade de emprego); 2) compatibilidade, observação da opinião de outros indivíduos sobre os migrantes e a migração, tendo a noção de

quão aceita é a migração em seu contexto; 3) complexidade, compreender como ocorre o processo migratório, sua logística e os desafios potenciais; 4) triabilidade, se há a oportunidade de conhecer o local de destino, sendo auxiliados pelos migrantes, podendo viver por um período no ambiente; 5) observabilidade, reconhece os benefícios ou alterações (ou não) na qualidade de vida e do bem-estar conquistados por familiares ou migrantes que estão no local de destino.

Porém não quer dizer que a rede social é o meio que ocorrem todas as migrações, pois existem migrações que ocorrem sem nenhum vínculo com outros indivíduos. As características citadas acima podem não atingir diretamente esses indivíduos que migram sozinhos, porém, os mesmos podem ter conhecimento dessas características e de seu processo migratório, tendo como exemplo, vídeos em mídias digitais de migrantes que vivem e passaram por um processo migratório em direção e no local de destino.

Outro aspecto que influencia as pessoas a migrarem é o agenciamento ou recrutamento de migrantes, que envolve a disponibilização de informações sobre o local de origem e possíveis oportunidades de trabalho e em alguns casos a disponibilidade de moradia e financiamento. Há também as migrações que ocorrem em decorrência inteiramente dentro de uma rede social que está relacionada ao acompanhamento de parentes ou reuniões familiares (Campos, 2015).

Os indivíduos que participam das redes migratórias são, os próprios migrantes ou relacionado a pessoas envolvidas nesses fluxos como ex-migrantes, familiares, agentes de turismo, coiotes, padres, policiais de fronteira, etc. Estas redes também podem apresentar infraestruturas, espaços e territórios que influenciam no trajeto, como empresas, aeroportos, rodoviárias, domicílios, cidades, países, entre outros, que estão presentes nas migrações dos indivíduos (Campos, 2015).

Cada movimento migratório apresenta suas singularidades e especificidades, devido, ao complexo e dinâmico movimento das redes migratórias, que circulam no espaço e tempo, em momentos e territórios diferentes, além das características específicas dos povos que fazem parte destes processos e, conseqüentemente, os territórios de destino e suas relações com os imigrantes, para Carlos Nolasco:

Tratando-se de um fenômeno simultaneamente espacial e temporal, todas as definições do que são migrações são arbitrarias, na medida em que não há consenso relativamente à amplitude geográfica a percorrer, nem à duração da permanência no destino, nem tão pouco às conseqüências sociais implicadas no movimento para que o mesmo possa ser considerado como migratório. Por conseqüência, as definições de migrações revelam-se insuficientes na aspiração de cobrir todas as dimensões e facetas de um fenômeno tão heterogêneo. (Nolasco, 2016, p.3).

Ao conectarem pessoas, as redes também conectam os lugares/territórios. As migrações, normalmente, apresentam espacialidades bem definidas em relação ao tempo e espaço, havendo sempre um local de origem e o outro de destino do migrante, podendo ser um trajeto planejado ou não.

Porém, vale ressaltar a importância de outras localidades (além das de origem e de destino) em relação as redes migratórias. Um exemplo, seria a necessidade de um indivíduo em seu local de origem ter que se deslocar para outro município para retirada de um passaporte, visando o espaço de destino. Os indivíduos que estão inseridos em uma rede migratória, em alguns casos necessitam frequentar outros espaços, se deslocando através de uma rede de transportes (estradas, aeroportos, rodoviárias, embarcações, etc.). O trajeto de um fluxo migratório pode ser ou não alterado durante o caminho, pois pode haver diversos obstáculos, como questões fronteiriças e de documentação, mudanças de rotas, estradas precárias, entre outros.

Os pontos de partida e de origem do migrante não se alteram pós migração, pois estes locais são os fixos no espaço geográfico, mesmo sendo os nós da rede (Campos, 2005), podendo ou não se repetir na história e futuro.

As localidades de origem, de trajeto e de destino são os fixos em determinados espaços, enquanto os movimentos dos indivíduos são os fluxos, caracterizando as redes migratórias. Os domicílios dos migrantes podem ser ditos como as “unidades de análise”, tornando-se configuradores da rede, sendo assim, seus atributos caracterizariam os nós da rede, já os fluxos migratórios seriam os laços desta rede (Campos, 2005).

Levando em conta, a complexidade e as singularidades de cada processo migratório Denise Bomtempo, dá enfoque a questão econômica no sistema capitalista deste processo:

As migrações, no período atual são impulsionadas por questões políticas, culturais, ambientais e econômicas. Sendo que os fatores econômicos estão vinculados à estrutura desigual e combinada do sistema capitalista e por isso interfere, entre outros, no movimento de população realizado de acordo com os interesses estruturais e conjunturais desse sistema (Bomtempo, 2019, p. 3).

A perspectiva migratória do ponto de vista econômico, está vinculada a dinâmica do mercado global, onde a migração é influenciada pela “conquista dos sonhos”. Para Bomtempo: “entendida como melhoria de condições de vida relacionada ao emprego, à moradia, ao consumo e ao lazer, que não está sendo possível de conquistar no lugar de origem” (Bomtempo, 2019, p.3). Sendo assim, este tipo de migração, se caracteriza por uma

busca de uma melhor remuneração, melhores condições de trabalho e por valorização ou desvalorização de determinada moeda. Porém, não são os processos migratórios que explicam o mercado internacional do trabalho, e sim, este mercado que dita a migração de trabalhadores (Goettert, 2010).

A questão migratória, relacionada a economia dos indivíduos, sempre foi destaque, nos processos migratórios. Os imigrantes chineses que migram para o Brasil, no século XXI, tem como característica o fator econômico, buscando melhores condições de vida e financeira, e este fator, é marcado por uma grande influência comercial, que se mostra presente, nas reconfigurações das paisagens das cidades, como no centro de Mococa-SP, onde se fixam os estabelecimentos comerciais de proprietários chineses.

3.3 INTERAÇÕES ESPACIAIS

O termo interações espaciais, em 1954 chama a atenção do geógrafo Edward Ullman, o mesmo empregou o termo para denominar a interdependência entre duas ou mais áreas geográficas distintas (Ribeiro, 2002, Lévy, Lassault, 2003). Sendo estas áreas geográficas contingentes das palavras lugar, região, local, etc., ou sendo referidas como unidades-político-territoriais, estados, países, províncias, blocos econômicos, municípios, entre outros.

A gênese do termo interações espaciais, está inicialmente, relacionado aos estudos de fluxos de mercadorias (Johnston, Gregory, Smith, 1981), porém não está dissociada a outros fatores, devido à complexidade de fluxos e relações possíveis entre duas localidades, como o movimento de passageiros, imigrantes e emigrantes, de bens diversos, dinheiro e capital, tecnologia, informação, etc.

Ullman conota três ideias fundamentais que sustentam as interações espaciais, sendo elas: 1) ideia de complementaridade entre as áreas, espaços, regiões e Estados; 2) ideia de transferibilidade, relacionada a mercadorias, pessoas, informações e capital; 3) e a ideia de oportunidades interpostas, indicando a existência próxima de matérias primas ou de mercado consumidor (Johnston, Gregory, Smith, 1981).

Neste sentido, há diversas formas interdependentes de interações espaciais, alterando, conseqüentemente, as relações e fluxos entre duas ou mais localidades, como no de fluxos de migrantes, que provavelmente estimulará novos fluxos, comerciais ou de passageiro, de dinheiro, informações, refluxos em direção a terra natal, etc. (Johnston, Gregory, Smith, 1981).

Nas décadas de 1970 e 1980, os estudos voltados as interações espaciais, seguiram um ritmo, predominantemente, de análises quantitativas, ilustrado pelos Modelos Gravitacionais (Johnston, Gregory, Smith, 1981). O economista Camagni (2005) utilizou-se desses modelos, o autor considerava as interações espaciais como uma rede complexa de relações bidirecionais que se apresenta em vários níveis, decorrentes das atividades localizadas sobre o espaço físico (Camagni, 2005). Para Camagni, os fluxos de migrantes, de relações comerciais, movimento casa-trabalho, de informações, parece, se organizarem por meio de campos gravitacionais sobre o espaço.

Neste sentido, as interações espaciais são envoltas por campos gravitacionais, influenciando as atividades dentro de um território. Camagni destaca que existem desigualdades entre as localidades e em seu trajeto, influenciadas pelas relações de poder e do capitalismo entre as áreas (Catão, Reolon e Miyazaki, 2010).

Mesmo utilizando o modelo gravitacional, o autor não se limita a uma visão simplista do espaço, pois o mesmo considera, que existem fatores de atração e de demanda por melhores condições e acessibilidade, que se mesclam numa pluralidade de forças, que interferem de modo irregular e desigual no espaço geográfico (Camagni, 2005).

No sentido sociológico, as interações espaciais são definidas como configurações espaciais dos contatos sociais, foi onde Roberto Lobato Corrêa (1997) abordou o tema das interações espaciais, de maneira crítica em seu debate.

Corrêa é um dos pesquisadores brasileiros que mais se dedicou ao estudo das interações espaciais, segundo o mesmo:

[...]as interações espaciais constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, caracterizar-se por diversospropósitos e se realizar através de diversos meios e velocidade (Côrrea, 1997, p. 279).

A perspectiva do autor nos leva a uma abordagem ampla em relação as interações espaciais, pois considera a complexidade e a amplitude dos deslocamentos. Corrêa considera as dinâmicas das sociedades, dando ênfase aos interesses e interações que exercem influência nos fluxos e deslocamentos, levando em conta as variantes como frequência, distância, direção e intensidade.

No sentido, das características citadas acima, remetem ao fato que as interações espaciais são marcadas por desigualdades e especificidades. Na história, um conjunto de variáveis influenciaram e irão influenciar nas relações e dinâmicas das interações espaciais.

Em relação as desigualdades, sempre existirão enquanto existir o sistema capitalista, devido à falta ou abundância de meios de acumulação como capital, tecnologia e informação entre os indivíduos e territórios (Catão, Reolon e Miyazaki, 2010).

Para Corrêa “os diferentes fluxos que articulam os fios socialmente criados são caracterizados por lógicas que lhes conferem regularidades espaço-temporais que se reportam à organização social e a seu desigual movimento de transformação” (Corrêa, 1997, p.295). Portanto as interações espaciais podem se reconfigurarem de forma diferente entre as localidades, apresentando padrões espaciais, determinado por padrões hegemônicos, culturais, regionais e sociais.

Há diversos fatores que podem influenciar as estruturas e articulações desses padrões, variando entre relações sociais, econômicas, cultural e política. Desta maneira, cada conjunto de interações apresentam um comportamento volátil que pode ser transformado dependendo da especificidade e propósitos de determinado fluxo (Catão, Reolon e Miyazaki, 2010).

Corrêa (1997), traz ainda ao debate a constante ampliação e complexidade dos deslocamentos e fluxos relacionados ao avanço do modo capitalista de produção. O autor afirma que a lógica da reprodução ampliada do capital é favorecida pelos avanços do meio-técnico-científico-informacional nos quais possibilitam a progressiva “superação do espaço pelo tempo” (Corrêa, 1997, p.284). O autor traz à tona a dinâmica da sociedade que, devido ao desenvolvimento das técnicas, se torna cada vez mais complexa.

as interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço (Corrêa, 1997, p.280)

Esta análise engloba as discussões referentes as desigualdades, pois ações e estratégias de Estados, grandes corporações, classe dominante, etc., se dão de forma seletiva. Outra questão é que nem toda sociedade tem acesso as modernas técnicas de transporte e comunicação, criando cenários, em que as interações se inserem em pequenas ou longas distâncias, velocidades rápidas ou lentas, ocorrendo com menores ou maiores frequências (Catão, Reolon e Miyazaki, 2010).

O autor ainda ressalta que as interações espaciais “refletem as diferenças de lugares face às necessidades historicamente identificadas” e “caracterizam-se preponderantemente por uma assimetria” em outras palavras “por relações que tendem a favorecer um lugar em detrimento de outro, ampliando as diferenças já existentes” (Corrêa, 1997, p. 280).

Os diferentes tipos de fluxos e deslocamentos que constroem as interações espaciais

não são fenômenos isolados, pois dependendo do deslocamento ou processo determinado, verifica-se uma rede de diferentes tipos de fluxos. No pensamento de Corrêa, a importância de se compreender as interações sociais em relações as redes:

é através de redes geográficas, isto é, localizações articuladas entre si por vias e fluxos, como aponta Kinsky (1963), que as interações espaciais efetivamente se realizam a partir dos atributos das localizações e das possibilidades reais de se articularem entre si (Corrêa, 1997, p.306).

Neste sentido, observamos que os fluxos, as localidades e suas conseqüentes redes, se apresentam de formas diferentes em meio ao espaço geográfico, muitas vezes sendo influenciados pelo sistema capitalista regendo seu poder de forma diferentes entre os espaços geográficos, entrelaçando as questões sociais, culturais, econômicas e políticas esses emaranhados de redes e fluxos apresentam-se em perfis diversificados e únicos.

3.4 MOBILIDADE ESPACIAL

Outro fato importante para o entendimento das migrações contemporâneas é a mobilidade espacial, na geografia, temos o pensamento de Max Sorre, no qual compreende a mobilidade de objetos (transportes) e de pessoas (deslocamentos humanos). Este autor, referente ao último tópico citado fez estudos sobre os conceitos de nomadismo e de migração, já em relação aos objetos o autor diz que são meios que favorecem a circulação e o povoamento da Terra (colonização ou ocupação), desenvolvendo uma teoria geográfica para ciências sociais, no qual tem base que o “movimento” ocorre no território ou em territórios (Sousa, 2016, p.114).

O que a terra encerra? Evidentemente, o homem e suas obras. Existe uma geografia humana como existe uma geografia botânica e uma geografia zoológica. Para todas, a noção de domínio, de área e de extensão é essencial, pois são geografias, disciplina do espaço. Os gregos denominavam o ecúmeno à área de extensão do homem. Estas palavras abarcam dois elementos associados: a ideia de um espaço terrestre com limites e a ideia de ocupação pelo homem, esta última implicando fixação, estabilidade. E nos deparamos pela primeira vez com o tema fundamental do arraigamento ao solo, da permanência (Sorre, 1984 p. 126).

Seguindo o pensamento, as ciências do homem e da natureza, reconhece, o fenômeno de mobilidade e permanência, relacionados aos fluxos de humanos ou animal/vegetal. Ambas as perspectivas necessitam do território (marcado de diferenciações) para sua sobrevivência, sendo o ser humano o mais capaz de se mobilizar.

Sorre (1984), tende a aproximar a sociedade e a natureza, se vinculando mais a geografia humana com o conceito de permanência, pois ocorre, segundo o autor a estabilidade/equilíbrio entre o recurso e o habitat. Neste sentido os estudos entre o meio e homem (suas relações e interações) trazem à tona o conceito de arraigamento (Sorre, 1984). Sendo um exemplo claro, da apropriação do solo habitável, onde o espaço é transformado pelas ações do homem, dando a possibilidade a ações como territorialização e reteritorialização por parte dos migrantes em determinado território.

A conceituação de Sorre sobre o território, está associado ao sentimento de pertencimento e de fixação do homem ao seu território (material e imaterial), próximo aos conceitos de Ratzel, que entende o território como solo ou Estado-Nação.

A mobilidade espacial na modernidade, se enquadra como um empecilho em relação as noções de nações de habitat (meio) e de trabalho (subsistência) no mundo capitalista (tecnificação e flexibilização), pois de modo geral, não atende as necessidades dos migrantes, um exemplo é a relação dos camponeses, sendo indivíduos “errante” na mobilidade rural-rural, rural-urbana e urbana-industrial (Sousa, 2016, p.115).

Outro pensador que traz a questão da mobilidade é Guedes (2013) que afirma que a mobilidade espacial, onde o autor traz como exemplo, a questão do campesinato brasileiro, onde o mesmo apresenta traços de nomadismo (deslocamento como recurso), porém em alguns casos há os camponeses posseiros, que buscam incessantemente a permeância em um território que apresente melhores condições.

Martins, diz que os camponeses brasileiros são desenraizados (forçados), sendo ao mesmo tempo migrante e itinerante (Martins, 1983). Os camponeses por não ter acesso à terra e as formas/meios de trabalho, vivem em processo de des-reterritorialização pelo território. Tendo como exemplo, os imigrantes japoneses que através da mobilidade espacial, que se tornaram colonos para a produção do café, que só foi possível pelo trabalho familiar e a solidariedade da comunidade étnica brasileira, com passar do tempo os mesmos (japoneses) fizeram a migração rural-urbana desenvolvendo novas relações comerciais e sociais, como o empreendimento na criação de pequenos comércios nos centros urbanos (Sousa, 2016).

Uma questão essencial é, que não existe mobilidade espacial, sem a presença do território ou territórios envolvidos no processo. O território está dentro do espaço e vice-versa, sendo o território um espaço marcado por relações sociais que estão vinculados as relações de poder. Segundo o pensamento de Raffestin (1993) “o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou trabalho, seja energia ou informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder” (p. 143). Em relação a produção territorial que induz a

mobilidade, esta funciona através da comunicação entre os modos de produção e do espaço, focada na estruturação de redes, nós e malhas para o entendimento da construção territorial, esta construção se entrelaça as relações de poder e das redes de comunicação e circulação (Sousa, 2016).

O território, em sua forma política, Gottman (1973), aborda o conceito como “plataforma para oportunidade do que como um abrigo para a segurança” (Gottman, 1973, p. 534), trazendo à tona o desenvolvimento e a soberania, onde os mesmos, possibilitam a mobilidade territorial, através das políticas de migração receptivas e pelas políticas públicas dos Estados, assentando ou não os indivíduos no espaço, para Sousa:

Ora promovendo acesso à propriedade e às condições de subsistências dos migrantes, ora “facilitando” o acesso aos meios de produção dos trabalhadores em nichos de mercados (bens de consumo não duráveis e bens de capital) (Sousa, 2016, p.117).

Seguindo o raciocínio, as mobilidades espaciais, estão relacionadas a força de um coletivo/grupo em determinado território, fazendo o migrante e o Estado a criarem novas formas para a mobilidade social ou da territorialização, dependendo dos processos históricos e do capitalismo no território em questão, sendo favorável ou não para a condição dos migrantes.

Outro pensador que debateu o tema foi Haesbaert (2004), que trouxe o território numa perspectiva jurídico-político, dando ênfase ao Estado, em relação aos grupos sociais que constroem e apropriam do espaço geográfico. A vertente política não deve ser analisada separadamente da questão econômica (produção material das corporações local/global e as contradições sociais) e também da vertente cultural (identitária e simbólica). Os territórios atuais (fragmentados, globalizados e em continua movimentação), apresenta uma centralidade integradora, pois o território, não pode ser caracterizado apenas na questão econômica e política, o mesmo deve ser visto por suas diferentes vertentes do uso do território, múltiplas, no olhar das diversas formas de mobilidade.

Neste sentido o território é considerado zona (fronteira, limite e área), sendo o território uma rede (do espaço e tempo, fluidez, movimento e interconecção) e também é um aglomerado de exclusões (pobreza estrutural e desordem social). Com a crescente desenvolvimento da globalização, se destaca os processos de desterritorialização (político e econômico) e da reterritorialização (cultura e político) dos grupos sócias e de corporações em escala local/mundial, em um contexto de criação e fragmentação dos territórios, criando as multiterritorialidades dos fenômenos no espaço geográfico (Sousa, 2016).

Já Saquet (2003), colabora no debate trazendo uma vertente não só político-cultural, mas também econômica, pois o território é constituído de relações sociais imateriais e materiais, onde a mobilidade e a permanência são uma dialética.

Um território não é construído e, ao nosso ver, não pode ser definido apenas enquanto espaço apropriado política e culturalmente com a formação de uma identidade regional e cultural/política. Ele é produzido, ao mesmo tempo, por relações econômicas, nas quais as relações de poder inerentes as relações sociais estão presentes num jogo contínuo de dominação e submissão, de controle dos espaços econômico, político e cultural. O território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização (Saquet, 2003, p. 24).

Numa relação intrínseca, em relação ao tempo e espaço, Saquet (2003) traz quatro possibilidades para se entender o território: 1) relações de poder; 2) redes de circulação e comunicação; 3) identidades culturais e simbólicas; 4) e a natureza exterior ao homem. Neste contexto, o território é produto e a condição da articulação entre o tempo histórico e o atual. Outra questão é que o território engloba diversas dimensões (política, social, econômica e cultural), é por isso que o território se torna móvel, complexo e dinâmico, estando sempre em constante transformação devido a movimentação da sociedade e do espaço.

De modo geral, as ideias debatidas pelos autores sobre a questão do território-mobilidade e suas especificidades criadas através da T-D-R (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) tem suas centralidades no pensamento geográfico (inter) nacional através da abordagem crítica do espaço numa perspectiva escalar, inter-temporal e multidimensional.

A mobilidade no espaço está relacionada ao território-rede-técnica, onde ambos estão associados a produção do espaço geográfico em todas as escalas. Este espaço, em constante transformação, é construído através das relações sociais, do conhecimento (tempo-histórico), das artificialidades e das coexistências da totalidade do espaço (Sousa, 2016). Neste sentido, Santos (2009) dialoga: “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não consideramos isoladamente, mas como um quadro único no qual a história se dá” (2009, p.50). Sendo assim, as ações estão vinculadas ao processo social que se materializa em produtos, do outro lado, os objetos que são representações das coisas, que estão (ambas) em transformação.

Estes sistemas se caracterizam pelo território, como igual ao espaço geográfico, tendo em sua organização as relações sociais e técnicas, que se concentram e criam as formas espaciais das ações e dos objetos (mobilidades e movimentos), através do meio técnico-científico-informacional, espelhando uma forma territorial, que em geral, é normatizada e

racionalizada.

Os sistemas de objetos, são os fixos (edifícios, prédios, casas, empresas, etc.) que estão consolidados (materiais) no território, ligadas a construções antrópicas a fim de intermediarem as relações sociais no mundo capitalista. Por outro lado, são objetos técnicos, tendo sua base na infraestrutura construída historicamente, como os transportes (rodovias, ferrovias, aeroportos, etc.), energia (hidrelétrica, nuclear, etc.), comunicações (telecomunicações) e de informação (internet, celulares, etc.).

Estes objetos são enquadrados como fixos e fluxos territoriais, que são construídos, através de processos históricos intencionais e contraditórios, ligados aos espaços geográficos locais, se distanciando pelos movimentos (bens imateriais e materiais), onde nos dias atuais, são caracterizados pela velocidade do capital e pela informação rápida, acelerando, conseqüentemente, os movimentos territoriais, tanto em escala local, quanto global (Sousa, 2016).

Neste contexto de mundo, percebemos a interligação entre o tempo e espaço, que no plano capitalista, foca nos agentes políticos e econômicos, promovendo assim, a competitividade territorial, conflitos e a guerra dos lugares, pois existe uma desigualdade entre os territórios que tem mais potencial técnico que outros. Sendo assim, cada fixo irá apresentar diversos fluxos, onde eles, irão utilizar o território, ou seja, criando redes contínuas e descontínuas, de modo geral os fixos e fluxos dão a fluidez ao território.

Raffestin (1993) foi um dos pioneiros em pensar a sociedade e o território interligados por redes, tendo como pensamento central as linhas que interligam e configuram os “nós” nos objetos técnicos, em certas localidades (não em todas), principalmente, nas áreas onde o capital flui e domina de forma hegemônica, a fim do desenvolvimento da circulação e transporte de materiais, informações e indivíduos. Para que isso funcione é necessário a constante transformação e desenvolvimento da comunicação e informação, a fim de estabelecer um poder territorial. Para Santos: “a existências das redes é inseparável da questão do poder. A divisão territorial do trabalho resultante atribui a alguns atores um papel privilegiado na organização do espaço” (2009, p.270).

Como já tido, as redes estão entre os territórios, que mantém a fluidez espacial, através do desenvolvimento perpétuo do meio-técnico-científico-internacional. A longevidade dos objetos, demonstram as contribuições para a sociedade pelo movimento, distribuição, controle, regulamentação e funcionamento. Para Sousa, há três momentos da técnica na vida e na produção:

pré-mecânico, estrutura a circulação na rede de pequenas cidades com

consumo limitado e poucos itens trocados; b) mecânica intermediário, o consumo se amplia moderado e o Estado controla indiretamente o mercado mundial; e, c) fase atual, predomínio do período técnico-científico-informacional pelas redes técnicas e objetos que conecta a economia mundial (Souza, 2016, p.120).

E para Santos (2009), existem duas matrizes de redes, sendo elas: a) redes técnicas, são aquelas infraestruturas que nos permitem o transporte das matérias a pontos terminais e; b) as redes sociais, caracterizadas pelas pessoas, culturas, mensagens e valores. Ou seja, as redes são uma criação humana, a fim da melhor logística na circulação e na produção, não sendo igual a todos os lugares.

E onde as redes existem, elas não são uniformes. Num mesmo subespaço há uma superposição de redes, que inclui redes principais e redes afluentes ou tributárias, constelações de pontos e traçados de linhas. Levando em conta o seu aproveitamento social, registram-se desigualdades no uso e é diverso o papel dos agentes no processo de controle e de regulação do seu funcionamento (Santos, p. 2009, 268).

Esses tópicos acima, exemplificam o mundo globalizado, que vem alterando o espaço geográfico, influenciando na circulação e movimento dos lugares, dando foco para os fluxos e as inovações técnicas e de mercadorias. As grandes corporações em conjunto com os Estados, escolhem pontos/fixos, a fim da ampliação da reprodução do capital (guerra dos lugares).

O espaço tecnificado, encontra no Estado um dos grandes geradores de fixos territoriais para expandir a rede social e técnica (Sousa, 2016). Consequentemente, aumentando a velocidade de circulação e informação.

Em relação aos fluxos migratórios, os mesmos constroem e modificam novos territórios e estratégias de sobrevivência e de facilitação em relação ao processo migratório. Estes migrantes, criam percursos (movimento) e fixos/nós (orientação/informação rumo ao destino desejado) em busca de facilidades alfandegárias, segurança e melhores rotas (no caso imigrantes ilegais), já os migrantes considerados legalizados, buscam por oportunidades no mercado de trabalho do território de destino. Estas redes, de modo geral, têm como finalidade o companheirismo e a afetividade entre os indivíduos do processo migratório, vinculados aos objetos e as redes técnicas. Santos (2005), entende este movimento migratório, como:

[...] O território usado indistintamente por todos os homens, articulado ao movimento da população no espaço internacional, é rico em possibilidades. A rede forma um espaço social onde é tecida uma variabilidade de ações intersubjetivas, com relações de poder, conflito, consenso, força, dissenso e sentimentos de solidariedade e compaixão. Nesse sentido trazem a dimensão do território à rede social implica inserir a política, não só a institucional, mas a que se faz no espaço imediato/cotidiano da migração. Colocar o território no ponto nodal, significa sobretudo reconhecer que o movimento da

população é um dos elementos fundamentais da história do território e, ao se territorializar, a migração torna-se uma questão da sociedade e não só dos migrantes em sua invisível rede de solidariedade doméstica (p. 70).

Neste contexto, as redes sociais e técnicas reproduzem e produzem novas interações espaciais, que criam as dinâmicas dos movimentos entre os territórios, seguindo a intensidade e complexidade de cada fluxo, funcionando, através de centros urbanos (existindo diferenciações e desigualdades entre as cidades) ou outras localidades com importância para o desenvolvimento do capital.

Para Corrêa (1997, p.279), estas interações espaciais, se caracterizam por um complexo e amplo deslocamento de mercadorias, capital, pessoas e informações, sobre o espaço geográfico. As mesmas, podem apresentar menor ou maior intensidade, variando segundo a frequência de ocorrência, e também dependendo da distância a ser percorrida e sua direção, tendo propósitos diversos e velocidades.

As interações espaciais, de hoje em dia, se dão por diversos fatores de mudanças e desenvolvimento, como: os processos de urbanização, no desenvolvimento de transportes, nas funções urbanas, no avanço das comunicações e na microeletrônica.

Corrêa, entende essas mudanças nas interações espaciais, como duplo e complementar fenômeno, o de “integração” e o de “especialização”, capazes de transformar o meio natural e as configurações criadas historicamente pelo homem (padrões espaciais de interação e sua intensidade) (Corrêa, 1997). As interações podem ocorrer em escalas de longa ou curta distância entre um fixo e outro ou outros, envoltos de circulação e movimentação de pessoas, mercadorias, informações e capital, reconfigurando e fortalecendo o capitalismo nestas localidades.

Essa mobilidade sócio-territorial, está relacionada ao conceito “território-rede-meio” e conseqüentemente, ao “meio-técnico-científico-informacional”, que são fundamentais para o entendimento dos movimentos e das interações espaciais.

No contexto migratório, onde a maioria migra por questões econômicas, refletindo no mundo do trabalho, Gaudemar (1979) adverte, que nem toda mobilidade é sinônimo de migração, devido, que a mobilidade está relacionada (normalmente) a fluxos de mercadorias e capital (como a instalação de uma indústria em determinado território), podendo ou não gerar fluxos de pessoas.

A migração, neste sentido, necessita do movimento/mobilidade territorial/espacial de indivíduos de uma localidade para outra, gerando, conseqüentemente, fenômenos de reterritorialização e desterritorialização.

A mobilidade voltada para o trabalho, segundo Gaudemar (1979), é compreendida pelos fluxos dos indivíduos (capital humano) e seus movimentos no espaço, sendo ao mesmo tempo, a mobilidade dos serviços (trabalho), neste sentido, esta mobilidade humana, corresponde também, a mobilidade do capital através dos territórios e do tempo econômico (migrações, por exemplo) (Sousa, 2016).

Neste sentido, a mobilidade dos trabalhadores e do trabalho, são ao mesmo tempo, móveis (fluxos) e imóveis (fixos, local de trabalho), reconfigurando as formas de divisão social do trabalho e a circulação de massa humana, sendo os migrantes em busca de trabalho um exemplo primordial. Devemos pensar, além da migração como ponto de partida, trajetória e ponto de chegada, também analisar sua mobilidade profissional ou como trabalhadores em geral dentro dos novos territórios.

Outra questão, é que a mobilidade espacial se difere da mobilidade social, porém as mesmas estão interligadas em quase todos os processos migratórios e de movimentação pelo espaço. Neste contexto, Jannuzzi (2000), traz a mobilidade espacial, relacionada ao movimento de indivíduos de duas maneiras: a) busca por melhores condições de vida e; b) busca pela sobrevivência (refugiados, como um exemplo).

Já Pastore (1979), discursa que a mobilidade espacial pode levar à uma mobilidade social (na maioria dos casos), porém dependendo da situação econômica internacional e do local de destino, e também do grau de especialização do imigrante de se inserir no mercado de trabalho, sendo a migração, um fenômeno que o migrante sempre tem em mente a melhoria da sua condição de vida, podendo ocorrer ou não.

Para Levy (2002) a mobilidade geográfica, em relação a mobilidade de pessoas e também na possibilidade de crescimento social, o autor discorre:

[...] a mobilidade como a relação social ligada à mudança de lugar, isto é, como o conjunto de modalidades pelas quais os membros de uma sociedade tratam a possibilidade de eles próprios ou outros ocuparem sucessivamente vários lugares. Por essa definição, excluimos duas outras opções: aquela que reduziria a mobilidade ao mero deslocamento (COUTRAS, 1999), eliminando assim as suas dimensões ideais e virtuais, e aquela que daria um sentido muito geral a este termo, jogando com as metáforas (tal como a “mobilidade” social ou extensões incontroladas (a comunicação, por exemplo) (Levy, 2002, p.7).

Sendo assim, a mobilidade vai além do deslocamento, encontrando sua centralidade e sua energia no meio-técnico-científico-informacional, relacionado a difusão da velocidade e das ideologias hegemônicas (local/global).

Outra autora que se aprofundou nos estudos da mobilidade espacial foi Olga Becker

(1999), que nos apresenta duas escolas que trabalham com este tema; a neoclássica e neomarxista.

Até meados dos anos 1970, a migração era compreendida a partir de uma visão neoclássica (descritiva e dualista), onde esta linha de pensamento analisava os movimentos migratórios através da mensuração de fluxos demográficos e das características individuais de cada migrante em estudo. Em relação a análise espacial era feita a partir de estatísticas de fluxos (linhas) e de aglomerações (pontos), favorecendo a visão histórico-geográfica de determinada formação social, este modelo, para Becker, reduzia a compreensão da realidade, pois considerava a sociedade de forma individualizada, onde cada pessoa buscava melhorias de suas necessidades. A migração era percebida apenas como “decisão pessoal” e não forçada ou produzida por forças exógenas socioeconômicas (Becker, 1999).

Como citado acima, os pensadores desta linha teórica davam foco as características individuais dos migrantes e de alguns outros fatores que influenciavam as migrações, chamados de “fatores de atração-repulsão” (*push-pull factors*). Os fatores de repulsão são representados pela insatisfação do indivíduo em relação ao seu local de origem, já os de atração são caracterizados pela busca de melhores oportunidades em outro local (destino).

Ravenstein (1889), propôs as “Leis da Migração”, que teve como objeto de estudo a realidade da migração interna na Inglaterra (durante a revolução industrial), focando nos “fatores de atração” das cidades. Os principais temas discutidos foram: a migração; a migração por etapas; a distância; os fluxos e contrafluxos; as diferenças cidade-campo em relação a migração; as tecnologias; a dominância por motivos econômicos; e a propensão de mulheres de migrarem em deslocamentos de curta distância. O trabalho do autor foi um propulsor nos estudos migratórios.

A partir da década de 1940, os estudos migratórios, começaram a ser analisados a partir de uma equação (migração-distância), a partir de modelos estatísticos e matemáticos. Os autores Stouffer (1940) e Dorigo e Tobler (1983), utilizavam destes meios citados, a fim de encontrarem algum padrão, subtraindo e somando os fatores de atração e repulsão, mediados pela distância.

Outro autor neoclássico foi Lee (1966), que desenvolveu um esquema geral das migrações, este esquema se constituía em um conjunto de fatores positivos e negativos nas localidades de destino e origem dos migrantes, além de analisar conjuntos de obstáculos possíveis e fatores pessoais dos indivíduos, baseados nas Leis da Migração de Ravenstein. O autor reuniu diversas hipóteses gerais sob diversas situações, como as novas características dos migrantes e o desenvolvimento de fluxos e refluxos (Becker, 1999). Porém estas teorias

desconsideravam o tópico do mercado de trabalho, como o desemprego urbano e de subempregos.

Em contrapartida, Todaro (1969), desenvolve um esquema econômico relacionando as configurações das migrações rurais-urbanas vigentes da época, onde-se, notou um grande número de desempregados e subempregados nas cidades, onde estes trabalhadores tenderiam a mobilidade rumo aos setores modernos da economia urbana, denominando este esquema como probabilístico (Becker, 1999).

No esquema de Todaro (1969), buscava-se analisar as diferenças entre a renda esperada no território de origem e na localidade de destino, ou seja, a decisão de migrar dependia da avaliação do trabalhador se era melhor permanecer em sua terra ou buscar novas oportunidades (mais rentáveis) em outro local. Este processo se daria em duas etapas:

A primeira etapa encontra o trabalhador rural desqualificado migrando para uma área urbana e inicialmente despendendo um certo período de tempo no chamado setor urbano tradicional. A segunda etapa é atingida com o eventual engajamento num setor de trabalho mais moderno. Este processo em dois estágios permite-nos formular algumas questões fundamentais em relação à decisão de migrar, o tamanho proporcional do setor urbano tradicional, as implicações do crescimento industrial acelerado e/ou diferenciais alternativos de renda real urbano-rural quanto à participação do trabalho na economia moderna (Todaro, 1969, p.139).

A partir dos estudos neoclássicos, percebemos que, de modo geral, o maior causador das migrações na época era a industrialização. Os fluxos migratórios, derivavam da modernização, ou seja, a introdução de novas técnicas no processo produtivo, e também, do afunilamento e desenvolvimento da divisão social do trabalho, principalmente, na problemática do êxodo rural (Becker, 1999).

De modo geral, na perspectiva neoclássica, os fluxos migratórios eram caracterizados como um fenômeno que criava equilíbrio para as economias em desenvolvimento, principalmente, para as localidades mais pobres.

Por outro lado, a teoria neomarxista, vem para contestar a teoria neoclássica. Para Gaudemar (1977, p.18), o autor discorre sobre a questão da “mobilidade dos homens enquanto estratégia para perpetuar as desigualdades do espaço”, pois o espaço geográfico no capitalismo não é transformado para atender as necessidades das pessoas. Para o mesmo autor:

A migração é um fenômeno que permite à sociedade atingir o equilíbrio de conjunto possível, correspondendo à maximização da “satisfação”... com um custo mínimo, naturalmente, já que isso evita um arranjo harmonioso dos territórios (Gaudemar, 1977, p.18).

Seguindo o pensamento, o autor debate sobre os fluxos migratórios de regiões ou setores, denominados na época como “subdesenvolvidos”, relacionados as condições de trabalho (fraca produtividade, produção de bens voltados ao uso intensivo de mão de obra barata e trabalhos flexíveis), relacionados as regiões ou setores ditos “desenvolvidos” (fluidez do capital na produção e salários maiores), surgindo um “ajustamento” nas formas de produção não-capitalistas (Peek, 1978, p.2).

Gaudemar (1977), traz conceitos como “mobilidade promovida pelos movimentos do capital” e “mobilidade forçada”, trazendo uma crítica a visão neoclássica que entendia a migração como um ato individual. A partir deste ponto, as migrações passaram a ser entendidas, como fenômenos que são influenciados pela ação do trabalho frente ao capital (Becker, 1999).

Este tipo de mobilidade forçada (migração), tornou-se um mecanismo para a expansão do capitalismo, em relação as periferias do globo. Para Moreira (1978), a mobilidade do trabalho e a espacial, é determinante e determinada em relação ao processo de acumulação do capital, onde o sistema amplia a demanda de trabalho, e ao mesmo tempo, cria ofertas de trabalho que necessita. Neste sentido, a mobilidade se torna uma condição para a força de trabalho, e posteriormente, se torna mercadoria, buscando-se sempre o lucro.

Para Becker (1999), a mobilidade do trabalho se estrutura em duas dimensões: a social (vertical) e a espacial (horizontal). Sendo assim, as estratégias do capitalismo, visa a expansão da força de trabalho no espaço, se concentrando em pontos de interesses, visando a maximização da produção e de lucros.

A mobilidade da força de trabalho é, assim, uma característica do trabalhador submetido ao capital e, por essa razão, do modo de produção capitalista. A força de trabalho deve ser, portanto, móvel, isto é, capaz de manter locais preparados pelo capital, que tenham sido escolhidos ou impostos; móvel quer dizer apto para as deslocamentos e modificações do seu emprego (Gaudemar, 1977, p.190).

Desta forma, a mobilidade da força do trabalho é percebida como determinada, por meio das necessidades capitalistas. Estas necessidades influenciam em como ocorrerá as transformações do espaço e dos movimentos pelos territórios (como a migração).

A dimensão da mobilidade chamada de social, está envolvida na hierarquia do trabalho, tendo seu início na manufatura e chegando nos dias atuais na grande indústria. Desta forma, esta mobilidade ocorre entre os setores da produção, e também, nas funções do processo produtivo (Becker, 1999). Um exemplo desta mobilidade é a expropriação dos meios de produção de pequenos camponeses, que acabam por consequência migrando para as

idades em busca de trabalho assalariado, constituindo novos perfis da mobilidade social e da transformação do trabalho.

A constante reprodução capitalista que procura cada vez mais novos mercados e o desenvolvimento dos processos produtivos, cria-se ao mesmo tempo, a necessidade cíclica de novos assalariados e o melhoramento das técnicas, gerando conseqüentemente, um exército de reserva de trabalhadores. Com este excedente populacional de trabalhadores, demonstra que as economias necessitam deste tipo de população, podendo utiliza-la ou não, a partir de seus interesses.

O desenvolvimento econômico não ocorre harmoniosamente sob o capitalismo. Há súbitas explosões de crescimento quando novos mercados são abertos... Nestas situações a economia precisa de uma rápida transfusão de trabalho: uma reserva de força de trabalho para ser trazida quando necessária e liberada na medida em que a demanda diminui ou a mecanização prossegue. O uso da reserva de trabalho em ocasiões de rápido desenvolvimento econômico impede que o lucro seja desviado da acumulação do capital para o trabalho (Peet, 1977, p.115).

Seguindo o pensamento de Peet (1997), a porção excedente, corresponde aos trabalhadores que podem ser atraídos ou repelidos para os setores modernos da economia. Onde está população, ocasionalmente, pode ser agregada ou não ao desenvolvimento ou a reconstrução dos processos produtivos. Estas constantes mudanças nos processos produtivos, são capazes de gerar grandes fluxos de mobilidades (espaciais, sociais, de trabalho, etc.).

De modo geral, os fenômenos da mobilidade apresentaram diversas funções em diferentes modos de produção, durante a humanidade. Durante as sociedades primitivas, a mobilidade se apresentava como uma forma de sobrevivência, pois a necessidade do movimento, advinha da necessidade de encontrar lugares seguros, com alimentos, água e terras férteis. Já no mundo capitalista, a mobilidade é um dos meios da reprodução capitalista, mobilidade essa, que gera trabalhadores móveis e “livres”, a fim de manter a manutenção dos processos de acumulações, representando um índice da hegemonia do capital sobre os espaços (Becker, 1999).

Harvey (1974), discursa sobre o desenvolvimento capitalista de acumulação, e que este processo, necessita de um excedente de trabalhadores que possam nutrir o aumento da produção.

Mecanismos precisam existir para aumentar o excedente de força do trabalho através, por exemplo, do estímulo ao crescimento da população, da geração de fluxos migratórios, do emprego em situações não-capitalistas... ou criando desemprego pela introdução de inovações poupadoras de mão-de-obra (Harvey, 1974, p.264).

Como consequência, haverá uma redistribuição da população (em decorrência das

transformações no espaço geográfico e dos processos de acumulação), neste sentido, os fluxos migratórios se tornam uma importante ferramenta na produção da força de trabalho, pois podem agregar áreas em todas as escalas espaciais (local, regional, nacional, internacional), criando novas formas do capital se desenvolver. Para Becker (1999, p.342): “migrantes são todos aqueles indivíduos que seguem os movimentos do capital sob a condição de força de trabalho assalariados, ou potencialmente assalariada”.

Em síntese a mobilidade espacial, se produz e reproduz através das mobilidades entre os territórios e dentro de seus domínios, sendo as migrações um dos fenômenos que constroem o espaço geográfico atual, marcado por sua fluidez e pelo desenvolvimento de fixos e fluxos entre e fora dos territórios. As novas configurações da mobilidade espacial são moldadas pelas ações do capitalismo e na sua necessidade de reconstrução e evolução dos meios de produção, sendo ou não necessário as mobilidades espacial e de trabalho de indivíduos em pontos estratégicos no e entre os espaços, a fim do fortalecimento capitalista.

4 RELAÇÕES BILATERAIS SINO-BRASILEIRAS E OS IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL

4.1 GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

Nos últimos 40 anos, houveram importantes transformações em escalas globais, atingindo diversas esferas (econômicas, sociais, políticas, jurídicas, institucionais, culturais, geográficas, demográficas, geopolíticas, ambientais, etc.). Porém foi somente na década de 1990 que o termo “globalização” passou a ser utilizado, para determinar tais transformações (Gonçalves, 2003).

No sentido econômico, acompanhado pelo fenômeno, em expansão da globalização, Gonçalves (2003), traça três processos, que de forma simultânea caracterizam esta globalização econômica, sendo eles: 1) o grande aumento dos fluxos internacionais de bens, serviços e capital; 2) o acirramento da concorrência internacional; 3) a crescente interdependência entre sistemas econômicos nacionais e a gentes econômicos globais, isto ocorre, quando as exportações e importações de bens e serviços, tendem a crescerem mais do que a da renda nacional, ocorrendo uma abertura externa das economias nacionais.

Neste cenário globalizado, os territórios que seguem a lógica capitalista de produção apresentam dois atores de poder, o poder político (Estado) e o econômico (empresas multinacionais e transnacionais), o primeiro detêm a organização da força de trabalho e o poder político-militar, já o segundo detêm a concentração de capital, tecnologia e as capacidades organizacionais, mercadológicas e gerenciais (Gonçalves, 2003). Esses atores influenciam diretamente na produção do espaço geográfico, e organizam os fixos e fluxos de uma localidade a outra.

Neste cenário a produção também é internacionalizada, isto ocorre devido aos fluxos de exportação e importação, onde residentes de determinado país acessam bens e serviços, com origem de outro país, fornecidos por não-residentes de seu país de. Está internacionalização da produção também pode ser traduzida através dos migrantes laborais, que migram para exercer sua função empregatícia em outro país/território. Segundo Gonçalves (2003) há três esferas básicas da internacionalização da produção: 1) o comércio; 2) os investimentos externos diretos e; 3) as relações contratuais e/ou bilaterais.

A globalização econômica se apresenta em quatro dimensões (comercial, produtiva, tecnológica e financeira), onde cada uma tem sua função na transformação do espaço geográfico e o “direcionamento” dos fixos e fluxos.

A dimensão comercial se caracteriza pelo comércio internacional de bens e serviços. A dimensão produtiva trata-se das operações de empresas multinacionais, que comandam filiais e subsidiárias em outros territórios. Já a dimensão tecnológica, se refere as transferências de “*know how*” (tecnologias de processo, tecnologias de produtos, assistência técnica, etc.) ou a direitos de propriedade e, também as relações contratuais. Por fim, a dimensão financeira interfere nos fluxos internacionais de capitais de financiamento, empréstimo e investimento externo (Gonçalves, 2003).

A globalização econômica é indissociável da ascensão do neoliberalismo nos territórios. O neoliberalismo indica a diminuição das barreiras comerciais de acesso em relação aos mercados nacionais, tendo em foco, a desregulamentação ou a destruição das normas reguladoras da atividade econômica de determinado Estado. Tendo como consequência a invasão do mercado global em determinado território, atingindo tanto os países ditos desenvolvidos e os que estão em desenvolvimento.

Com o avanço da globalização neoliberal/econômica, há a necessidade do desenvolvimento de novas tecnologias, como o avanço da microeletrônica, das tecnologias de comunicação e informática. Que ajudam na organização e produção, além do espaço das informações, favorecendo um mercado e sociedade cada vez mais conectados em qualquer escala.

Neste contexto, da globalização econômica, que tende a abertura econômica e a flexibilização das fronteiras materiais e imateriais dos territórios, a fim da geração de lucros, também possibilita a transição demográfica, de capitais e mercadorias entre os espaços. O caso de Brasil e China no século XXI é um exemplo claro.

4.2 RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA

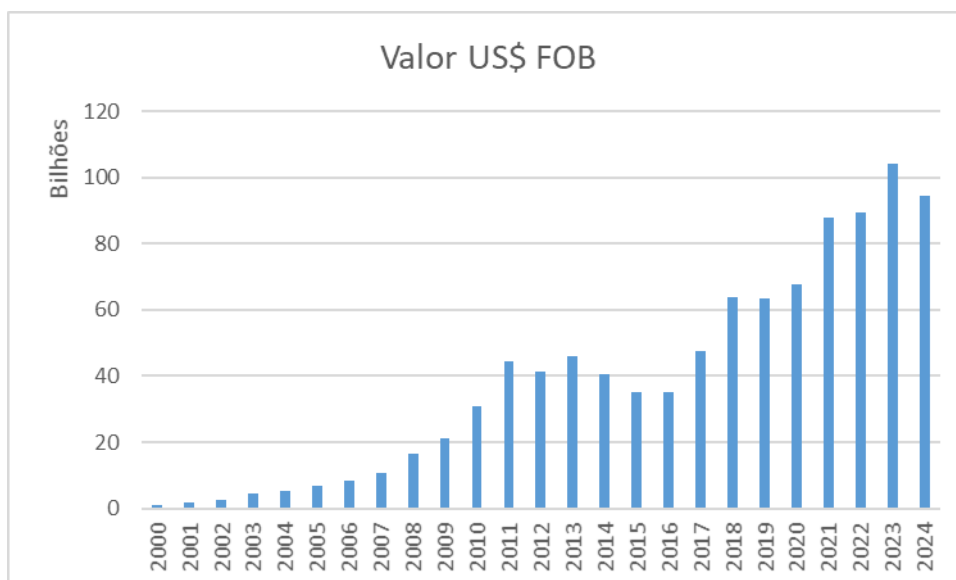
Devido ao crescimento acelerado da economia chinesa, em conjunto com o desenvolvimento industrial e um rápido processo de urbanização e de infraestrutura, este crescimento trouxe um impacto relevante nas demandas e sobre os preços de *commodities* no mercado internacional, conseqüentemente, afetando o mercado e modificando os fluxos comerciais da América Latina e, em especial o Brasil, devido a sua grande extensão territorial, suas disponibilidades de recursos e por sua capacidade competitiva em diversas cadeias produtivas como nos casos do agronegócio, do setor de extração mineral e petróleo. (Hiratuka,2024).

No início dos anos 2000 as exportações brasileiras para a China chegavam a valores

próximos a US\$ 1 bilhão, porém devido ao crescimento acelerado das relações bilaterais dos dois países no ano de 2009 a China se torna o principal parceiro econômico do Brasil, deixando para trás parceiros mais tradicionais como a Argentina e os EUA. Este crescimento permaneceu até 2011 (atingindo US\$ 44 bilhões). Em relação a participação ativa de 2% foi para 17% do total de exportações. Nos anos de 2012 a 2016, devido à crise internacional e a diminuição de demanda chinesa, os preços das *commodities* apresentaram uma queda nas relações comerciais, mais de modo geral ocorreu um processo de acomodação. Já a partir de 2017 a 2022, notou-se uma tendência ao crescimento, demonstrando recordes sucessivos, atingindo valores de US\$ 90 bilhões em 2022, no que tange a participação ativa o recorde ocorre no ano de 2020, onde quase um terço das exportações brasileiras tinham destino o território chinês. Nos anos de 2021 e 2022 a China apresentou 27% de todas as exportações brasileiras (Hiratuka, 2024).

O fortalecimento das relações comerciais com a China, causaram um grande salto nas exportações brasileiras, influenciando na expansão de setores como a indústria extrativista e de petróleo e do agronegócio.

Gráfico 1: Exportações brasileiras rumo a China (valor em US\$).



Fonte: Dados provenientes da COMEXSTAT (2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Os produtos primários são os principais produtos comprados pelos chineses, sendo a soja, o minério de ferro, o petróleo e a carne representantes de 87% das exportações para o país asiático em 2022. Porém há outras *commodities* como a celulose, o açúcar e algodão,

porém nota-se uma concentração de produção nas primeiras mercadorias citadas acima (Hiratuka, 2024).

A concentração produtiva exportadora, revela preocupações no sentido econômico (dependência da venda de produtos primários com menor valor agregado) e ambientais (como o desmatamento causado pela expansão da produção de soja, pecuária e da mineração na Amazônia e Cerrado brasileiro) (Fearnside e Figueiredo, 2015). Tendo como exemplo, a produção de soja que teve um aumento de 66% entre 2010 e 2017 (CDP, 2019).

As relações sino-brasileiras contemporâneas, completaram 50 anos em 2024. O reconhecimento da China pelo Estado brasileiro, foi resultado de uma diplomacia “pragmática” do governo Geisel (1974-1979) (Muller, 2019; Azevedo, 2020). Desde então, as relações bilaterais entre os países cresceram de forma significativa, formando acordos como o acordo de Parcerias Estratégicas, feito em 1993, e o estabelecimento da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concentração e Cooperação (COSBAN) em 2004 (Hiratuka, 2024). Outra questão importante, para o fortalecimento diplomático entre os países foi a entrada em 2001, da China na Organização Mundial do Comércio (OMC).

A partir dos anos 2000, com a crescente necessidade mundial por matérias-primas, impulsionada pelo intenso crescimento da economia chinesa entre 2003-2011 (creca de 10,8% a.a.), fez com que os preços das *commodities* aumentassem de forma significativa em relação ao mercado internacional (WORLD BANK, 2024).

Para suprir a demanda do mercado chinês, o Brasil, se torna um parceiro comercial significativo para China. Neste sentido Silveira e Montanha (2024), comentam a situação econômica brasileira “Em decorrência disto, o processo de reprimarização da pauta exportadora brasileira –iniciada com a ascensão de governos neoliberais na década de 1990 – acelerou-se”.

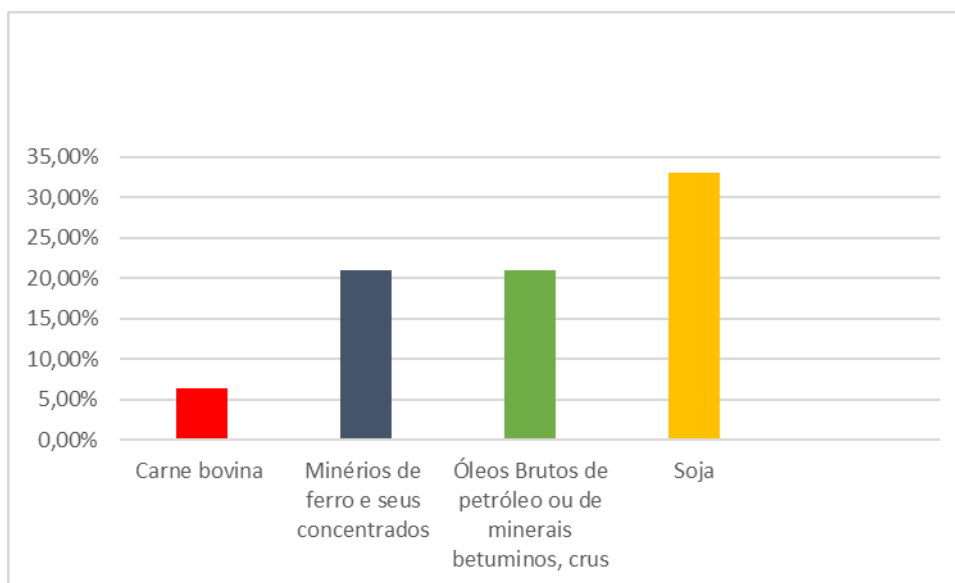
Em 2010, quando os produtos primários se tornam os principais produtos exportados pelo Brasil, ampliou-se a participação das *commodities*, principalmente, o minério de ferro, soja e petróleo cru, na balança comercial brasileira, sendo a China o principal destinatário desses produtos.

Em relação ao minério de ferro, em 2006 as exportações eram de US\$ 8,95 bilhões (6,5%), saltaram para US\$ 32,5 bilhões (13%) das exportações brasileiras em 2013. Seguindo esta lógica, a soja em 2006 representava 5,66 bilhões (4,1%), já em 2013 o número foi de 22,8 bilhões (9,3%). O petróleo cru de US\$ 6,89 bilhões (5%), em 2013 atingiu US\$ 13 bilhões (5,4%) (COMEXSTAT, 2024).

Neste contexto, em relação aos produtos citados acima exportados pelo Brasil no

mercado global, o minério de ferro em 2006, 29,38% era exportado para a China, porém em 2013 chegou a ser 48,92%. 42,93% da soja exportada tinha como destino a China em 2006, e em 2013 chegou a ser 75%. Já o petróleo cru em 2006 foi de 12,13% para 31% em 2013 (COMEXSTAT, 2024).

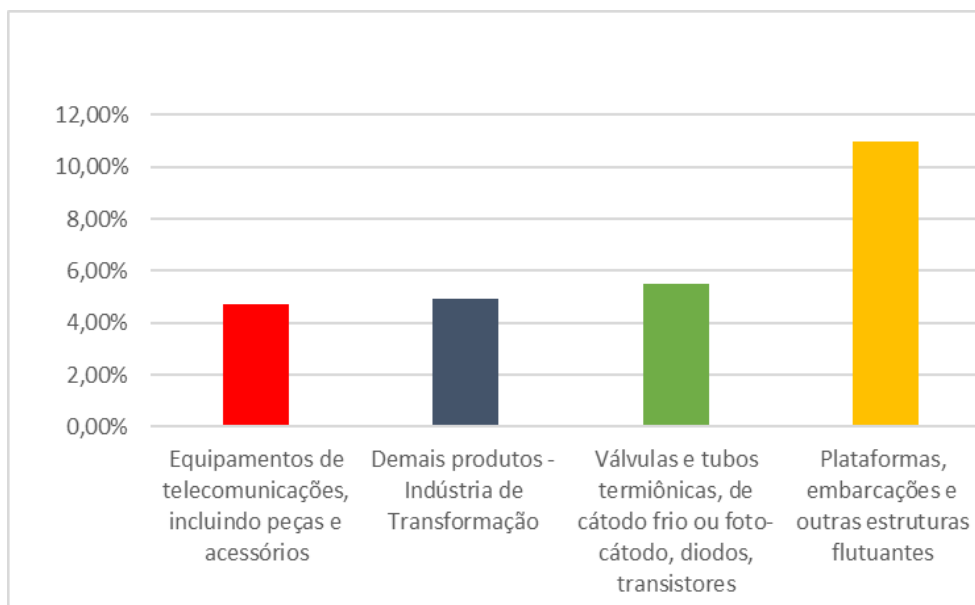
Gráfico 2 - Produtos mais exportados do Brasil rumo a China (2024).



Fonte: Dados provenientes da COMEXVIS(2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Os produtos mais comercializados pelo Brasil em 2024 foi a soja (33% do total), atingindo valores de 31,5 bilhões US\$, o setor de Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, crus, alcançaram 21% das exportações, com um valor aproximado de 20 bilhões US\$, o setor de minério de ferro e seus concentrados (21%) tiveram uma soma de 19,9 bilhões US\$, e pôr fim a carne bovina (6,3%) teve um valor de 6 bilhões US\$. As demais categoriais ficaram abaixo dos 5%, como a celulose (4,9%) e os açucares e melaços (1,5%).

Gráfico 3 - Produtos mais importados pelo Brasil de origem chinesa (2024)



Fonte: Dados provenientes da COMEXVIS(2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Em relação as importações brasileiras de origem chinesa, nota-se o setor de plataformas, embarcações e outras estruturas flutuantes (11%) com um valor de 2,7 bilhões US\$, seguido pelas válvulas e tubos termiônicas, de cátodo frio ou foto-cátodo, diodos, transistores (5,5%) no valor de 1,33 bilhões US\$, o próximo setor em destaque é o “demais produtos - Indústria de Transformação” (4,9%) e por fim o setor de equipamentos de telecomunicações, incluindo peças e acessórios (4,7%) num valor de 1,14 bilhões US\$. Os outros setores têm participação menor que 4%, como o de compostos organo-inorgânicos heterocíclicos, ácidos nucléicos e seus sais e sulfonamidas (3,8%) e máquinas e aparelhos e elétricos (2,7%).

Vale ressaltar, que no período da crise financeira mundial em 2008-2009, o país asiático se torna o principal parceiro comercial do Brasil. Os Estados Unidos que antes era o principal parceiro comercial brasileiro, neste período, as exportações e importações decaíram de US\$ 53 bilhões (2008) para US\$ 35,6 bilhões (2009), apresentando uma variação negativa de 32,83%. Em relação a China, no mesmo período, houve um crescimento de 1,10%, onde em 2008 os valores eram de US\$ 36,5 bilhões e em 2009 saltaram para US\$ 36,9 bilhões (COMEXSTAT, 2024).

A partir deste ponto as relações entre Brasil e China demonstram um desequilíbrio, pois o país sul-americano exporta, predominantemente, *commodities* e importa produtos industrializados (maior valor agregado) (Silveira, Montanha, 2024).

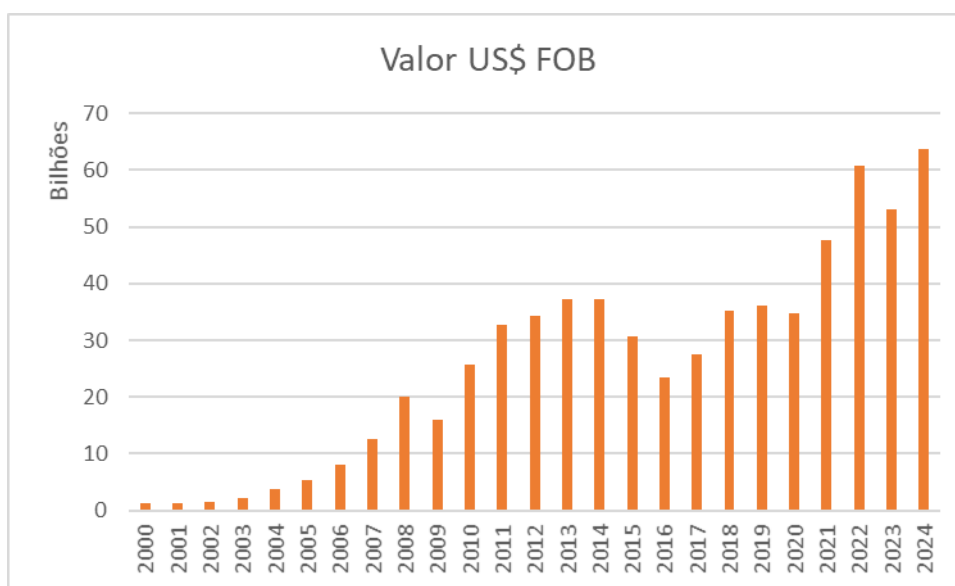
No ano de 2013, o valor das exportações (US\$ 46 bilhões) brasileiras, eram representadas, principalmente, pelo comércio de *commodities* (principalmente, soja, minério

de ferro e petróleo bruto). No ano de 2015, outro produto, que começa a se destacar nos valores de exportações brasileira foi a carne bovina (Silveira, Montanha, 2024).

Em 2023, os valores das exportações brasileiras rumo a China chegaram em US\$ 104 bilhões, tendo como destaque os seguintes produtos: soja (37% do total); ferro (19%); petróleo bruto (19%); carne bovina congelada (5,5%); e o milho (3,5%) (COMEXSTAT, 2024).

Por outro lado, as importações brasileiras referentes a China, no de 2023 chegaram ao valor de US\$ 53,1 bilhões, sendo US\$ 23,7 bilhões representados em compras no setor de máquinas (45% do total), de produtos químicos vêm a seguir num valor de US\$ 9,46 bilhões (18%), o próximo setor é o de metais somando uma quantia de US\$ 4,79 bilhões (9%) e artigos têxteis com um valor de US\$ 3,41 bilhões (6,4%) (COMEXSTAT, 2024).

Gráfico 4 - Importações brasileiras referentes a China (valor em US\$).

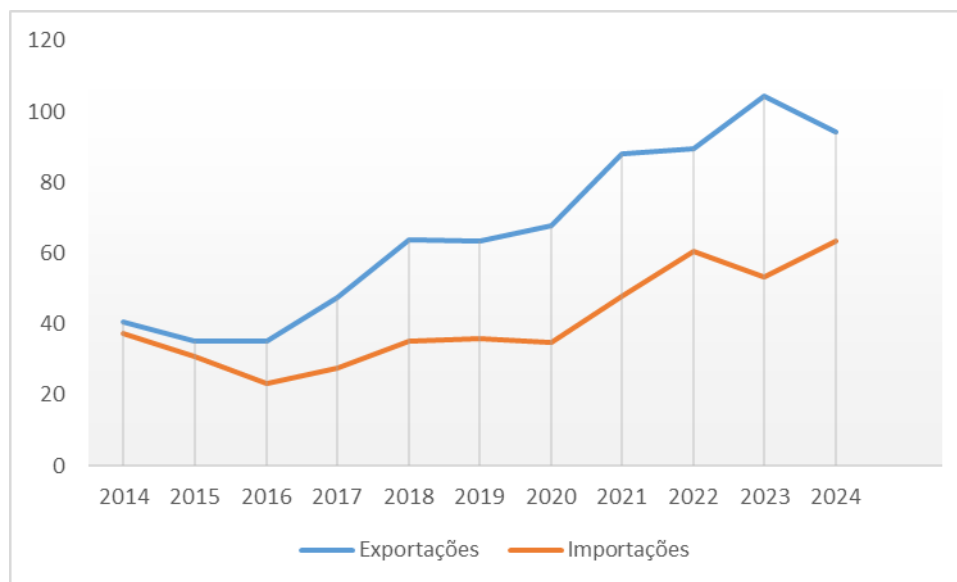


Fonte: Dados provenientes da COMEXSTAT (2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Mesmo com o desequilíbrio da balança comercial sino-brasileira, o país sul-americano apresenta um superávit comercial em relação a China (desde 2013). No ano de 2023 o Brasil atingiu o maior valor da década (US\$ 51,1 bilhões). Porém os saltos comerciais foram obtidos através da comercialização de *commodities* primárias, em contrapartida, o Brasil apresenta um déficit comercial no sentido dos produtos manufaturados, como nas áreas de: alta tecnologia (predominantemente eletroeletrônicos); manufaturados de média tecnologia (maquinário, produtos químicos, autopeças, etc.); e produtos de extensiva mão de obra (vestuários,

calçados, têxteis, etc.) (Hiratuka, 2024).

Gráfico 5 - Balança comercial Brasil-China entre 2014-2024 (valores em bilhões de US\$)



Fonte: Dados provenientes da COMEXSTAT (2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Sugimoto e Diegues (2022) e Almeida et al. (2022) expõem que durante os anos de 2000 a 2014, ocorreu um aumento na dependência da indústria manufatureira no Brasil em relação a produtos domésticos fabricado na China. Neste contexto, os setores mais afetados no Brasil foram: a informática; produtos óticos e eletrônicos; vestuários e têxteis; máquinas e equipamentos; e equipamentos elétricos. Sugimoto e Diegues (2022), ainda destacam que todos os setores de manufaturas brasileiros foram afetados pela onda de importação chinesa.

Os setores que tiveram maior presença e compras de produtos chineses foram: de informática e produtos eletrônicos (pouco mais de 30% do consumo aparente); equipamentos elétricos (18% do consumo aparente); produtos têxteis, máquinas e equipamentos e outras manufaturas entram em setores que a China mantém mais de 10% do consumo aparente (Hiratuka, 2024).

Devido a “guerra comercial” entre Estados Unidos e China, principalmente nos governos de Donald Trump (2017-2021, 2025-atualmente), onde ocorreu séries de sanções comerciais de produtos e empresas chinesas, impostas pelos os EUA. A China, por sua vez, correspondeu as sanções na mesma moeda em relação a produtos e empresas estadunidenses.

Neste contexto, pensando na “guerra comercial” entre EUA e China, um dos

desdobramentos atingiu de forma direta o Brasil. A China começou a investir significativamente na importação de soja brasileira, a fim de diminuir sua dependência desta mercadoria que advinha dos EUA. No ano de 2013 as importações de soja (aproximadamente 46,36%) chinesas eram brasileiras, tendo um aumento para 62,13% em 2023. Em contrapartida, no ano de 2013 as importações de soja chinesas provenientes dos EUA eram de 32,24%, já em 2023 os números chegaram a 23,39% (UN CONTRADE, 2024).

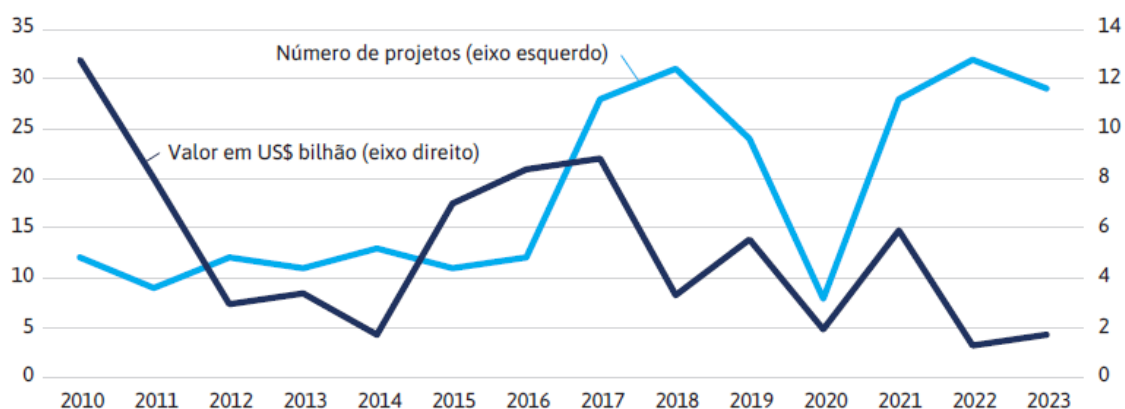
Pensando nos Investimentos Externos Diretos (IEDs) da China no território brasileiro, que se tornaram relevantes no período de 2010-2011, Frischtak, Soares e o O'Conort (2013) comentam:

o fornecimento de longo prazo de commodities e, também, implementar uma estratégia de busca de mercado no setor industrial com potencial para o estabelecimento de uma plataforma de exportação no Brasil orientada para a América Latina (2013, p.19).

O movimento político, citado acima pelos autores, foi parte da política *Going Global*, realizado durante o período de 2001-2010, que se configuram através de planos quinquenais do governo chinês. Este projeto se caracterizava pela internacionalização das empresas chinesas em outros territórios, aumentando a influência chinesa na política externa mundial (Jabbour, 2010).

A política do *Going Global* e o ingresso do país asiático na OMC, impulsionou o país no mercado mundial no século XXI, havendo um aumento significativo nos fluxos de saídas de IEDs chinesas para outros destinos, como o Brasil (Silveira, Montanha, 2024).

Gráfico 6 - Fluxo de investimentos chineses confirmados no Brasil

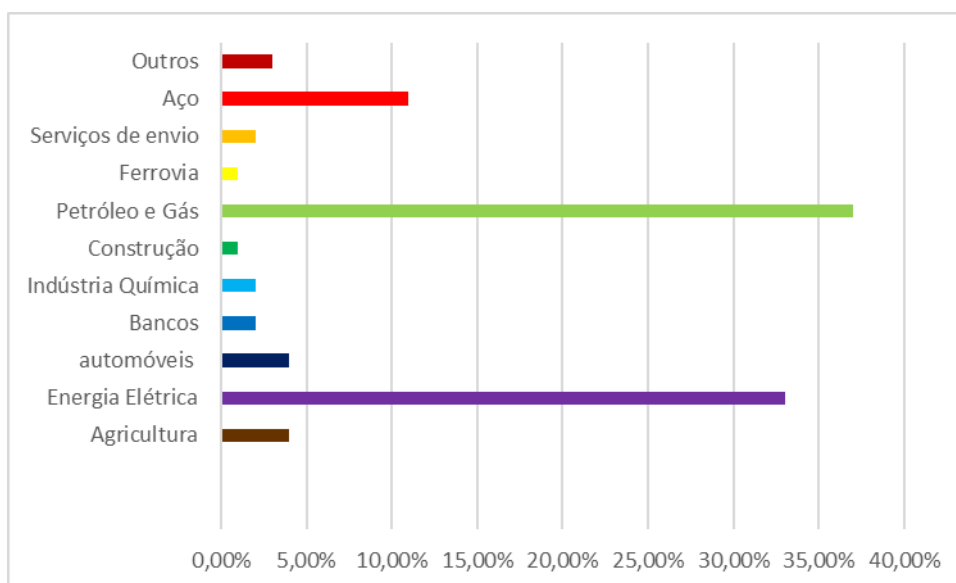


Fonte: Dados do CEBC, elaborado por CARIELLO (2024).

As IEDs (em 2007 a 2022), segundo Cariello (2023) realizaram 235 projetos com um valor, aproximadamente de US\$ 71,6 bilhões, investindo em setores como: eletricidade

(35,7%); indústria manufatureira (23,4%); tecnologia e informação (13,2%); agricultura (6,4%); extração de petróleo e gás (5,5%); e serviços financeiros (5,1%). Outros investimentos tiveram porcentagens abaixo de 4%. Os investimentos exteriores chineses no Brasil atingiram seu ápice em 2016, porém com medo da fuga de capitais o governo chinês decidiu diminuir os fluxos de investimentos em escala global. Neste contexto, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma chinesa estabeleceu um marco regulatório nos investimentos exteriores, tendo três grupos classificatórios: investimentos encorajados pelo governo; investimentos com restrições; e setores proibidos (Huang, Le, 2018).

Gráfico 7 - IEDs chineses no Brasil – Porcentagem de investimento em diferentes setores (2005-2022)



Fonte: Dados do CGIT, elaboração, SANTIAGO (2025).

A grande concentração dos investimentos, foram direcionados a fusões e aquisições, em relação e investimentos *greenfield* (Schutte, 2020; Hiratuka, 2019). As fusões e aquisições equivalem a 85% (entre 2010-2013) e 95% (entre 2014-2017) (Hiratuka, 2019).

Nota-se também, uma grande concentração dos investimentos nos setores de energia elétrica, extrativista e de energia. Em relação a energia elétrica além da compra/aquisição de empresas já em funcionamento no território brasileiro, percebe-se a entrada de empresas chinesas como a State Grid (Barbosa, 2020). Porém o setor extrativista de minerais e petróleo, o foco tem sido na busca por matérias-primas para o desenvolvimento do território chinês, tendo em diversas vezes o apoio dos Bancos de Desenvolvimento Chineses, através do

“*Commodity-backed operations*” (Myers e Gallagher, 2017).

Vale destacar os investimentos voltados ao agronegócio, tendo como exemplo os investimentos da COFCO. Na área de infraestrutura, vemos a internacionalização das empresas chinesas, buscando o melhoramento das vias, a fim de melhor escoamento das *commodities*, um dos exemplos é o interesse no investimento na área de ferroviárias, como os projetos da Ferrovia Bioceânica e a Ferrovia de Integração do Centro Oeste (FICO).

Na área de investimentos em tecnologia, vemos ultimamente, um crescente investimento na área de carros elétricos como o caso da empresa BYD, que até 2023, planeja produzir 150 mil veículos por ano na planta da Bahia (Souza, 2023). Os investimentos em 2022 foram anunciados no valor de R\$ 3 bilhões. Outro fator, é o interesse de algumas cidades brasileiras na substituição de seus ônibus urbanos (combustíveis convencionais) para veículos elétricos.

A primeira década do século XXI se caracterizou pela consolidação das relações comerciais entre Brasil-China, a partir de 2010, observa-se novas configurações, representada pelo o aumento de empresas chinesas em solo brasileiro (HIRATUKA, 2024). O aumento de investimentos diretos se apoia na maior aproximação diplomática entre a China e América Latina e, conseqüentemente, do Brasil, além dos movimentos estratégicos da China em promover a internacionalização de suas empresas.

Para Hiratuka (2024), outro fator que explica os investimentos chineses no Brasil:

observou-se desde o primeiro mandato governo Lula, uma política externa que buscou alinhamento com países do Sul Global e em especial com a China. Do lado da China, em 2008, o Governo chinês lançou o primeiro documento voltado exclusivamente para as relações com a América Latina, posteriormente atualizado em 2016. Embora o documento fosse voltado para o conjunto da AL, a importância do Brasil, para além do próprio tamanho da economia brasileira, pode ser destacada pela aproximação permitida pela participação dos dois países nos BRICS e pelos diversos documentos lançados no plano bilateral, como o Plano de Ação Conjunta Brasil-China adotado em 2010, no Plano Decenal de Cooperação assinado em 2012 e no Plano de Ação Conjunta 2015-2021 (Hiratuka, 2024, p.16).

Nos períodos dos governos Temer (2016-2018) e Bolsonaro (2019-2022), que focaram uma reaproximação geopolítica e econômica com os EUA e Europa, e por questões geopolíticas como a política de Covid-zero do governo chinês e do advento da Guerra na Ucrânia, foram empecilhos para o investimento chinês no território brasileiro (Silveira, Montanha, 2024).

No ano de 2005, os investimentos chineses eram de apenas de US\$ 300 milhões, correspondendo a 0,2% do total recebido pelo Brasil. Em 2010, o valor saltou para US\$ 7,8 bilhões, gerando 1,3% do total. Neste período notou-se um investimento forte no setor

extrativo (petróleo e minerais). Já no período de 2010-2021 os investimentos chineses atingiram 29,8 bilhões, em 2010 a China era o décimo sexto país que mais investia no Brasil, no de 2021 se torna o quinto colocado (Hiratuka, 2024).

Com o desenvolvimento e propagação de uma globalização econômica/neoliberal, que se caracteriza pela internacionalização do comércio e de aberturas econômicas, além da flexibilização das fronteiras (materiais e imateriais), tornando o tempo e mercadorias maleáveis, no espaço geográfico, facilitando as interações comerciais entre diferentes países, assim, como destacado no artigo, entre Brasil e China, que durante o século XXI, vem se fortalecendo as relações diplomáticas e comerciais entre ambos.

O fortalecimento das relações sino-brasileiras em relação ao comércio é nítido quando observamos os dados de importações (recorde em 2024, US\$ 63,6 bilhões) e exportações (recorde em 2023, US\$ 104 bilhões) referentes ao Brasil em relação ao país asiático, onde durante a série histórica (2001-2024), nota-se um crescente aumento no número de capitais negociados. Mesmo com um superávit comercial (grande participação na exportação de commodities), o Brasil apresenta um déficit comercial em relação a produtos manufaturados advindos da China, gerando conseqüentemente uma dependência do mercado brasileiro em relação a essas mercadorias. Outra questão é o interesse chinês em investimentos diretos no Brasil.

De modo geral, a parceria econômica entre China e Brasil, deve continuar a crescer, e conseqüentemente, aumentar os acordos bilaterais entre eles, principalmente, em um cenário de “guerra comercial” entre os EUA e membros dos BRICs. No caso do Brasil, o mesmo continuará com sua economia exportadora e sua interdependência de produtos manufaturados e de tecnologias (principalmente chinesas), que conseqüentemente, implica em dificuldades para o crescimento desses setores em escala nacional, já a China, continuará comprando *commodities* brasileiras, para o seu desenvolvimento econômico, além de se infiltrar no mercado brasileiro, através de investimentos diretos, compras de empresas e parcerias com empresas locais.

4.3 IMIGRANTES CHINESES NO BRASIL

Recentemente, o número de imigrantes asiáticos nos municípios brasileiros, em especial os chineses, que no século XXI, são um dos grupos migratórios em destaque, que adentram o país. Geralmente estes migrantes, se fixam no Brasil por motivos econômicos,

para Vérias:

Tanto a emigração quanto a imigração chinesas vêm para suprir uma demanda de trabalho. De modo que a migração chinesa não é diferente da de outros grupos que se espalham pelo mundo: é parte da mobilidade internacional mais ampla, consequência de uma economia global determinada a encampar o livre comércio e mercados abertos (Vérias, 2008, p.103).

Estes indivíduos se fixam, principalmente em atividades comerciais, ligados aos circuitos da economia urbana (predominantemente o inferior), onde-se especializam enquanto proprietários de lojas, restaurantes, trabalhadores e consumidores (Ferreira, 2022).

No século XIX e começo do século XX, o comércio de coolies era um tipo de migração forçada, que atingiu o continente asiático, principalmente a China, onde, muitos chineses foram comercializados, sequestrados e escravizados (Morimoto, 2004). O significado da palavra coolie, em inglês é “massa móvel de trabalhadores assalariados, quer indianos, que chineses, que se irradiaram pelo Ocidente servido várias sociedades” (Yang, 2019)

O comércio de coolies se caracterizava, pelo recrutamento de indivíduos para trabalhos, predominantemente braçais, onde o indivíduo era contratado, porém, os imigrantes ficavam endividados com os custos abusivos da viagem, gerando uma dívida, tornando o migrante dependendo do patrão e do contrato assinado. Alexander Chung Yuan Yang, comenta o trajeto característico do comércio de coolies e do tipo de trabalho:

O comércio dos coolie é visto dentro do panorama da emigração mundial como emigração oriental em direção ao Ocidente ou às colônias de potências ocidentais localizadas no Oriente. Os primeiros chineses ao saírem de seu território dedicaram-se a trabalhos agrícolas nas colônias e à mineração. As segundas levadas incluíam trabalhadores qualificados para atender a retaguarda, no esforço de guerra das potências ocidentais (Yang, 1977, p. 420).

Porém durante a segunda metade do século XIX, que estava passando pela formação de movimentos pelo fim da escravidão, onde o Brasil passava por dúvidas em relação a sua força produtiva (mão de obra) os trabalhadores chineses foram cogitados, através do sistema de *collie*. Porém o projeto não foi adiante devido as questões racistas de embaquecimento da população e pela preferência pela migração europeia ou norte-americana (Leite, 1999; Lesser, 2001).

Em relação a migração chinesa para o Brasil de fato, Weinong (2012) distingue quatro fases destes fluxos com destino ao Brasil. A primeira fase da migração chinesa no Brasil tem registros iniciais de 1812, considerados os primeiros asiáticos a chegarem no país, o motivo para a vinda destes migrantes advinha da tentativa da introdução da cultura do chá no Rio de

Janeiro, com o objetivo da comercialização visando o mercado inglês (Leite, 1999; Lesser, 2001; e Chang-Sheng, 2009). Porém o projeto não foi satisfatório, pois o cultivo não se desenvolvia devido ao clima muito quente. Segundo Chen (2010) o número de chineses era de aproximadamente de 400 indivíduos, que tinham destino ao Rio, principalmente para a Fazenda Imperial de Santa Cruz.

Nesta época o Brasil era predominantemente rural, e mesmo com a pequena quantidade de chineses no país, em alguns centros urbanos principalmente no Rio de Janeiro sua presença fazia parte da paisagem (Freire da Silva, 2018).

A segunda fase, menos movimentada que a primeira, foi marcada por imigrantes da cidade de Qingtian (província de Zhejiang) que foram rumo ao Rio de Janeiro a partir de 1910. Os qingtianeses estabeleceram uma dinâmica migratória, inicialmente, para a Europa no intuito de trabalhar na indústria têxtil, neste sentido, esses migrantes que chegaram ao Rio de Janeiro já tinham passado por um momento de experiência, em relação ao processo migratório, especialmente na França (Guo, 2005).

No começo os migrantes de Qingtian, se estabeleceram como ambulantes e sacoleiros e, posteriormente, se firmaram com lojas, que vendiam (predominantemente) porcelanas, lenços de seda e toalhas bordadas, começando a importação de produtos chineses para os mercados locais (Weinong, 2012; Guo, 2005; Chang-Sheng, 2009). Alguns desses migrantes também se fixaram na capital paulista.

A terceira e quarta fase, foram com certeza, as épocas com maior entrada de chineses no país. A terceira fase, foi marcada pela dificuldade dos processos de emigração da China Continental (1949-1979), devido a normas do Governo Comunista chinês, como o advento da revolução cultural e os empecilhos fronteiriços em relação saída e entrada no território chinês. Neste sentido, esta época foi marcada pela imigração de chineses que vinham de Taiwan (que teve a maior concentração de migrantes), Hong Kong e Macau. Alguns destes taiwaneses tiveram auxílio de entidades cristãs, entre eles um grupo que fundou a primeira Igreja Presbiteriana de Formosa do Brasil, no bairro da Liberdade (São Paulo) (Weinong, 2012; Freire da Silva, 2018).

Devido aos conflitos existentes e das tensões políticas nos territórios chineses, as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por um grande fluxo populacional de migrantes chineses, estes imigrantes buscavam abrigo das tensões políticas que envolviam o continente e as ilhas da China, principalmente de Taiwan. Esses indivíduos carregavam consigo seus investimentos e recursos acumulados até então da China para o Brasil, principalmente para São Paulo. Com suas economias investiram, principalmente, em restaurantes, mercearias e

pastelarias, estes estabelecimentos normalmente empregavam compatriotas, para além, outros migrantes se tornaram, também, em profissionais liberais (Weinong, 2021; Freire da Silva, 2018).

Durante este período os coreanos e taiwaneses foram os maiores migrantes transnacionais que chegavam ao Brasil. O governo brasileiro iniciou uma campanha para a restrição de emissão de vistos, tornando a migração, de certa maneira ilegal a partir de então. Uma alternativa encontrada por esses migrantes eram ir em direção ao Paraguai, e depois, através da fronteira entre as Cidades de Ciudad del Este e Foz do Iguaçu atravessaram para o território brasileiro sem a documentação exigida (Freire da Silva 2018).

Outro fator contribuinte foi o reconhecimento do governo da China Continental pela ONU (1971) e da posterior visita do presidente americano Richard Nixon ao país. Em contrapartida Taiwan temia que a ilha fosse invadida pelo continente, aumentando, consequentemente o número de fluxos migratórios de saída (Biato Junior, 2010).

No que tange a área diplomática do período, o Brasil havia rompido relações diplomáticas com Pequim (Continente) e reconhecendo o governo taiwanês como o representante da China em 1952. Essa fase durou até 1974, pois o governo brasileiro seguindo orientações da ONU, restabeleceu as relações diplomáticas com Pequim, e seguindo orientações do governo da República Popular da China, cortou laços com o governo de Taiwan (Biato Junior, 2010). Em contrapartida, o governo paraguaio continuou reconhecendo o Estado de independência de Taiwan, desde de 1957, não mantendo relações diplomáticas com o governo Continental.

Neste período o Paraguai organizou um regime especial de exportação na Ciudad del Este, como se fosse uma zona franca, criando incentivos para o comércio de bens importados de origem de Taiwan (Rabossi, 2012). Por outro lado, o Brasil afetado pela crise mundial do petróleo (anos 1970), o governo começou a sobretaxar a importação de mercadorias determinadas como supérfluas. Consequentemente houve uma grande diferenciação entre os preços de produtos importados de origem chinesa entre Brasil e Paraguai.

Neste contexto, chineses e libaneses (principalmente) começaram a estabelecer empresas de importações no Paraguai (na grande maioria na Ciudad del Este). Com isso os imigrantes chineses e libaneses no Brasil (principalmente em São Paulo), começaram a organizar redes, fixos e fluxos de contatos, sociais, comerciais e econômicos, entre Taiwan, Ciudad del Este e predominante São Paulo, podendo ocorrer em outras cidades brasileiras. Essas redes de importação de produtos, a partir do país vizinho teria se iniciado nos 1970, com artigos importados principalmente de Taiwan, mas também de Miami e Hong Kong que

chegava em solo Paraguai e posteriormente chegava ao Brasil (Weinong, 2012; Freire da Silva, 2018).

Ainda no século XX, com a dificuldade da entrada de imigrantes nos Estados Unidos, o Brasil, foi o destino de diversos imigrantes, incluindo os chineses, além do início da industrialização brasileira, que carecia de mão-de-obra especializada, conseqüentemente, o Estado de São Paulo, foi o principal destino para estes migrantes, para Verás:

1945 foi um ano em que aumentou muito a entrada de chineses em São Paulo, com advento do fim da II Guerra Mundial. 1949, entretanto, quando os comunistas assumem o poder, é o marco da entrada maciça de chineses, também atraídos pela industrialização brasileira dos anos 1950 (Véras, 2008, p. 136).

A quarta fase denominada por Weinong (2012), se inicia nos anos de 1980, com a popularização da atividade de sacoleiros, que obtinham seus produtos através de excursões à Ciudad del Este com o intuito de revende-las em território brasileiro, sobretudo o comércio ambulante. A rede que se formou entre China-Paraguai-Brasil, foi constituinte na sobrevivência de milhares de pessoas, além da expansão comercial dos produtos *made in China* (Pinheiro-Machado, 2008; 2009).

Nos anos de 1990 e ao longo da década de 2000, as relações econômicas, políticas, migratórias e comerciais foram se alterando. O Brasil, com a sua constante abertura econômica, a partir de 1992, além dos acordos comerciais estabelecidos com o MERCOSUL, fez com que grande parte da importação de produtos chineses, seja feita a partir de então, para São Paulo diretamente (Rabossi, 2012). Conseqüentemente, as empresas de importações passaram a operar nas regiões centrais dos centros urbanos, principalmente em São Paulo, onde são feitas negociações diretas com a China. As mercadorias advêm, predominantemente de Guangzhou (província de Guangdong) e do mercado atacadista de Yiwu (província de Zhejiang).

Como conseqüência, o número de imigrantes, aumentaram significativamente, vindo na maioria dos casos das províncias de Guangdong, Fujian e Zhejiang, muitos nascidos nas cidades Wenzhou, Qingtian, Putian e Jiangmen. Dentro das galerias da 25 de março, é possível identificar até quatro línguas e dialetos (wenzhouês, mandariã, cantonês e qingtianês) (Freire da Silva, 2018). Demonstrando a pluralidade cultural advinda da migração.

Muitos dos novos migrantes já têm algum vínculo ou estabelecido redes sociais com os imigrantes mais antigos, ou seja, já chegam no Brasil, acompanhados de familiares, amigos, conhecidos ou com vínculos empregatícios e contato com o Brasil através de

mídias/redes sociais. Muitos seguem as oportunidades vistas e oferecidas nos comércios dos centros urbanos, como na região do Brás em São Paulo, se tornando locatários e distribuidores de produtos de seus conhecidos mais bem estabelecidos no território estrangeiro (Freire da Silva, 2018).

A quarta fase do fluxo migratório chinês para o Brasil, demonstrou a maior onda migratória desses indivíduos em nosso território, como analisado no quadro abaixo, baseado em estimativas feitas pela Associação Chinesa do Brasil e Weinong (2012). O quadro (2) mostrará as diferenciações temporais, de origem dos migrantes e da estimativa demográfica:

Tabela 2 - Diferenciações temporais, de origem e estimativa demográfica da Diáspora Chinesa no Brasil.

Períodos	Origem	Estimativa populacional e ano
1812-1900	Guangdong; Macau	1812 = 1.410 indivíduos 1881 = 2.000 indivíduos
1910-1949	Qingtian (Zhejiang)	1931 = 820 indivíduos 1949 = 1.000 indivíduos
1950-1979	Taiwan; e países do sudeste asiático	1959 = 6.748 indivíduos 1967 = 17.490 indivíduos 1972 = 40.000 indivíduos
1980-2016	Zhejiang; Guangdong; Shanghai; Fujian; Jiangsu; Shandong; Jiangxi; e Anhui	1984 = 70.000 indivíduos 1988 = 100.000 indivíduos 1999 = 130.000 indivíduos 2012 = 250.000 indivíduos

Fonte: Weinong, 2012; Associação Chinesa do Brasil.

Em relação a imigração chinesa, os países do sudeste asiático são os maiores receptores da diáspora chinesa, seguidos pelos EUA e Canadá (América do Norte) e na Itália, Inglaterra, Espanha e França (Europa). Mesmo que a migração chinesa já ultrapasse os 200 anos, porém somente nas últimas décadas acompanhamos um fluxo migratório significativo no território brasileiro, vemos estes mesmos movimentos em toda América Latina e na África. No contexto da América do Sul, o Brasil é o segundo país com maior concentração de chineses, ficando atrás apenas do Peru (Stenberg, 2012).

A mobilidade e os fluxos de chineses para o Brasil, demonstram ser um dos principais fluxos migratórios das últimas décadas (principalmente início do século XXI). Freire da Silva (2018), com dados do Ministério da Justiça em relação a estrangeiros que procuravam

regularizar suas situações no Brasil durante a anistia de 2009, comenta que os migrantes chineses constituíam o segundo maior grupo de estrangeiros (5,5 mil inscritos), atrás apenas dos bolivianos (17 mil inscritos).

Em relação as amostras do Censo de 2010 a estimativa de pessoas nascidas na China vivendo no Brasil eram de 23,156 pessoas, deste total 12,554 viviam no Estado de São Paulo, onde 63,5% se estabeleciam na cidade de São Paulo (Freire da Silva, 2018). Porém os dados do censo tendem a classificar apenas certas dinâmicas migratórias.

Em uma sessão da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo que comemorava os 2000 anos da migração chinesa no Brasil, que foi registrada no Diário Oficial de 23 de maio de 2012, a Associação Chinesa do Brasil e o consulado Chinês, trouxeram dados que estimavam em 250 mil chineses e seus descendentes no território brasileiro, e desses, 180 mil morando em São Paulo, se estabelecendo no país entre 1995 e ao longo da década de 2000 (Freire da Silva, 2018). Como analisado a cidade de São Paulo apresenta o maior contingente de chineses no Brasil.

o crescimento da migração chinesa para o Brasil acompanha o próprio avanço das relações socioeconômicas com a China. Na cidade de São Paulo, os migrantes chineses e seus descendentes estão presentes em diversas áreas de atuação, como médicos, advogados, professores universitários, profissionais liberais em geral, donos de mercadinhos e restaurantes, entre outros, também profissionais e técnicos ligados a empresas chinesas que vieram investir no País nos últimos anos. No entanto, chama a atenção a grande concentração de migrantes chineses nas galerias comerciais da região central da cidade, principalmente nas regiões da rua 25 de Março e do Brás, comercializando mercadorias importadas diretamente de seu país de origem (Freire da Silva, p.224-225).

O circuito de mercadorias fabricados na China, que posteriormente são comercializadas nos circuitos de comércio popular e os fluxos populacionais entre os dois países é parte fundamental para o estabelecimento de relações comerciais entre os países. Para Freire da Silva, em relação a cidade de São Paulo, há uma conexão entre as duas localidades formando fixos e fluxos comerciais, como os mercados centrais de São Paulo e das cidades de Yiwu e Guangzhou localizadas no sul da China.

Neste sentido, atualmente no cotidiano das cidades brasileiras, é possível identificar a introdução de migrantes chineses (e asiáticos) nestes espaços. A maior parte deles está vinculada aos circuitos da economia urbana, se localizando, principalmente, nos centros das cidades (maior atividade comercial) dos diferentes estados do país, se especializando como: proprietários de lojas, restaurantes, trabalhadores e consumidores (Ferreira, 2023).

No século XXI, os fluxos migratórios se intensificaram, através de uma série de transformações que ocorreram em escala global, transformações essas, que acontecem nos

meios de transporte e técnicos, e também das transformações e conflitos econômicos, cívicos, políticos, religiosos, humanitários e ideológicos, que acarretam no constante aumento dos fluxos migratórios (Baeninger, 2017). Neste período a migração é “facilitada” por políticas internacionais, que tendem a auxiliar, em relação a diplomacia dos países, através de tratados, leis, acordos e declarações.

Este século, é marcado por grandes deslocamentos espaciais e demográficos, que transformam a vida dos que migram e, conseqüentemente o espaço de origem e destino e daqueles que compartilham o cotidiano com os migrantes. Os espaços são transformados através destas mobilidades.

Como já destacado, o maior fluxo de chineses que adentram o Brasil se localiza no espaço-temporal do final do século XX e início do século XXI. Esse período foi marcado pelo o estreitamento das relações bilaterais sino-brasileiras.

O fluxo migratório China-Brasil, se intensificou por diversos motivos, porém, dois acontecimentos tiveram um caráter impulsionador: o primeiro foi a política de abertura econômica chinesa; e o segundo foi as políticas implementadas nos governos petistas de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e de Dilma Rousseff (2011-2016). Segundo Ferreira (2023) as políticas dos governos petistas:

tinham enquanto proposta de governo, uma política externa de relacionamento, universalização ou diversificação de parcerias, que conseqüentemente privilegiou a China por possuir um mercado com alta capacidade de consumo e ao mesmo tempo ser uma grande investidora (p.372-373).

A partir de 2004, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez uma visita à China e reforçada em 2011 com a visita da ex-presidente Dilma Rousseff, as relações entre Brasil e China se intensificaram, através de laços diplomáticos e econômicos, que deu como resultado a participação dos dois países no BRICs.

Os dois países ainda têm atuado de forma conjunta em diversos mecanismos internacionais, como o G20, foro de cooperação internacional em temas econômicos e financeiros, congregando países desenvolvidos e em desenvolvimento com projeção sistêmica na economia mundial para diálogo e cooperação, e o BASIC, grupo informal de diálogo sobre as negociações no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC5) (Ferreira, 2023, p.377).

Os grupos citados acima são mecanismos de aproximação e discussões diplomáticas entre os mesmos, discutindo diversos temas, relacionados a economia, a política, ao social e ambientais em escala internacional, afirmando pactos e projetos para o desenvolvimento e

parcerias dos países membros.

No ano de 2010, os governos brasileiro e chinês desenvolveram o “Plano de Ação Conjunta” (2010-2014) o PAC, que se caracterizava por uma lista de objetivos, metas e orientações no sentido das relações bilaterais sino-brasileiras. Em 2015, este plano foi atualizado, assinado por Dilma Rousseff e pelo primeiro ministro Li Keqiang, entre 2015 a 2021. Já em 2012 com a visita do primeiro ministro Wei Jiabao, segundo Ferreira (2013) as negociações entre os países foram elevadas a uma “Parceria Estratégica Global”, estabelecendo o Diálogo Estratégico Global das Relações Exteriores, além da confirmação do Plano Decenal de Cooperação entre 2012 a 2021.

No ano de 2015, os governos chinês e brasileiro afirmaram assuntos consulares em relação as migrações bilaterais entre os países, através de uma visita do até então Primeiro Ministro da China (Li Keqiang), realizada em Brasília.

Os dois Chefes de Governo congratularam-se pela entrada em vigor em ambos os países do Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China sobre Auxílio Judicial em Matéria Civil e Comercial e do Tratado de Extradicação entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China e destacaram os esforços conjuntos para ampliar a rede de acordos e medidas de cooperação jurídica bilateral, nas áreas migratória e de documentos de viagem. Reiteraram o compromisso de facilitar, em base de reciprocidade, a concessão de vistos a nacionais do outro país. (Declaração conjunta entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China alusiva à visita do Primeiro-Ministro do Conselho de Estado, Li Keqiang; Fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2015).

No mesmo contexto, neste período os dois países ainda afirmaram, através de uma declaração tratando de questões sobre o processo de imigração.

Trocar informações sobre as respectivas práticas em matéria de vistos, taxas para documentos consulares, proteção de nacionais no exterior, e imigração; continuar a monitorar a implementação do acordo para a simplificação dos procedimentos de solicitação de vistos para empresários; discutir a possibilidade de que sejam adotadas medidas para simplificar os procedimentos para a solicitação de vistos para turistas; promover coordenação entre as autoridades competentes dos dois países para facilitar a circulação de pessoas nos dois sentidos; e tomar medidas concretas para proteger a segurança, os direitos legítimos e interesses dos cidadãos da outra Parte no seu próprio território, em conformidade com suas respectivas legislações nacionais (Declaração conjunta entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China alusiva à visita do Primeiro-Ministro do Conselho de Estado, LiKeqiang, 19 de maio de 2015, fonte: Ministério das Relações Exteriores, 2015).

Além destes acordos afirmados, políticas internas brasileiras que haviam sido implementadas, a fim de investimentos exteriores, acabou atraindo diversos empreendimentos e investimentos chineses, ainda mais, após sua abertura econômica.

Em relação as políticas citadas acima, segue-se um exemplo: a normativa 118 (21 de outubro, 2015) acordo onde o Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS), poderia autorizar o visto permanente de determinado estrangeiro, que tinha o intuito de se estabelecer no Brasil com o objetivo de investir recursos próprios com origem externa em atividades produtivas, além da comprovação de investimentos iguais ou maiores que 500 mil reais (através do Plano de Investimentos). Esta resolução foi revogada em 2017 (Ferreira, 2023).

A abertura econômica da China e seu rápido processo de urbanização, como já destacado, fizeram a o país asiático a se tornar o principal parceiro comercial do Brasil em 2009, e o maior fornecedor de produtos importados para o mercado brasileiro em 2012. Somado a isso a China passou a ser um dos maiores mercados compradores de exportações do Brasil, além de se tornar um dos principais agentes comerciais do Brasil, através do critério de fluxos de comércio.

Em relação ao governo de Jair Bolsonaro (2019-2022), as relações bilaterais entre os dois países foram estremecidas, decorrentes de conflitos vivenciados entre os dois países, e da preferência do governo Bolsonaro em dar foco a política externa voltada aos EUA. Um dos exemplos, demonstrado por Ferreira (2023), foi o desentendimento entre o ex-ministro das relações exteriores do governo brasileiro, Ernesto Araújo com o embaixador chinês (Yang Wanming). Outro fator que abalou as relações sino-brasileiras, foi as constantes postagens com cunho negativo contra a China feita por Bolsonaro, seus filhos e aliados políticos, mesmo sendo de maneira informal, através de redes sociais e declarações, estremeceram a bilateralidade entre os países.

No cenário atual, a imigração chinesa no território brasileiro, é tratada com cautela e atenção, devido ao leque de relações comerciais e políticas, além de ter uma grande porcentagem de trabalhadores e investidores chineses no Brasil (Ferreira, 2023).

Nos séculos passados, os imigrantes chineses ao chegavam ao Brasil eram direcionados ou seguiam rumo ao estado de São Paulo, principalmente na capital onde se fixavam, porém no século XXI vemos a presença destes indivíduos em todos os estados brasileiros, garantindo sua presença em diversas cidades do país, sendo elas grandes, médias ou pequenas. A grande quantidade destes migrantes, escolhem a rede urbana brasileira, desenvolvendo atividades comerciais nas áreas centrais destas cidades (Vilela, 2008). Algumas cidades que tem destaque em número de imigrantes fora do estado de São Paulo são:

Rio de Janeiro; Vitória da Conquista; Recife; João Pessoa; Fortaleza; Juazeiro do Norte; Sobral; Cascavel; Curitiba; e Foz do Iguaçu (Ferreira, 2023).

Os migrantes que adentram os centros urbanos das cidades brasileiras, fazem parte dos circuitos da economia urbana, vinculados principalmente ao circuito inferior, sendo o comércio a principal atividade econômica e de ocupação destes migrantes.

Neste contexto, Chen (2010), os chineses migraram e migram para o Brasil, com o intuito de estabelecer relações comerciais a partir da década de 1990. Devido ao restabelecimento e desenvolvimento das relações diplomáticas entre China e Brasil, onde, os destinos escolhidos por estes migrantes, normalmente, são cidades vinculadas à economia mundo e que possuem múltiplas centralidades (Ferreira e Bomtempo, 2018). Porém, nota-se a presença de grupos chineses se espalhando pelo interior do país, principalmente na região sudeste.

5 ASPECTOS ECONÔMICOS DE MOCOCA E IMIGRANTES INTERNACIONAIS

5.1 ASPECTOS ECONÔMICOS DO MUNICÍPIO

Segundo os dados do RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), em 2022 o número de empregados no município era de 17.682, representando uma variação de 0,19% em comparação ao ano anterior. Em relação a remuneração média dos empregados no mesmo ano foi de R\$ 2.695,24, apresentando uma variação negativa de 27,7% comparando-se ao ano anterior, onde o salário era em média de R\$ 2.878 (RAIS, 2023).

Os setores econômicos que mais reuniram empregados em 2022, foram: Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados obtendo 17,1% dos empregos ocupados (total de 3,023); Comércio Varejista, acumulando 16% do total de empregados (2,831 trabalhadores); e Comércio por Atacado, exceto Veículos Automotores e Motocicletas, somando 8,8% dos trabalhadores (1,560 no total) (RAIS, 2023). Nota-se que os setores da agropecuária e do comércio, são os mais relevantes no quesito oferta de emprego em Mococa.

No ano de 2022, 32,2% dos empregos ocupados constituíam pela presença do gênero feminino (5,692 empregadas) com uma remuneração média de R\$ 2.369,99, já 67,8% dos empregados totais eram homens (11,990 trabalhadores) tendo em média salarial de R\$ 2.849,64. A faixa etária que ocupa a maior parte dos cargos (em ambos os gêneros) varia de 30 a 39 anos (3.240 homens e 1.730 mulheres) (RAIS, 2023). Percebe-se a desigualdade salarial e de oportunidades de emprego se formos constar a variante do gênero, demonstrando um mercado de trabalho com predominância masculina e do machismo estrutural.

Em relação ao saldo de movimentação de trabalhadores (relação de admissões e desligamentos), por setor econômico em 2024, demonstra que os setores da Agricultura (52 admitidos e 286 desligados, saldo de movimentação de -234) e da Indústria (admitidos 241 e 242 desligados, saldo de movimentação de -1) apresentara variáveis negativas, já os setores do Comércio (235 admitidos e 176 desligados, saldo de movimentação de 59) e de Serviços (146 admitidos e 141 desligados, saldo de movimentação de 5), dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED, 2025).

Os empregos registrados no ano de 2022 em relação ao porte de empresas, registrou que 29,6% dos empregados estavam em grandes empresas, 27,9% dos trabalhadores faziam parte de pequenas empresas, 25,6% trabalhavam em microempresas, e 16,9% dos funcionários pertenciam a médias empresas. Os setores econômicos que mais empregam são: 32,8% estão na Indústria; 26,9% no Comércio; e 23% em Serviços. Os empregos com maior

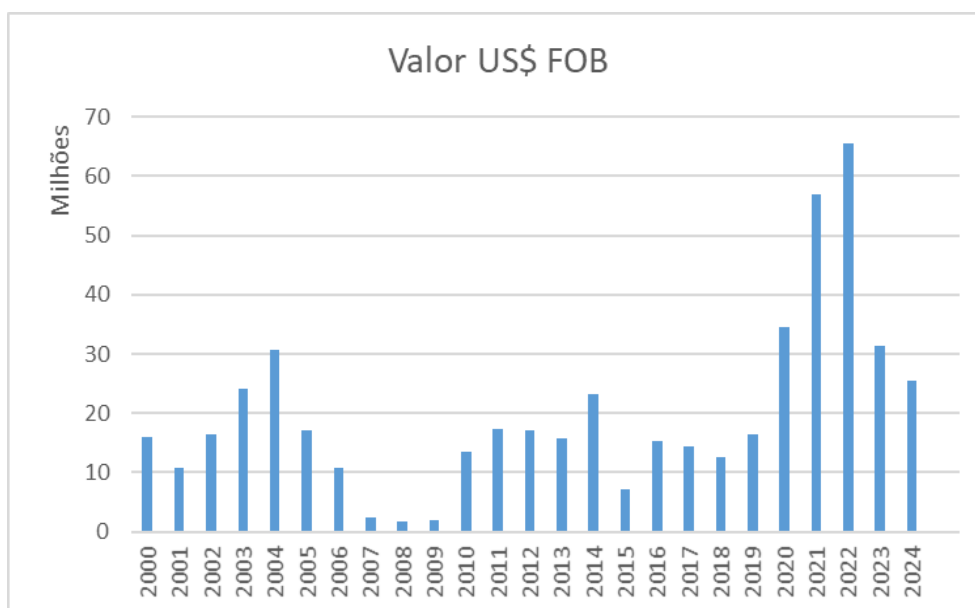
número de contratados no ano de 2022, foram: trabalhador volante da agricultura (1.067); motorista de caminhão (823); auxiliar de escritório (756); e vendedor de comércio varejista (690). Porém se analisarmos o número de empregados, independente da faixa etária, os vendedores e demonstradores representam o maior número de trabalhadores (1.874) (RAIS, 2023).

Segundo dados da Receita Federal, em 2024 os números de estabelecimentos em atividade somavam um total de 384 estabelecimentos, em relação a divisão econômica as empresas com maior número de estabelecimentos eram do Comércio Varejista, com 15,4% (59 estabelecimentos), Serviços Especializados para Construção, 12,2% do total (47 estabelecimentos) e Alimentação, com 6,51% (25 estabelecimentos) (RECEITA FEDERAL, 2025).

No ano de 2021 o PIB do município era de R\$ 44.065,5, segundo o IBGE (2022), os setores que mais contribuíram para a arrecadação foram o de Serviços 52,7%, o Industrial 25,1% e o de Administração 13,3%. Em relação ao percentual das receitas externas, no ano de 2024 era de 75,22%. Já o total de receitas realizadas o número chegou a R\$ 351.264.808,95 (IBGE, 2024).

Na série histórica (de 2000 a 2024) os valores das exportações mocoquenses tiveram seu ápice de valor comercializado no ano de 2022 (período da pandemia da COVID-19), atingindo US\$ 65.505.804, já em relação ao período com menor valor ocorreu em 2009 (crise econômica e comercial global), gerando uma renda de US\$ 2.005.702. (COMEXSTAT, 2025).

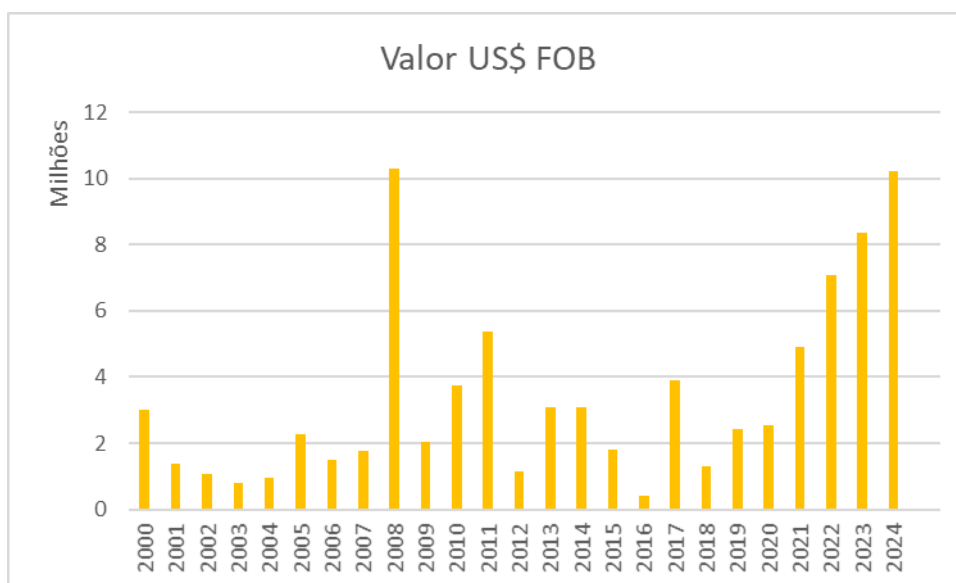
Gráfico 8 - Exportações do município de Mococa (valor em US\$).



Fonte: Dados provenientes da COMEXSTAT (2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

No caso das importações do município de Mococa-SP, na série histórica (2000-2024), o ano em que o município mais teve despesas de importações foi em 2008, atingido um valor de US\$ 10.286.948. Em relação ao ano em que se apresentou menos gastos com a importação foi o de 2016, com um valor de US\$ 409.811 (COMEXSTAT, 2025).

Gráfico 9 - Importações do município de Mococa (valor em US\$)



Fonte: Dados provenientes da COMEXSTAT (2025); elaboração do gráfico, SANTIAGO (2025).

Em relação ao ano de 2024, o valor de exportações chegou a US\$ 25.363.026. Já no caso das importações os valores chegaram a US\$ 10.213.537, o segundo maior valor da série histórica (COMEXSTAT, 2025).

No que tange as exportações, os países que mais compraram produtos de Mococa-SP no ano de 2024, foram: Venezuela (16,4%); França (13,5%); Chile (13,3%); Estados Unidos (10,8%); e Austrália (6,6%). As mercadorias mais comercializadas foram: Café, mesmo torrado ou descafeinado, cascas e películas de café, sucedâneos do café contendo café em qualquer proporção (30%); Extratos de malte, preparações alimentícias de farinhas, grumos, sêmolos, amidos, féculas ou extratos de malte, não contendo cacau ou contendo-o numa proporção inferior de 40% em peso (25,5%); e Leite e nata, concentrados ou adicionados de açúcar ou de outros edulcorantes (COMEXSTAT, 2025).

Em relação as importações, os países em que Mococa mais faz aquisições, são: China

(56,5%); Alemanha (30,6%); Itália (4,8%); Hong Kong (2%); e Estados Unidos (1,9%). Os principais produtos adquiridos pelo município, são: Outras máquinas-ferramentas para trabalhar metais ou ceramais (cermets), operando sem eliminação de matéria (17,5%); Tubos e perfis ocos, sem costura, de ferro ou aço (14,8%); e Produtos laminados planos de ferro ou aço não ligado, de largura inferior a 600 mm, folheados ou chapeados ou revestidos (COMEXSTAT, 2025).

5.2 PARCERIAS ENTRE MOCOCA-CHINA

Em 2014, ocorreu um jantar com empresários chineses na cidade de São Paulo, Mococa foi representada pelo os então Chefe de Gabinete Fábio Delduca e pelo Diretor de Planejamento Márcio Parisi, que foram para o evento com intuito de demonstrar as potencialidades do município frente ao recebimento de investimentos estrangeiros (Prefeitura de Mococa, 2014).

O evento foi organizado pela Associação Geral do Comércio Chao-Shan da América do Sul – Brasil¹⁰. O jantar contou com representantes da Delegação Chinesa da Associação Comercial e Industrial da cidade de Shantou na China e também da vice-prefeita da cidade na época Zao Hong. Destaca-se a assinatura de um Acordo de Cooperação entre a prefeitura de Shantou e a Associação Geral do Comércio Chao-Shan da América do Sul – Brasil, a fim de fortalecer as relações bilaterais comerciais e culturais entre Brasil e China (Prefeitura de Mococa, 2024).

No decorrer do evento, Fabio Delduca expõem dados e relatos sobre questões socioeconômicos, culturais, turísticos e educacionais de Mococa, em entrevista Márcio Parisi comentou:

“É importante que o governo municipal, paralelamente a uma política de austeridade e transparência, exerça também um papel de divulgador da cidade, aproveitando todas as oportunidades para falar de nossas virtudes. Os resultados positivos desse contato, assim como inúmeros outros, aparecerão a médio e longo prazo (Parisi, entrevistado pela Prefeitura Municipal de Mococa, 2014).

No ano de 2018, o município de Mococa recebeu uma comitiva da China, integrada por empresários, investidores, representantes governamentais e membros do Consulado Chinês do Brasil, entre eles a consulesa geral da China no Brasil Chen Pei Jie, através do

¹⁰ Associação privada, localizada em São Paulo-SP. Sua atividade está relacionada à cultura, artes e relações comerciais, é classificada como uma OSC (Organização da Sociedade Civil).

Plano Mococa 2050¹¹, sendo uma iniciativa do Associação Comercial e Industrial¹², colocando o município em destaque até mesmo na mídia chinesa. Segundo o Jornal Gazeta do Rio Pardo, a consulesa declarou em sua passagem por Mococa: a China e o Brasil têm as mesmas perspectivas, estabelecer uma amizade cada vez mais profunda e intercâmbios culturais”.

Chen Pei, referente ao Plano Mococa 2050, comentou que a China está ansiosa para trabalhar em conjunto com Mococa, gerando uma cooperação que irá beneficiar os dois povos (Gazeta do Rio Pardo, 2018). A visita da comitiva chinesa, foi denominada como “A China na minha cidade”, que fez parte de um projeto de internacionalização, que visava a abertura econômica mocoquense não apenas a China, mas também quaisquer investimentos estrangeiros/globais de interesse para o município.

O cronograma deste evento ocorreu em dois dias (01/12/2018 e 02/12/2018). O primeiro dia foram realizadas rodadas de negócios, reunindo empresários mocoquenses, chineses e de outros estados do Brasil (Minas Gerais e Paraná).

O encontro foi liderado pelo Vice Presidente da ACI, Júlio Bizaio que representou as 16 empresas: Ambiental Clean, Artinox, Café Minas Ouro, Doces Biba, Escav Engenharia de Fundações, Fazenda Ambiental Fortaleza, Fazenda Boiada, Maza Empreendimentos, Mococa Máquinas e Equipamentos (MocMaq), Paulo Belotti Gestão Patrimonial e Negócios, Proterra, Seon, Uztec Comercial Ltda, Zas Technology e Gilso Sorvetes.

Já as empresas da China entre elas a Associação Brasileira de Empresas Chinesas (ABEC) que reúne também instituições, grupos sociais e organizações da China, a Tynrich fabricante de produtos de iluminação de LED, Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional (CCPIT) uma das mais importantes instituições de promoção do comércio exterior da China, estiveram presentes com os segmentos de energia, agricultura e alimentação foram representadas pelo Sr. Yue Wang Yong, Redator do jornal Xin hua¹³ notícias, um órgão da mídia do governo Chinês (Ramalho, 2018).

Os representantes participantes tiveram a oportunidade de demonstrarem suas atividades econômicas, serviços e produtos, havendo uma seção para a degustação e mostra de qualidade dos produtos. Logo após houve trocas de presentes e cordialidades entre a consulesa e o ex-

¹¹ Desenvolvido entre 2017 e 2018, foi uma ação da Associação Comercial e Industrial, em conjunto com a Prefeitura de Mococa, sendo realizado pela Agência de Desenvolvimento Socioeconômico (ONG, de São João da Boa Vista – SP, tendo como objetivo o auxílio na organização e o desenvolvimento socioeconômico da cidade de São João da Boa Vista e região). Teve como objetivo o desenvolvimento socioeconômico da cidade, através de diagnósticos e planejamentos envolvendo a Prefeitura Municipal e sociedade civil. O plano lançou ações de curto, médio e longo prazo, a fim de geração de empregos e renda, tornar a cidade mais competitiva no mercado e o desenvolvimento em relação a questões ambientais, urbanas e sociais, além da tentativa de trazer novos negócios para o município (Agência de Desenvolvimento Socioeconômico, 2018).

¹² “Sociedade civil de intuítos não lucrativos que tem por finalidade agregar pessoas físicas e jurídicas que explorem quaisquer atividades comerciais e industriais, através da união de objetivos em prol do fortalecimento e desenvolvimento de nossa cidade” (ACI – Mococa).

¹³ Agência de notícias estatal do governo da República Popular da China – maior agência de notícias do país.

prefeito de Mococa Felipe Naufel, a fim de estabelecerem parcerias entre Mococa e China.

Em relação aos representantes chineses no município, foi-se organizado um evento para o público mocoquense na AEM (Associação Esportiva Mocoquense), sendo realizado pelo tradicional Grupo de Artes Huaxing. O espetáculo contou com coreografias, músicas, artes marciais e vestimentas típicas, reunindo cerca de 10 diferentes apresentações e mais de 20 artistas chineses e descendentes (Ramalho, 2018).

As cidades de Tapiratiba-SP e Caconde-SP, também receberam a visita da comitiva. O Plano Mococa 2050 tinha como objetivo transformar Mococa em uma liderança regional.

O segundo dia da programação, se iniciou por um passeio na Praça Major José Pedro (centro), logo após visitaram o Santuário Diocesano de Adoração Eucarística Nossa Senhora do Rosário (edificação está no local onde-se iniciou o povoado de Mococa) (Ramalho, 2018).

Logo após, a comitiva, membros da Associação Comercial e coordenadores do Plano Mococa 2050, visitaram e debateram negócios na Fazenda Santa Cândida (sede da empresa Daflora Água Mineral), os chineses conheceram as instalações, uma das fontes de água mineral e os processos de fabricação dos produtos. Em seguida a Fazenda Ambiental Fortaleza, em Igarai (distrito de Mococa) recebeu a visita, tendo em foco a apresentação da produção e a seleção de café ditos de qualidade (Ramalho, 2018). Sendo finalizado a agenda de programações com um almoço com comidas típicas da região.

A realização destes eventos, teve como intuito a demonstração das potencialidades e variedades de Mococa referentes ao cenário comercial e econômico, em busca de uma internacionalização de sua economia, através de parceiros de outros países. Os representantes chineses vieram para Mococa em busca de serviços e fornecedores de produtos.

“Abrir as portas de Mococa para mundo, esta é uma missão do Plano Mococa 2050. A proposta é transformar a cidade em um intercâmbio de oportunidades onde nossas empresas possam fazer negócios com outros países, metas que são possibilitadas em evento “ (destacou o presidente da ACI Mauricio Masili em entrevista para Ramalho, 2018).

Outro exemplo, em relação a internacionalização de Mococa através do Plano Mococa 2050, foi o evento realizado em setembro de 2018, contando com a presença da prefeita (Lindiwe Makahena) de Dilahbeng, cidade da África do Sul, o Cônsul Geral da África do Sul Malose Mogale, o Cônsul Político Rudzani Mudau e empresários sul-africanos, tendo como resultado o acordo entre cidades irmãs entre os municípios africano e brasileiro. Outro acordo realizado, segundo Ramalho:

Outra conquista através do Plano Mococa 2050, foi à participação da Fatec¹⁴ Mococa na Missão de Colaboração do Programa para Líderes Emergentes das Américas de 2018, que possibilitará inúmeras oportunidades de intercâmbios no Canadá financiados pelo governo canadense, para alunos e professores da instituição de ensino (Ramalho, 2018).

Em 2019, o Ministério da Agricultura do Brasil divulgou uma lista de 24 estabelecimentos brasileiros habilitados pelas normas chinesas para a exportação de produtos lácteos (queijos, leite em pó, leite condensado, etc.). O anúncio foi feito pela ex-ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em conjunto com a Viva Lácteos (associação que representa a indústria de lácteos) (SINDLAT, 2019).

Um dos municípios habilitados foi o de Mococa-SP, sendo liberado para a exportação de leite condensado e creme de leite, pela “Mococa Produtos Alimentícios”. A certificação do acordo com o governo chinês já tinha ocorrido em 2007, porém não havia nenhuma unidade brasileira habilitada para a exportação. Por outro lado, a China é a maior importadora de produtos lácteos no mundo, tendo como exemplos o leite em pó onde os chineses adquiriram 800 mil toneladas (25% a mais do que toda a produção brasileira) e em queijos chegando a 100 mil toneladas. A Viva Lácteos (Associação Brasileira de Laticínios estimava exportar US\$ 4,5 milhões em produtos (O GLOBO Economia, 2018).

No dia 18 de março do ano de 2019, o então prefeito Felipe Naufel decreta pela lei 4.742 o “Dia do Imigrante Chinês” no município de Mococa, sendo comemorado no dia 1 de dezembro, a partir de 2019. A lei se constitui:

Art.1º Fica instituído no Município de Mococa o “Dia do Imigrante Chinês”, a ser comemorado no dia 01 de dezembro.

§ 1º A data comemorativa instituída no *capta* passará a constar do calendário oficial de datas e eventos do Município.

Art.2º O Poder Público municipal poderá, nos termos da lei, apoiar eventos ligados à comemoração do Dia do Imigrante Chinês, inclusive autorizando o uso de espaços públicos para eventos e atividades correlatadas, visando à preservação da tradição religiosa e dos valores culturais chineses.

Art.3º As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias e suplementadas, se necessário.

Art.4º Esta Lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário (Prefeitura de Mococa, 2019).

5.3 IMIGRANTES ITALIANOS EM MOCOCA

Na segunda metade do século XIX a Itália se encontrava em uma crise econômica, havendo pouco desenvolvimento e crescimento econômico da Nação. Neste mesmo tempo, o

¹⁴ Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo.

território brasileiro, se encontrava em processo de lutas para o fim da mão de obra escrava, principalmente pós-abolição, em 1888, fazendo a imigração europeia (principalmente a italiana na realidade da área de estudo) uma opção para a substituição da escravidão, ou seja, a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho assalariado e/ou pelo processo de colonato¹⁵ dos imigrantes (Bandeira et al., 1995 e Belizário, 2017), além das políticas de embaquecimento da população brasileira.

Segundo Oliveira (2002), as sociedades que promoviam as imigrações, fundadas por fazendeiros paulistas no século XIX, exerciam a função de trazer mão de obra europeia para o cultivo e colheita do café, a autora estimou cerca de 120 mil italianos chegando ao Estado de São Paulo para trabalharem nas lavouras de café até o ano de 1896. O estado de São Paulo foi o local de destino de 44% da imigração italiana no Brasil neste período (Belizário, 2017).

No Estado de São Paulo, os municípios em que os imigrantes italianos mais se fixaram estão situados nas zonas limítrofes da expansão do café, áreas essas, que percorriam ao longo das ferrovias Mogiana, Araraquensense e Paulista, região¹⁶ essa, em que o município de Mococa-SP está localizado (Trento, 1989). Para Monbeig (1984), com dados da Hospedaria de Imigrantes, no período de 1898 e 1902, identificou o destino de indivíduos europeus que passaram pelo edifício: Ribeirão Preto (14.293); São Simão (7.837); São Carlos do Pinhal (7.739); Araraquara (7.679); São Rio Claro (2.919); Mococa (2.329); e Amparo (2.138).

O cultivo de café, se inicia no município em 1870 (aproximadamente), se tornando rapidamente na maior fonte de renda de Mococa, a chegada da cultura nas terras do município trouxe mudanças significativas na economia e na valorização das terras no século XIX.

Com a chegada dos italianos, trazendo consigo suas técnicas de plantio, as lavouras de café obtiveram sucesso na produção e na economia local, no mesmo período, casas de negócios foram inauguradas, sendo o café a principal locomotiva para o desenvolvimento do município, onde ao mesmo tempo em que se desenvolvia o comércio de café o município também se expandia (Belizário, 2017).

Os imigrantes advindos da Itália, chegavam ao território brasileiro via Porto de Santos-SP, logo após eram transportados em trens em direção a São Paulo capital,

¹⁵ A imigração era financiada pelos fazendeiros e proprietários de terras, cobrindo as despesas do processo migratório, entretanto o imigrante deveria trabalhar em troca de forma gratuita, a fim de reembolsar os custos, tornando-o um colono do proprietário das terras. Além dos custos de viagem, o imigrante também devia custear com seu trabalho, moradia (e um pedaço de terra para a subsistência), alimentação e despensas no comércio próxima a fazenda (muitas vezes comandadas pelo próprio fazendeiro). Após o encerramento da dívida o colono podia ainda continuar trabalhando para o patrão em troca de um pequeno salário.

¹⁶ o “Oeste Paulista” ou “Região da Mogiana” e “lugar da Terra Roxa”, nomes ligados à expansão cafeeira, às ferrovias e à imigração italiana, que denominava as terras do interior de São Paulo, ideais para o café, de terras vermelhas, “terre rosse”, palavra foi aportuguesada como “roxa” (CELESTE, 2011).

posteriormente, se espalhavam para o interior do Estado. Um dos destinos destes migrantes era à Vila de São Sebastião da Boa Vista (futuro município de Mococa) (Belizário, 2017).

O número aproximado de imigrantes que chegaram em terras mocoquenses neste período foi em torno de 9.000 a 10.000 indivíduos, advindos de diversas regiões da Itália, porém não se chegou apenas populações da Itália, tendo registros de pessoas vindas de outros países da Europa e Ásia (em menor contingência), como: os alemães; portugueses; espanhóis; austríacos; e libaneses (Paladini, 2008).

Os imigrantes italianos além de sua contribuição para o desenvolvimento das lavouras de café, também, tiveram papel importante na estruturação econômica, social e cultural, desenvolvendo-se e organizando o núcleo e malha urbana do até então pequeno povoado, partindo de construções que se erguiam em torno da igreja matriz de São Sebastião. Os imigrantes, também, foram de suma importância no desenvolvimento do comércio local (principalmente italianos e libaneses, ligados a pequenos negócios, inicialmente), estabelecendo diversos negócios, como a presença de relojoeiros, comerciantes, marceneiros, alfaiates, sapateiros, etc. (Paladini, 2008).

A arquitetura da malha urbana foi outro aspecto em que os imigrantes, também contribuíram para a transformação da paisagem e do espaço geográfico, com recursos vindos do café, se estruturou edificações imponentes e modernas (como os casarões no centro da cidade), tendo como modelo a arquitetura europeia (BRUSADIN, 2015). Para Belizário apud Paladini (2017):

o aspecto arquitetônico que se desenvolveu em Mococa, caracterizando a evolução histórica do seu patrimônio ambiental urbano, teve seu início marcado por uma arquitetura pobre sem estilo definido, influenciada, em alguns aspectos, pelo barroco primitivo mineiro que o arquiteto e urbanista Lúcio Costa chama de “proto-barroco”. Tal arquitetura foi desenvolvida por “construtores leigos” e representada pelas casas de morada construídas em torno da Capela, que deu origem a cidade de Mococa, na qual ainda se vê as construções italianas no centro histórico do município como Teatro, Igrejas, casas dos barões do café, dentre outras (BELIZÁRIO apud PALADINI, 2017).

A partir de 1890, nota-se o início das construções de edificações principais da época, utilizando-se do estilo europeu, como: o Teatro Variedades; a Igreja Matriz; a Igreja Nossa Senhora do Rosário; o Cine Teatro Central; o Mercado Municipal; e o Hotel Terraço. Essas infraestruturas apresentam uma arquitetura mais apurada e tecnicamente mais elaborada.

Os italianos trouxeram consigo costumes que se entrelaçaram com os costumes locais e cotidianos do município, como no caso da culinária, em práticas religiosas, comemorações (como o Natal) e atividades de lazer e também nas práticas comerciais, industriais, e na agricultura.

Em síntese, as imigrações internacionais fizeram e fazem parte da transformação do espaço mocoquense, reconfigurando o cotidiano e o modo de vida da população, além das transformações na paisagem e nas esferas econômicas, políticas, culturais e sociais do município.

6 OS IMIGRANTES CHINESES EM MOCOCA

6.1 RESULTADOS

Como as entrevistas e questionários foram realizados de forma anônima, sem a necessidade de identificação por nomes ou documentação, os quatro participantes serão designados como: participante/imigrante 1; participante/imigrante 2; participante/imigrante 3; participante/imigrante 4.

6.2 INFORMAÇÕES GERAIS

A média de idade dos entrevistados foram de 37 anos (entrevistado 1: 40 anos; entrevistado 2: 42 anos; entrevistado 3: 24 anos e; entrevistado 4: 42 anos). Em relação ao gênero os imigrantes 1 e 2 são do gênero feminino, os dois restantes são homens. Todos os imigrantes se autodeclararam em relação a sua cor como amarelos.

Gráfico 10 – Gênero dos Participantes



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

Três dos entrevistados afirmaram que são casados, apenas o entrevistado 3 é solteiro. Apenas um imigrante (4) respondeu que participa de alguma religião, sendo o budismo, os demais declararam que não tem religião.

Em relação a sua ocupação todos os participantes afirmaram que estão “sendo empreendedores”. Todos os entrevistados são donos ou sócios dos seus respectivos estabelecimentos, menos o participante 3 (o negócio é dos pais).

Sobre suas nacionalidades, todos responderam que são imigrantes chineses e os quatro vieram da mesma província chinesa, a de Guangdong. Apenas o entrevistado 3 especificou a sua cidade natal, que é a de Taishan¹⁷ (Jiangmen – Guangdong),

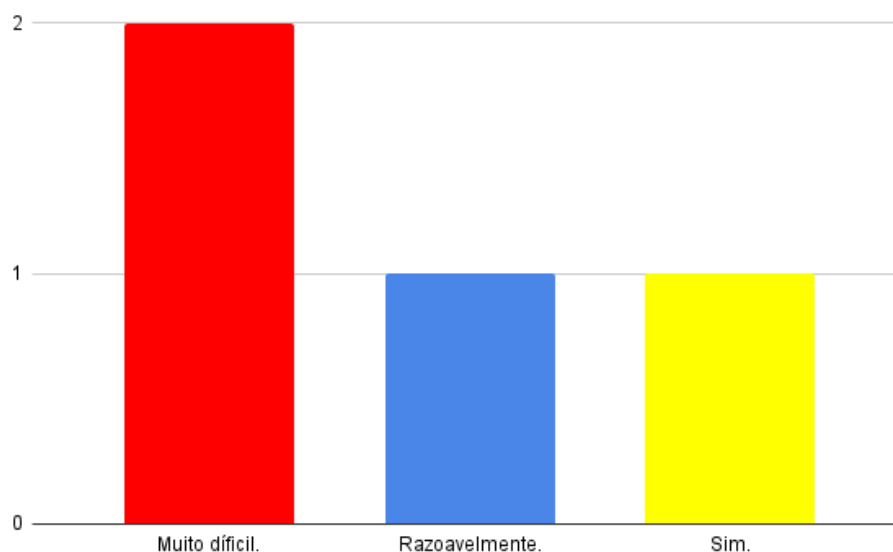
6.3 EDUCAÇÃO

No que tange ao nível educacional dos entrevistados todos tem o ensino médio completo. Em relação ao estudo da língua portuguesa, apenas o entrevistado 3 relata que frequentemente estuda, já os demais participantes responderam que não. O entrevistado 1 relatou que não pretende estudar português devido à falta de tempo e a idade “avançada”, já a entrevistada 2 relatou que todo o seu processo de aprendizado da língua portuguesa, foi através da convivência com a população local

Para dois participantes (2 e 4) consideram o português muito difícil, o entrevistado 1 acha a língua razoavelmente difícil de se compreender, o imigrante 3 relata que o idioma é difícil. O entrevistado 1 relatou que para o entendimento do português o interlocutor deve utilizar palavras e frases mais simples, preferencialmente, falando de forma pausada.

Gráfico 11 – Considera a Língua Portuguesa Difícil?

¹⁷ Taishan é uma cidade de condado (como se fosse um distrito), onde a mesma é administrada pela cidade de nível de prefeitura de Jiangmen (província de Guangdong), sendo Taishan uma de suas áreas constituintes. Essas cidades são conhecidas como um destino popular para chineses que emigram para o exterior.



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

Dos quatro participantes três tem filhos, onde seus descendentes estudam todos em escolas particulares.

6.4 TRAJETÓRIA MIGRATÓRIA

Os participantes chegaram no Brasil durante o final da década de 2000 e durante a década de 2010. O participante 1 veio ao Brasil em 2009, o imigrante 2 chegou ao Brasil em 2008, já o participante 3 adentrou o país em 2019, e por fim o imigrante 4 imigrou para o Brasil em 2011.

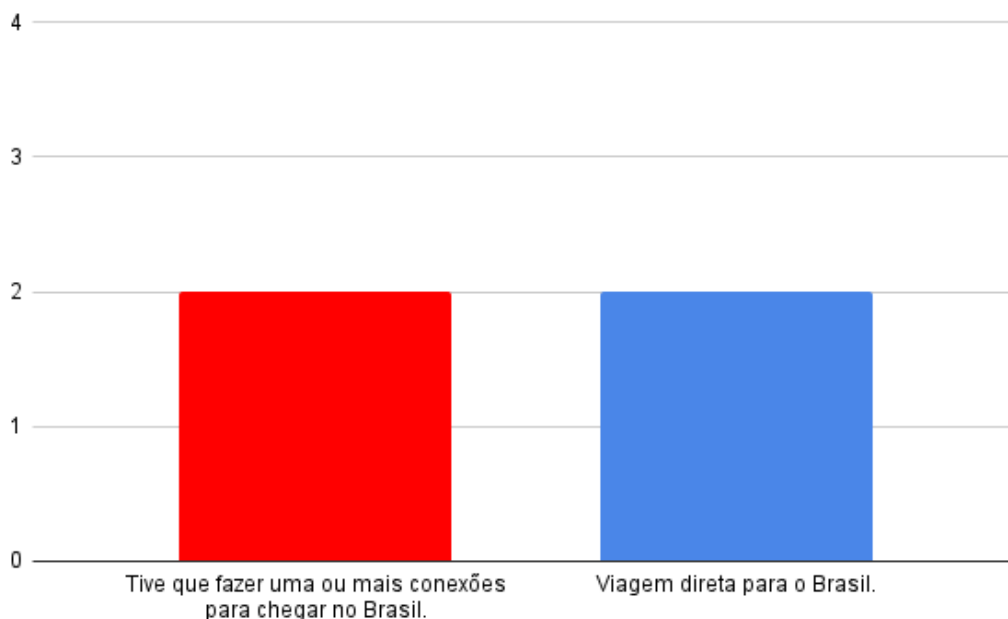
Em torno do meio de transporte para o trajeto todos vieram de avião. Três dos quatro imigrantes consideraram os custos da viagem médios e um caracterizou os investimentos da imigração alta. A estimativa de valores das despesas dos fluxos migratórios, segundo os participantes: 1) Não se recorda ou não quis responder; 2) Não se lembra o valor exato, comentou que é muito caro a questão de documentação e a contratação de advogados para legalização de sua permanência no Brasil; 3) Em torno de R\$ 30.000; 4) U\$ 6.000 dólares, convertendo para o real atualmente, em torno de R\$ 31.848¹⁸.

Em relação ao estabelecimento de fixos, fluxos e redes migratórias em torno da espacialidade destes processos, dois (1 e 4) fizeram viagem direta da China para o Brasil, os outros dois tiveram que fazer conexões em outros países para a sua chegada em solo

¹⁸ Os valores podem variar devido a época de chegada de cada indivíduo, e a condição das moedas locais e internacionais de cada ano de chegada destes imigrantes

brasileiro, o imigrante 2 fez conexão em Dubai (Emirados Árabes Unidos), já o participante 3 fez conexão na França não especificando a cidade francesa. O entrevistado 1, relatou que todas as suas viagens para China saindo do Brasil e vice-versa, normalmente ela opta por viagens diretas.

Gráfico 12 – Trajeto para o Brasil



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

Com os dados sobre deslocamentos e moradias, podemos determinar os fixos (localidade de origem, conexões, local de moradia primária e localidade de destino final) e fluxos (sentido do movimento migratório iniciando na localidade de origem e terminando na localidade de destino final) das redes migratórias (a organicidade do processo, interligando os fixos com os fluxos) para Mococa, o sentido do fluxo se inicia em localidade de origem e termina em localidade de destino final (tabela 3).

Tabela 3 – Fixos, Fluxos e Rede de Guangdong a Mococa

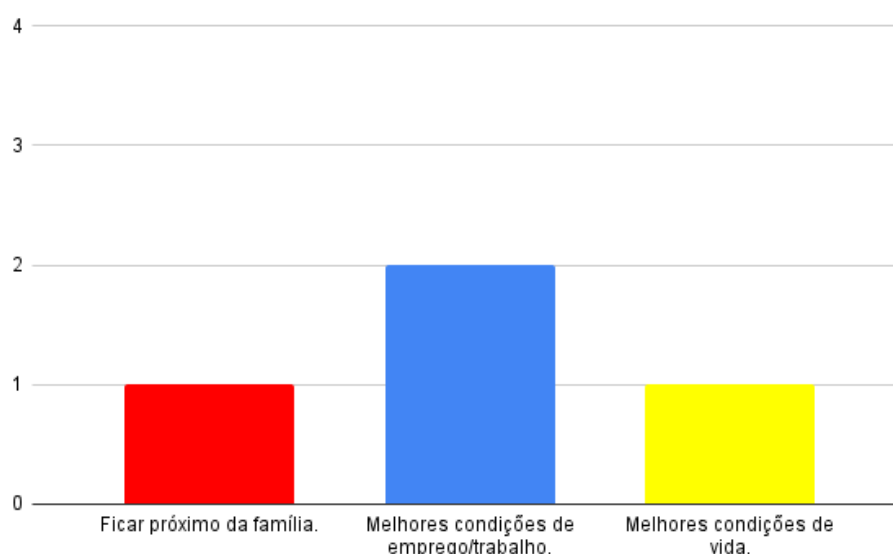
Participante	Localidade de origem	Conexões	Local de moradia primária no Brasil	Localidade de destino final
1	Guangdong - China	São Paulo - SP	São Paulo - SP	Mococa - SP
2	Guangdong - China	1) Emirados Árabes Unidos; 2) São Paulo - SP; 3) Piracicaba -	Piracicaba - SP	Mococa - SP

		SP		
3	Taishan(Jiangmen) – Guangdong (China)	São Paulo - SP	Mococa - SP	Mococa - SP
4	Guangdong - China	São Paulo - SP	Mococa - SP	Mococa - SP

Fonte: Elaboração do autor, com os dados coletados em campo (2025).

A decisão e escolha do Brasil como moradia teve resultados distintos: 50% (participante 1 e 4) assinalaram a questão “melhores condições de emprego/trabalho”, “Na China é muito difícil emprego(...) muita concorrência e lá é tudo pago moradia, escola, médico, tudo paga, aqui é de graça” (relato do entrevistado 1, 2025); 25% (imigrante 2) marcou a opção “ficar próximo da família”, “A verdade... é que meu namorado veio aqui e eu tenho que vir atrás” (relato do entrevistado 2)¹⁹ “e; 25% (participante 3) demarcou “melhores condições de vida”.

Gráfico 13 – Decisão de imigrar para Mococa



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

A próxima questão foi “Na viagem até o Brasil, você veio com quem? ” Metade dos participantes (1 e 3) vieram com familiares, o imigrante 2 chegou ao Brasil sozinho e o participante 4 marcou a opção “outro” comentou que veio com um grupo de chineses que organizaram uma caravana migratória rumo ao Brasil, mas que não conhecia nenhum

¹⁹ O companheiro da entrevistada, também tem um estabelecimento na região central de Mococa, porém o mesmo não quis participar da entrevista, somando a família concentra dois comércios no município..

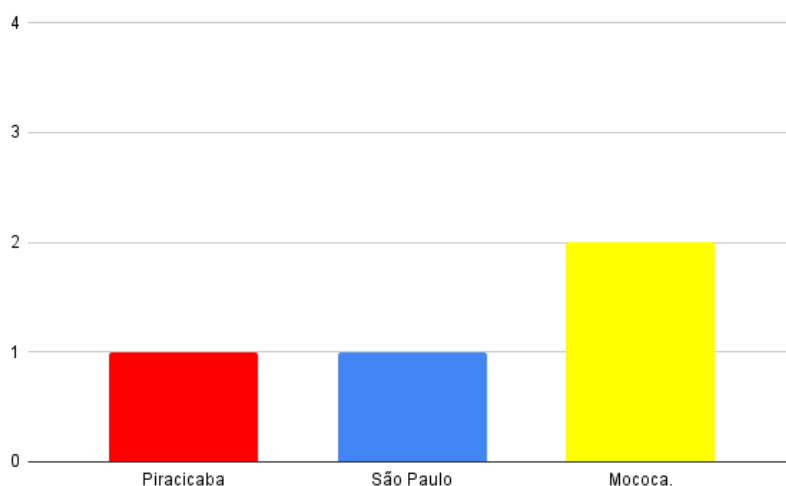
compatriota envolto neste fluxo migratório, relatou que foi o irmão dele que recomendou esta caravana. A motivação da imigração se deu por 75% (1, 3, 4) por motivos econômicos e/ou comerciais, já o participante 2 respondeu que veio por motivos familiares.

O financiamento, assistencialismo ou ajuda principal para os custos da viagem foram proporcionados por: 75% (1, 2 e 4) por conta própria, a entrevistada 2, comentou “na hora que eu venho, pedi advogado, documento a gente não sabe mexer, é... tem que pagar o advogado e fazer tudo o documento (...) se você sozinho correr aqui correr lá, é difícil, imagina se você não entende português, se tem que pagar mesmo (...) demorei um ano para organiza tudo” e 25% (3) assinalou que veio financiado principalmente pelos familiares (pai e mãe). Nenhum entrevistado recebeu algum auxílio governamental, tanto do governo chinês quanto do brasileiro. O entrevistado 2, comentou:

Em relação a fixação de moradia, 50% dos entrevistados (3 e 4) responderam que Mococa é a primeira cidade brasileira em que moram no Brasil, já os entrevistados (1 e 2) marcaram a alternativa “outra ou outras cidades” antes de se mudar para a Mococa a primeira cidade em que a entrevistada 1 morou foi São Paulo capital, já a segundo residiu inicialmente em Piracicaba-SP. O trajeto para o município de Mococa no Brasil demonstrou que todos os participantes chegaram inicialmente em São Paulo – SP, os imigrantes 3 e 4 de São Paulo foram diretamente viver em Mococa, já os entrevistados 1 e 2 de São Paulo, moraram inicialmente em outros municípios, o primeiro morou na própria capital paulista o segundo no interior do estado em Piracicaba – SP. Para o entrevistado 2 “Eu gosto mais daqui, é tranquilo, mas Piracicaba é melhor pra compra coisa²⁰, é mais fácil” (relato do entrevistado 2).

Gráfico 14 – Primeira Cidade de Residência no Brasil

²⁰ A “coisa” que a imigrante relatou, é no sentido de produtos alimentícios e gerais originários da China ou de outros países asiáticos, que estão presentes no cotidiano desses indivíduos, principalmente quando os mesmos moravam em Guangdong.



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

A próxima pergunta foi “você pretende continuar no Brasil?” 75% (1, 2 e 4) responderam que sim, o entrevistado 1 relatou que pretende continuar aqui pois “já me estabeleci minha vida aqui” já o imigrante 3 respondeu “não, gostaria de retornar para o meu país”, nota-se que os imigrantes que estão a mais tempo no Brasil não pretendem fazer uma migração de retorno, principalmente por questões familiares, como a criação de seus filhos e de comodidade financeira, já o imigrante que migrou para Mococa em 2019, gostaria de voltar para a China.

Sobre a opinião pessoal dos imigrantes, no que tange a recomendação do Brasil como moradia para outros compatriotas, as respostas variaram: 50% (1 e 3) responderam que sim; 25% (2) não recomendaria, “Não, por quê... meu amigo, ninguém quer vim, até minha família não quer, de verdade o Brasil... a China é um país melhor que o Brasil, tem mais lugar melhor lá” (relato do entrevistado 2) e; 25% (4) marcou a opção “talvez”. Todos os entrevistados residem no município de Mococa, mas especificamente na cidade.

Em relação as redes de informações todos os imigrantes tiveram conhecimento da existência do município de Mococa através de familiares já instalados no município e/ou no Brasil. Todos os participantes responderam que pretendem continuar morando em Mococa. O entrevistado 2 comentou: “eu sabia, é que um tio trabalha para meu parente, e depois ele trabalhou 6 anos pra ele²¹ (...) e depois eu juntava dinheiro, ai que vergonha e ficava procurando, as pessoas vai contando, nos chega aqui no Brasil, deu certo vai ficar”

²¹ Se refere à quando o entrevistado ainda estava na China, e que o seu tio trabalhava ou trabalha aqui no Brasil (a entrevistada não especificou se ele residia em Mococa ou em outro município) e enviava informações sobre como era as oportunidades de trabalho. Portanto o entrevistado soube da existência do município de Mococa através de uma rede social.

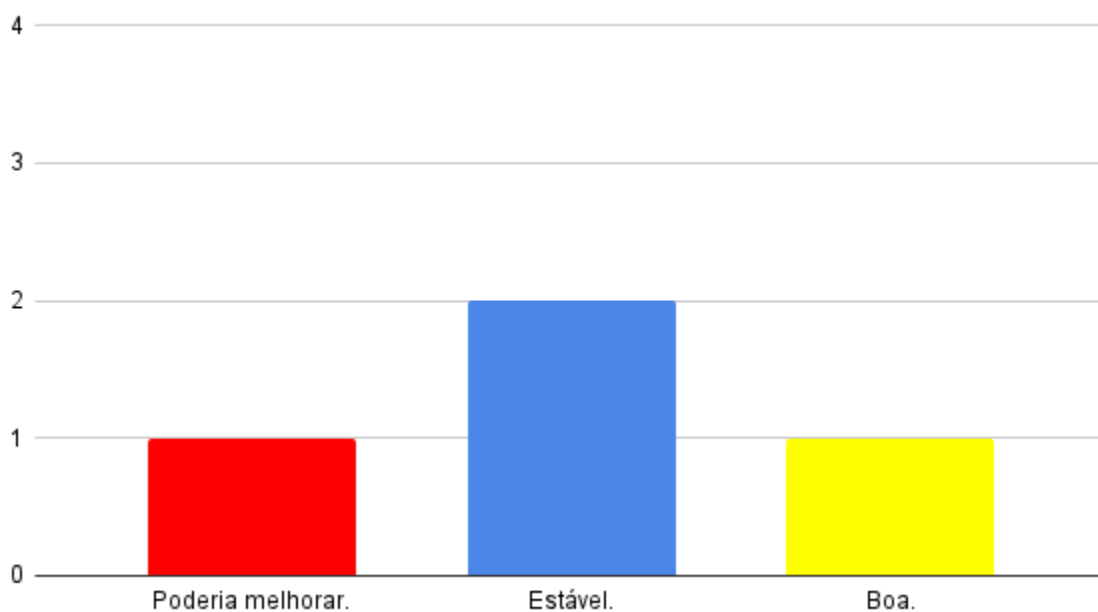
Tendo o governo municipal e federal como foco, todos os participantes disseram que não receberam nenhum auxílio da prefeitura ou de algum outro órgão vinculado aos governos municipal e federal referentes ao processo migratório, de fixações de residência e econômica e adaptação ao novo espaço de moradia e trabalho.

Foi indagado aos entrevistados quais eram as maiores dificuldades encontradas no processo migratório, todos os participantes responderam à questão da comunicação e da adaptação da língua portuguesa no uso cotidiano, o entrevistado 1 relatou que nos primeiros anos foi extremamente difícil a adaptação da língua, e aprendeu o português por conta própria através da comunicação com os mocoquenses no cotidiano. Um dos entrevistados (4) comentou que os governos nacionais e municipais poderiam oferecer aulas gratuitas de português voltadas para imigrantes internacionais, o imigrante (3) relatou que os governos poderiam auxiliar nos processos migratórios em geral dos imigrantes internacionais, principalmente na área burocrática, os participantes (1 e 2) não souberam responder.

6.5 TRABALHO E RENDA

Os participantes classificaram à suas condições financeiras como: estável (1 e 4); poderia melhorar (2) e; boa (3). 75% responderam que houve mudança para melhor em sua condição financeira após o fluxo migratório (1, 2 e 4) e 25% respondeu que a mudança foi para pior (3). A entrevistada número 1 reforçou a questão da gratuidade dos serviços públicos de Mococa e do Brasil, como no caso do acesso à saúde “as coisas daqui são de graça, né!?”.

Gráfico 15 – Classificação feita pelos imigrantes de suas respectivas condições financeiras



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

Todos os participantes responderam que sua profissão é de comerciantes em Mococa. Sendo os estabelecimentos dos entrevistados 1 e 2 lojas de produtos diversos importados da China, já os participantes 3 e 4 os comércios são voltados aos setores de alimentação (salgaderias e pastelarias). Porém 75% (1, 2 e 4) responderam que não era a profissão exercida na China, os entrevistados 1, 2 e 4 trabalhavam em linhas de produções de fábricas, apenas o imigrante 3 respondeu que era comerciante em sua terra natal.

6.6 INTEGRAÇÃO CULTURAL

Os participantes foram perguntados se eles participam de atividades culturais, de lazer ou comunitária no município, os resultados foram: 50% (1 e 4) responderam que não; 25% (2) às vezes, “difícil né, só quando as crianças quer sair” e; 25% (3) marcou a opção “sim”, comentou que joga basquete com amigos em uma quadra no bairro do Descanso (limítrofe com o centro).

Em relação a assimilação da cultura e costumes brasileiros todos responderem que a maior dificuldade foi a linguagem como já mencionado, porém complementaram com outros desafios: entrevistada 1 comentou que todas as diferenças e tradições culturais foram difíceis de se assimilar, “muito difícil, no começo”; imigrante 3 além do idioma, a culinária brasileira é algo que dificulta a sua adaptação cultural e; entrevistado 4 que acrescentou a jornada de

trabalho maior e dos períodos mais longos de transformação do espaço geográfico de Mococa comparado com a China²². O imigrante 2, relatou que se adaptou bem aos costumes brasileiros “as pessoa são boa aqui, se precisa de ajuda eles ajuda, pergunta se precisa de ajuda”.

De todos os entrevistados nenhum participa de alguma associação ou grupos da comunidade chinesa no Brasil, porém o imigrante (3) comentou que seus pais participam de uma comunidade, porém não soube especificar qual era.

Em relação a manutenção da cultura chinesa (culinária, festas, celebrações, etc.) em território mocoquense 50% dos entrevistados (2 e 3) responderam que às vezes conseguem; 25% (1) disse que sim e 25% (4) disse que não. A entrevista 1, respondeu que mantêm as tradições chinesas principalmente na continuidade do idioma mandarim e também “faço comida chinesa na minha casa”. Já a participante 2, discursou

“Essa coisa né, se nos pegar São Paulo tem tudo, porque lá tem bastante chinês, tem rua so de coisa chinês (...) nos compra direto, porque uma coisa é tempero, que eu acho só lá, umas coisa nos tem que pega lá mesmo (...) tudo eu tenho que fazer se você quer comer alguma coisa eu tenho que fazer (...) é difícil” (relato do entrevistado 2).

Em relação ao cotidiano no município de estudo 75% (2, 3 e 4) relataram que conseguem se comunicar em português razoavelmente e 25% (1) respondeu que sim.

Na opinião dos entrevistados 50% (1 e 4) responderam que “não” sobre a questão se eles acham que os brasileiros conhecem a cultura chinesa e 50% (2 e 3) responderam “um pouco”, segundo a entrevista 2 “não muito, hoje tem internet pessoa conhece mais, porque internet tipo assim sabe tudo né!?” a mesma entrevistada logo após comentou ainda:

“viagem não são cara agora abaixou bastante, esse ano não precisa²³, é bem mais fácil (...) algum dia o Brasil tem que liberar pra chinês, o chinês vem aqui e precisa é difícil passar, senão eu já tinha trazido meu pai, minha mãe não cosegue, tentei 3 vez não passou” (relato do entrevistado 2).

6.7 VIDA EM MOCOCA

Foi perguntado o que os entrevistados mais gostavam no município, seguindo respectivamente a ordem dos entrevistados: 1) segurança do município e o clima, “Gosto morar aqui, aqui mais seguro, São Paulo muito perigoso (...) Gosto do clima, gosto que é

²² Um exemplo dado pelo entrevistado é os longos processos de modernização da infraestrutura urbana “desde que cheguei aqui parece a mesma coisa hoje em dia”.

²³ Se refere a questão do visto, em que os brasileiros não precisam mais para entrar na China.

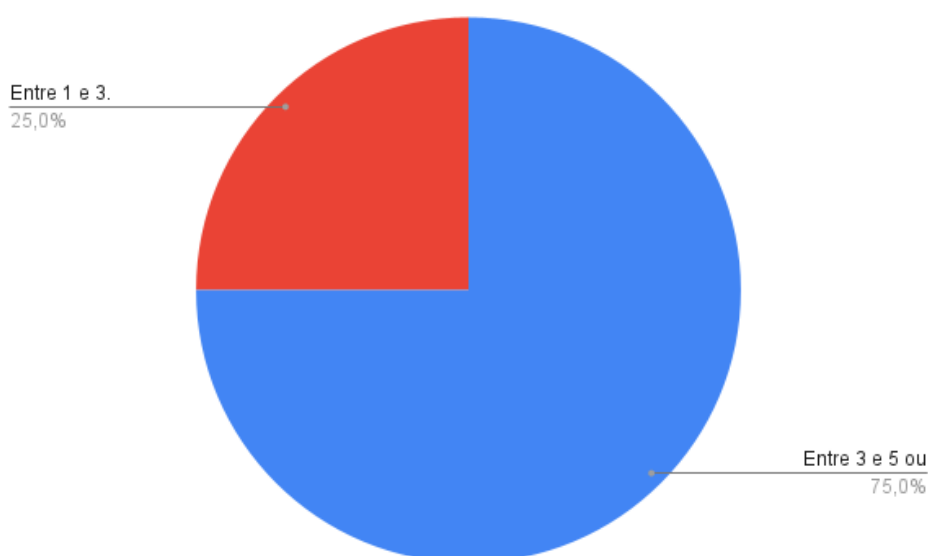
quente, to acostumada, mais do calor do que frio (relato do entrevistado 1, 2025); 2) tranquilidade da cidade do interior; 3) “pessoas boas” e; 4) Preços mais baratos de determinados produtos alimentícios, dando o exemplo da carne bovina.

Em contrapartida, também foi perguntado o que eles não gostavam da vida em Mococa: 1) a questão calorosa das relações sociais brasileiras (como toques, abraços, cumprimentos com beijos) “todo mundo ‘amigo’ aqui, na China as pessoas é mais fechada”, outra questão relatada pelo imigrante foi “um pouco sujo, rua suja, muito lixo na rua (...) falta limpeza na cidade, rua com buraco, na China não tem isso, nem fio na rua tem...é enterrado” (relato do entrevistado 1, 2025); 2) falta de opções de lazer, principalmente na área de restaurantes “a noite não tem restaurante é mais lanche, restaurante não tem”; 3) não teve reclamações; 4) queixou da culinária local, “muito salgada”.

Todos os entrevistados responderam que se sentem bem recebidos pela maioria da população mocoquense.

Em relação ao número de familiares no Brasil todos os entrevistados falaram que há mais de cinco parentes morando em solo brasileiro, a entrevistada 1, disse que “toda família mora em São Paulo” (mãe, tios e primos) moram em São Paulo capital. Em Mococa 75% (1, 2 e 4) responderam que há entre 3 e 5 ou mais parentes no município e 25% (3) respondeu que existe entre 1 e 3 familiares, o entrevistado 1 deu mais informações “Mococa mora um sobrinho mais um sobrinho, dois filhos e marido”, somente na família do entrevistado 1, contando com o mesmo, são em seis pessoas imigrantes residindo em Mococa.

Gráfico 16 – Número de familiares dos imigrantes em Mococa



Fonte: Dados referentes aos questionários e entrevistas, elaboração do autor (2025).

A percepção da qualidade de vida e sua classificação no município foi de 75% (1, 2 e 3) responderam que sua vida em Mococa é boa e 25% (4) respondeu que sua vida no município é regular.

Pensando no quesito moradia, todos os entrevistados moram no bairro do Centro de Mococa, o entrevistado 1 comentou que vem todos os dias para o trabalho a pé “é perto né!?”. 75% responderam que sabem da existência de outros migrantes chineses no seu bairro de moradia e apenas 25% (1) não soube responder, a imigrante um sabe da existência de outros imigrantes na cidade, porém não sabia se algum deles moravam no mesmo bairro que ela²⁴.

Dos 75% dos entrevistados responderam que “não” a pergunta: o bairro em que você mora em Mococa se parece com a localidade que você morava em seu país?”, apenas o entrevistado 3 respondeu que “razoavelmente”. O entrevistado 1 indagou: “nunca, nunca! Não parece...”

Todos os participantes responderam que tem contato com a população mocoquense, tendo relações de amizades, comerciais e de companheirismo. 75% dos entrevistados relataram ter sofrido algum tipo de discriminação/preconceito em algum momento de sua vivência no município. Como o caso de denominar os imigrantes como “chamar de xing-lings é.... pejorativo, sabe” (relato de uma funcionária de um dos estabelecimentos que estava presente durante a entrevista).

Em relação a pretensão de no futuro voltar a morar na China 50% (2 e 3) desejam retornar ao seu país de origem “sim, chegar a idade, mais velha eu vou vazar” (relato do entrevistado 2) e 50% (1 e 4) pretendem ficar no espaço de destino.

6.8 A OCUPAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

Esta sessão foi constituída pelos sentidos sensoriais, sendo a observação e o trabalho de campo fundamentais para a análise de um pequeno fragmento do que é a ocupação e a construção do espaço geográfico pelos imigrantes²⁵, nesta etapa da pesquisa demonstrarei alguns registros, sentimentos e análises das realidades vivenciadas durante o campo.

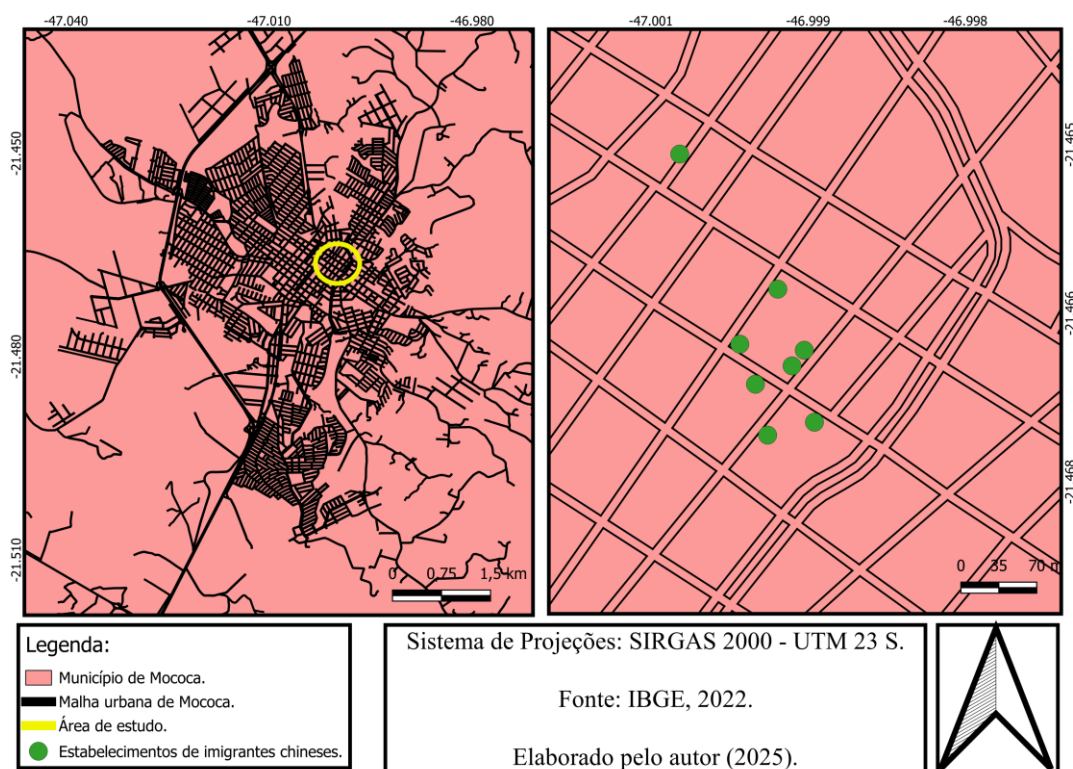
Mesmo o fluxo migratório chinês ser recente no município de Mococa, os mesmos já

²⁴ Nesta pergunta foi desconsiderado os imigrantes pertencentes à mesma família de cada entrevistado.

²⁵ Como pesquisador e não pertencente ao cotidiano, identidade e ao fluxo migratório, analisar a totalidade de um complexo fenômeno se torna impossível.

estão presentes no imaginário e no cotidiano de muitos mocoquenses, principalmente pelo desenvolvimento de suas práticas comerciais no Centro e nas proximidades. Neste sentido, se fez necessário a espacialização dos pontos comerciais e estabelecimentos destes indivíduos.

Mapa 2 – Localização dos Estabelecimentos dos Imigrantes Chineses em Mococa-SP



Foram catalogados um total de 8²⁶ estabelecimentos, todos os estabelecimentos estão aglomerados na porção nordeste do bairro do Centro, havendo um estabelecimento (imagem 2) mais afastado (2 quadras) de um aglomerado de 7 estabelecimentos mais próximos. Dos 384 estabelecimentos comerciais em Mococa 8 são de imigrantes chineses, dos 59 estabelecimentos relacionados ao comércio varejista 5 são desses indivíduos e dos 25 estabelecimentos alimentícios 3 são dos estabelecimentos catalogados nesta pesquisa (Receita Federal, 2024, modificados com os dados desta pesquisa).

Fotografia 2 – Pastelaria Pequim (nova)

²⁶ 8 foram os estabelecimentos que foram contabilizados nesta pesquisa, podendo haver mais comércio na região central ou em outros bairros que não foram catalogados.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Os comércios que estão presentes na pesquisa e no mapa (número 2) são todos de origem familiares, há casos de famílias e/ou conhecidos que apresentam mais de um negócio na área de estudo como no caso da pastelaria acima (nova) e uma pastelaria (antiga) que está estabelecida em Mococa a mais de 10 anos, onde ambas carregam o mesmo nome do negócio, no caso desses dois comércios as organicidades do comando dos estabelecimentos foram subdivididas em dois parceiros que tem vínculos de proximidade.

Fotografia 3 – Pastelaria Pequim (antiga)



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Foram observadas mais duas famílias com mais de um negócio cada, as duas apresentam duas lojas em sua posse, mas ao contrário das pastelarias, os comércios se especializam na venda de produtos diversos, principalmente, de importados advindos da China.

Ao caminhar na área de estudo, podemos notar os processos de territorialização e como os imigrantes ocupam e modificam o espaço, e faz dele o seu novo cotidiano na localidade de destino.

Nesta parte da região central, podemos identificar novas sonoridades em disputa e em complementariedade com as formas de comunicação, de linguagem e culturais mais tradicionais do espaço geográfico de estudo. Ao transitar pelas ruas do Centro e/ou dentro e nas proximidades dos estabelecimentos dos imigrantes, notamos as diferenciações de idiomas na mesma localidade entre o português (população local e imigrantes) e o mandarim e dialetos regionais advindos de Guangdong, principalmente o Cantonês/*Yue*²⁷ (imigrantes), sendo

²⁷ O Cantonês ou *Yue* é umas das principais variedades linguísticas chinesas, apresentando diferenciações significativas frente ao mandarim. Pertencente à família linguística sino-tibetana, originando-se na cidade de Guangzhou (Guangdong), apresentando um sistema tonal com pelo menos 6, podendo chegar a 9 tons, diferenciando do mandarim que tem 4 tons. Porém o sistema de escrita do Cantonês usa o sistema de escrita em

comum a mescla dos dois idiomas em uma mesma frase, tendo como exemplo os imigrantes oferecendo e demonstrando produtos a população local. Outras formas de sonoridade foram observadas, como a presença de caixas de som em alguns estabelecimentos com músicas em mandarim, se destoando dos símbolos sonoros comuns de Mococa e do Brasil.

Em todas os estabelecimentos há a presença de mão de obra familiar imigrante, observando a presença de pais, filhos (adultos, adolescentes e/ou crianças), parentes próximos (tios, primos, sobrinhos, etc.) e conhecidos envolvidos no labor comercial, reproduzindo diversas tarefas para o funcionamento do negócio, como caixas, repositores e vendedores.

Nos estabelecimentos com maior área, variedade de produtos e de capital investido, percebe-se a contratação de funcionários locais, tendo como função: vendedores e repositores. Os funcionários locais exercem papel fundamental na mediação da linguagem em relação aos imigrantes e aos consumidores, pois o contato cotidiano com os chineses os familiarizam com os gestos, os modos de comunicação e da tentativa do português falado pelos imigrantes. Os jovens e as crianças descendentes²⁸ e/ou imigrantes conseguem se adaptar melhor e mais rapidamente à linguagem local, em alguns casos, com o português falado fluentemente. Em contrapartida os imigrantes com idades mais avançadas, há uma probabilidade maior a dificuldades de assimilação da língua, sendo necessário em alguns casos a mediação de funcionários ou familiares mais jovens para mediar as comunicações de negócios e cotidianos.

No aspecto visível das novas relações sociais, de ocupação do espaço e modificação das infraestruturas pode ser visto além da introdução de novos perfis demográficos através do processo migratório, a presença de simbologias voltadas a China ou a terra de origem. As novas formas de se construir o espaço através do espectro arquitetônico simbólico são percebidas pela introdução de fachadas e interiores dos comércios através das cores amarelas, e principalmente vermelha (6 dos 8 estabelecimentos), representando as cores constituintes da bandeira chinesa (imagem 4).

Fotografia 4 – Shopping Kelly

mandarim.

²⁸ Alguns jovens e crianças já nasceram em Mococa ou no Brasil relacionados ao tempo em que os pais estão em território brasileiro, ou seja, esses indivíduos automaticamente já são brasileiros.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A instituição das representações simbólicas, também são vistas através de palavras (imagem 5), frases, produtos comercializados, como as famosas mercadorias *made in china* e pertences pessoais dos chineses.

Fotografia 5 - Presentes



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A palavra destacada na fachada desta loja se traduz como “presente” ou “presentes” (tradução do autor) este estabelecimento se especializa em produtos diversos para presentear determinada pessoa.

Como destacado os estabelecimentos de estudo, podem ser classificados em dois eixos o de culinária e de produtos diversos. Ambos fazem parte do cotidiano de consumidores das lojas centrais, os referentes a alimentação são ocupados pela população transeuntes do centro e de trabalhadores que trabalham na área, as lojas de produtos diversos servem como substitutos das conhecidas lojas de 1,99 e de produtos mais baratos (principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI voltados para populações com menores condições de renda ou que procuram por preços mais acessíveis.

Neste cenário, os imigrantes chineses e suas simbologias já são constituintes da paisagem e do perfil demográfico da cidade, o processo mesmo que recente, já é possível ser identificado por meio da territorialização e de suas interações sociais e econômicas desses imigrantes e, também pela formação de territórios-redes entre Guandong-Mococa através dos fluxos migratórios e de importações de mercadorias.

Por fim, a última sessão (“Considerações Finais”) será destinada a análise dos resultados obtidos das entrevistas, questionários e trabalho de campo corroborado pelos referenciais teóricos e bibliográficos, e a coleta de dados secundários expostos nesta pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como destacado no corpo do texto e na pesquisa realizada a comunidade de imigrantes chineses em Mococa-SP, já é algo concreto na realidade do município, introduzindo no território novas formas de se construir o espaço geográfico em praticamente todas as esferas de interações humanas e, respectivamente, do trabalho, do comércio e da economia urbana.

Seguindo a estruturação da pesquisa, a primeira sessão trabalhou com os debates metodológicos, corretes e teorias migratórias e também as tipificações e classificações feitas pela OIM. No caso dos fluxos de imigrantes chineses em Mococa, a Teoria das Redes Sociais se pareceu mais adequada para a classificação do determinado fenômeno por meio dos resultados colhidos durante o trabalho de campo.

Em relação a constituição de redes sociais no processo migratório todos os participantes das entrevistas ou que responderam o questionário responderam que ficaram sabendo da existência do município de Mococa por meio de familiares. Este tipo de migração é relacionado a deslocamentos grupais que se configuram em redes de ligação e contato (Tilly, 1990), como no caso dos imigrantes de Mococa, que chegaram em Mococa com suas famílias completas ou parte delas, também ocorrendo processos em que apenas um indivíduo se estabeleceu no município e posteriormente foi-se chegando sua família.

Outra característica desta teoria é a demarcação da migração como um processo essencial para a compreensão dos fenômenos da globalização, onde os fluxos migratórios modificam o espaço em todas as escalas em que passam (econômicas, culturais e sociais), sendo o migrante um agente da construção de espaços transacionais e globalizados (Santos, 2007). Sendo assim, os imigrantes chineses com seus processos de T-D-Rs modificam os espaços perpassados pelos mesmos, em especial o município de estudo, auxiliados pela proliferação dos Territórios-Redes.

Sobre as classificações feitas pela OIM em seu glossário (2009), os fluxos estudados (podendo haver mais de um tipo de classificação em determinado fluxo) neste trabalho, podendo ser classificados²⁹ como: migração em massa/coletiva; migração individual; migração internacional e; migração laboral. Vale destacar, que as respectivas classificações são referentes apenas aos 4 entrevistados da pesquisa por meio de suas respostas e informações secundárias oferecidas por eles durante o trabalho de campo, excluindo os

²⁹ Não sendo considerado as migrações clandestinas, as ilegais/irregulares e as regulares, todos os fluxos migratórios em Mococa apresentam uma ou mais tipificações listadas, porém não foi de interesse da pesquisa tabular determinados dados, a fim de preservar a continuidade da pesquisa e a integridade dos participantes.

indivíduos que não quiseram participar do trabalho, sendo assim, impossível de identificar o tipo ou tipos de migrações em torno de seus movimentos espaciais.

A próxima sessão debatida foi sobre os conceitos de Território-Rede; Redes Migratórias; Interações Espaciais e; Mobilidade Espacial. Tendo como objetivo analisar os fluxos de imigrantes chineses em Mococa, classificando um fragmento da realidade a partir desses conceitos, sobre o um processo com inúmeras formas de ser estudado.

A relação entre os Territórios-Redes e a influência dos mesmos nos fluxos de imigrantes da China se dá pelos processos de T-D-Rs e de mutilocalizações do espaço material e imaterial e da constituição de fixos, fluxos e redes de pessoas e objetos.

Como os territórios-redes se apresenta, como espaços com constantes, novos e repetitivos movimentos, a questão territorializante dos imigrantes no território de destino, forma espontaneamente fluxos e redes (Haesbaert, 2004), do território de origem ao final³⁰, através da apropriação e institucionalização simbólica de seu antigo território no novo, por meio do movimento e de sua ocupação do espaço..

Com a formação de redes ocorrem necessariamente fenômenos de territorialização e desterritorialização (Braga, 2010), no caso do referente estudo, Guangdong é desterritorialização pela emigração de sua população e Mococa é territorializada pela entrada, ocupação e manifestações dos mesmos em seu território, se apresentando (as redes e os migrantes) ora como construtores do espaço (território receptor) ora como desarticulador do território. De qualquer maneira, os dois processos constroem o espaço geográfico com a constante movimentação dos fluxos.

Sendo assim, os territórios-redes é marcado pelas suas mobilidades, principalmente num cenário de uma globalização econômica e cultural caracterizada pela velocidade e dinamismo dos meios de transporte e de comunicação, conectando territórios cada vez mais longínquos e conectando-os pelas infinitudes de redes existentes, tendo as redes migratórias, sociais e econômicas entre China-Mococa um exemplo das potencialidades de interconexões dos territórios-redes.

As interações espaciais que são formadas entre Guangdong e Mococa, especialmente ao do movimento dos imigrantes se organizam como representações dos vínculos sociais/espaciais e de memórias, em que cada indivíduo carrega na sua imaterialidade a sua simulação do seu território natal, em conjunto com as suas simbologias, processo esse denominado de múltiplos territórios, ou seja, as expressões sociais e de memória dos

³⁰ No caso da pesquisa de Guangdong rumo a Mococa.

imigrantes traz e territorializa a província chinesa em Mococa.

Com a flexibilização das fronteiras territoriais e da compreensão do espaço-tempo (Harvey, 1992), devido a ascensão da globalização econômica e do neoliberalismo, os fluxos materiais, imateriais e virtuais se intensificam criando e recriando múltiplas conexões entre os territórios, onde a circulação de informações é frenética, sendo os fluxos migratórios guiados por determinadas informações sobre certa mobilidade desejada, como no caso das respostas obtidas em campo sobre o conhecimento do município de Mococa e de relatos dos entrevistados sobre as questões de trabalho e econômicas da cidade informados por parentes e conhecidos.

Neste sentido os imigrantes chineses em Mococa formam movimentos dialéticos de territorialização-desterritorialização-reterritorialização (T-D-R), territorializa, pois: implica suas memórias e costumes em Mococa; desterritorializam, pois: emigram de Guangdong e reterritorializa, por: criar e reinventar novas dinâmicas de produção do espaço mocoquense. Criando uma multilocalização ou bilocalização entre Guangdong-Mococa, sendo interligados pelas redes e fluxos criados pelos mesmos e seus indivíduos.

No subtópico sobre as redes migratórias, denotamos que as migrações podem ocorrer por uma pluralidade de fatores. No estudo foi concluído que nos casos dos 4 imigrantes, o vetor econômico esteve presente de forma direta ou indireta nos fluxos de mobilidades dos mesmos. Tendo como o exemplo do motivo da escolha do Brasil como moradia, os participantes 1 e 4 responderam “melhores condições de emprego/trabalho”, já o 2 “ficar próximo da família” e o 3 “melhores condições de vida” os últimos dois listados, acabaram se inserindo no mercado econômico da cidade como vendedores e/ou proprietários.

Os fluxos das redes migratórias de estudo são os próprios imigrantes e as informações obtidas por terceiros, onde os indivíduos participantes deste fluxo, tendem ser familiares, amigos e conhecidos dos próprios chineses. As informações sobre o processo migratório de imigrantes já estabelecidos em Mococa, são fundamentais na decisão final do imigrante, pois reduz seu grau de incerteza (Rogers, 1983).

Com o estabelecimento de uma rede migratória há a conexão entre dois ou mais territórios distintos, apresentando na realidade do imigrante sempre um lugar de origem (Guangdong) e de destino (Mococa), se tornando fixos no espaço.

Referente as interações espaciais de estudo, são todos os deslocamentos e fluxos de pessoas, capital, mercadorias e informações sobre o espaço, especificamente entre Guangdong e Mococa e vice-versa.

No que tange a mobilidade espacial os imigrantes necessariamente participam de

processos de mobilidades, tanto o próprio processo migratório, como o do cotidiano vivenciado (caminho do trabalho para casa por exemplo) a mobilidade que estes imigrantes trazem consigo, vai além da mobilidade de seus corpos, os mesmos com suas relações comerciais (importações de produtos chineses e de outros territórios), de capital (como o envio de dinheiro para familiares na China) e de informações entre o município de estudo e a China. As mobilidades espaciais e as interações espaciais criam e recriam fixos, fluxos e redes entre as duas localidades, onde o avanço do meio-técnico-científico-informacional e do desenvolvimento dos território-redes são essenciais no acesso, velocidade, frequência e constância dos fluxos.

Na próxima sessão que debateu sobre as relações bilaterais sino-brasileiras e a os processos históricos dos fluxos migratórios de chineses no Brasil, se pode correlacionar em alguns aspectos esses fenômenos com o dos imigrantes chineses em Mococa.

Segundo os resultados obtidos em trabalho de campo podemos fazer interligações de alguns fatos, podendo ou não, ter influenciado na imigração dos indivíduos.

Os participantes 1 (2009); 2 (2008); e 4 (2011), chegaram no Brasil em momentos marcados pelo estreitamento das relações bilaterais sino-brasileiras, principalmente, pós 2009, onde a China (constante abertura econômica) se torna o principal parceiro econômico brasileiro. Em relação ao entrevistado 3 (2019) chegou ao Brasil, após tratados consulares sobre as migrações e declarações sobre a imigração entre os dois países (2015), que foi discutido durante o texto.

Em relação a historicidade dos fluxos migratórios de chineses rumo ao Brasil, os imigrantes participantes se enquadram na quarta fase (1980-atualmente). Esta fase se caracteriza pela predominância da atividade comerciante dos imigrantes, da flexibilização das fronteiras físicas e alfandegarias, do desenvolvimento do meio-técnico-científico-informacional e pelo estreitamento político entre China-Brasil. Outra questão é o estabelecimento de redes sociais e de contatos com imigrantes mais antigos, onde os mesmos oferecem informações, auxílios e oportunidades referentes ao fluxo migratório. Segundo Weinong (2012) uma das provinciais chinesas em que mais ocorrem os processos de emigração rumo ao Brasil, ocorre-se em Guangdong, como no caso de Mococa.

Em torno das relações políticas entre Mococa e China, notamos um crescimento exponencial na década de 2010, com firmação de parceiras com empresas mocoquenses, visitas de membros do governo chinês e empresários e celebrações como o decreto de Lei do “Dia do imigrante chinês” no município de Mococa, porém a bilateralidade tem uma tendência a queda, pois durante a pesquisa deste trabalho, não foi encontrada nenhuma

informação referente a acordos políticos, econômicos e sociais a partir da década de 2020.

A próxima sessão foi marcada pelos resultados das entrevistas, questionários e trabalho de campo realizados. De modo geral, os resultados dos questionários e entrevistas referentes as informações gerais dos entrevistados mostram diferenças esperadas (idades, gênero, estado civil e ocupação) e similaridades esperadas ou não (como no caso da cor e da origem). O dado mais marcante para pesquisa é saber a nacionalidade e sua respectiva província natal, que no caso todos são de Guangdong. Segundo relato da entrevistada 2 “aqui os chineses é da mesma cidade”, porém não podemos dizer sem dados concretos que todos os imigrantes chineses que estão em Mococa são de Guangdong.

No que tange, a educação dos participantes, todos têm ensino médio completo. Todos os participantes relataram ter muita ou certa dificuldade referente a língua portuguesa. O entrevistado 4, comentou que seria de grande valia se o governo federal e em questão da praticidade de Mococa de oferecer não somente aos imigrantes chineses aulas gratuitas de português, mas para todo ou qualquer imigrante internacional que resida em no município.

A questão da trajetória migratória como já destacado algumas vezes na pesquisa se resume a constituição de fixos, fluxos e redes entre as duas localidades de estudo.

A respeito do trabalho e renda, todos os entrevistados estão inseridos na economia urbana do município, se estabelecendo como comerciantes, vendedores, proprietários e consumidores.

Em relação ao a integração cultural em Mococa/Brasil o maior desafio encontrado pelos participantes é justamente a barreira linguística e as características culturais em geral, devido ao distanciamento cultural entre a sociedade brasileira e chinesa.

Outra problemática é a dificuldade da manutenção da cultura chinesa, o que se foi mais relatado é a dificuldade de-se encontrar produtos, insumos e objetos típicos da cultura dos imigrantes, pois o mercado local mocoquense não supre a demanda desses indivíduos, no território mocoquense há algumas lojas com produtos asiáticos e uma especializada localizada no mercado central ou Mercado de Mococa, porém mais voltado a produtos industrializados advindos do Japão e Coreia do Sul, devido a existência de certos imigrantes e descendentes de japoneses na cidade (migração mais antiga, século XX) e da influencia midiática coreana na indústria cultural hoje em dia.

Em relação a vida em Mococa, aparentemente e com suas respostas os imigrantes de modo geral gostam do município, porém a coisas que eles desgostam, exemplificados na sessão das respostas das entrevistas e questionários.

A respeito do número de imigrantes no município de Mococa, podemos determinar

que com apenas os 4 entrevistados e suas respectivas famílias há a existência de 14 a 22 indivíduos (chineses e descendentes). Desconsiderando os imigrantes que não quiseram participar da pesquisa (8 indivíduos) e prováveis indivíduos que não foram captados nas entrevistas.

Segundo dados oficiais que foram encontrados sobre o número de imigrantes chineses com a especificidade de residirem em Mococa, foi encontrado através do NEPO (Núcleo de Estudos de População Elza Berquó, da Unicamp – fazendo parte do Observatório das Migrações de São Paulo) que tabularam os dados referentes aos Registros de Imigrantes Internacionais da Polícia Federal (SINCRE/SISMIGRA) na pesquisa foram demonstrado apenas 5 imigrantes chineses no território mocoquense na série histórica de 2002 a 2022, se distanciando dos resultados desta pesquisa e da realidade geográfica e demográfica de Mococa.

Para concluir esta pesquisa se faz necessário a afirmação da necessidade de políticas públicas voltados aos imigrantes internacionais no Brasil, em especial dos imigrantes que fixam suas moradias em cidades médias e pequenas, tendo como exemplo a volta do recenseamento do número de imigrantes pelo IBGE em futuros censos demográficos.

Em relação aos governos municipal de Mococa e federativo do Brasil é necessário a revisão e criação de políticas voltadas ao bem-estar, fixação e adaptação em seus respectivos territórios, tendo como base os resultados das entrevistas e questionários, onde todos os participantes responderam que não receberam nenhum auxílio governamental em qualquer esfera.

Por fim, os imigrantes chineses já fazem parte do espaço geográfico mocoquense e contribuem para reconfiguração diária, através dos processos de T-D-R com a fixação de suas residências, estabelecimentos comerciais, suas interações sociais e territorialização de sua cultura simbólica e concreta, criando e recriando os fixos, fluxos, redes e interações espaciais no início de sua migração até sua constituição como membro da sociedade de Mococa, gerando um território-rede específico, no caso de Guangdong-Mococa/Mococa-Guangdong

REFERÊNCIAS

- ACI. Associação Comercial e Industrial. História. Disponível em: <https://www.acimococa.com.br/Historia/>
- ALMEIDA, L. M. L.; PIRES, P.; LEITE, A. C. C. Relações comerciais com a China e a desindustrialização brasileira entre 2000 e 2014. Um estudo baseado na análise inter-regional do insumo-produto. **Revista da SEP**, n. 63, p. 95-126, maio/ago. 2022.
- AGÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO. Mococa 2050 (2017-2018). São João da Boa Vista-SP, 2018. Disponível em: <https://agenciadedesenvolvimento.com.br/mococa-2050-2017-2018/>
- ANDRADE, Manuel C. de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton et al (Org.) Território: globalização e fragmentação. São Paulo: **HUCITEC/ANPUR**, 1994, p. 213-220.
- AZEVEDO, B. Brasil: inserção internacional pragmática; uma reflexão dos governos Geisel e Lula. Curitiba: **Appris**, 2020.
- BAENINGER, Rosana. Migrações transnacionais de refúgio no Brasil. Migrações internacionais. Abordagens de direitos humanos. Organização: Carmem Lussi. Brasília: CSEM – **Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios**, 2017. 384 p.; 16 X 23cm. Série Migrações, 20.
- BAILEY, Adrian. Migration history, migration, behavior and selectivity. *The Annals of Regional Science*, vol. 27, n. 4, p. 315-326, mai. 1993.
- BANDEIRA, A.C.A; FALCÃO, A.C.M.G; LOURENÇO, A.S; RAMOS, C.R.S; BARROS, C.U; QUIEZI, D; MELLIM, E. F; SANTANA, E. S; PRAVATO, E; SANTOS, K. A; ASCHERMANN, L. M; SILVA, N. M. R; MATOS, T. C. D. Trabalho de campo multiprofissional: município de Mococa. Universidade de São Paulo – **Faculdade de Saúde Pública**. São Paulo. 1996.
- BARBOSA, P. H. B. New kids on the block: China’s arrival in Brazil’s electric sector. Boston **University Global Development** Policy Center, Dec. 2020. Available at: https://www.bu.edu/gdp/files/2020/12/GCI_WP_012_Pedro_Henrique_Batista_Barbosa.pdf
- BECKER, O. M. S. MOBILIDADE ESPACIAL DA POPULAÇÃO: CONCEITOS, TIPOLOGIA, CONTEXTOS; in: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. (Orgs.) **Explorações Geográficas**. Percursos no fim do século, 1999).
- BELIZÁRIO, B. Imigração italiana no município de Mococa/SP no século XIX. 9^o Jornada Científica e Tecnológica do IFSULDEMINAS, **6^o Simpósio da Pós-Graduação**. Machado-MG. 2017.
- BIATO JUNIOR, O. (2010). A parceria estratégica sino-brasileira: origens e perspectivas (1993-2006). Brasília, **Fundação Alexandre de Gusmão**.
- BOMTEMPO, D. C. D. MIGRAÇÃO INTERNACIONAL, ECONOMIA URBANA E TERRITORIALIDADES: INTERNATIONAL MIGRATION, URBAN ECONOMY AND TERRITORIALITIES. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 39, p. 1–26, 2019.
- BRAGA, R. M. Território, rede e multiterritorialidade: Uma abordagem conceitual a partir das corporações. (2010). *Revista Geografias*, 6(2), 26-36. <https://doi.org/10.35699/2237-549X..13293>
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Brasília, (2023). Disponível em: <https://www.rais.gov.br/>.
- BRITO, F. (Brasil, Final de Século: a Transição Para um Novo Padrão Migratório? In: *Anais XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, Caxambu, 2000.

- BRITO, F. O Deslocamento da População Brasileira para as Metr p les. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 20(57): 221-236, 2006.
- BRUSADIN, Leandro Benedini. A Belle  poque Caipira e a imigra o italiana enquanto patrim nio cultural e recurso turístico. *Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales*, n. 30, 2015.
- CAMAGNI, R. Economía urbana. Barcelona: Antonio Bosh Editor, 2005
- CAMPOS, L. L. DE; RODRIGUES, L. Migrantes e migra es: entre a história e a literatura. *Albuquerque (online)*, v. 3, n. 5, 22 jun. 2017.
- CAMPOS M. B. de. (2015). A dimensão espacial das redes migratórias. *Redes*, 20(3), 14-30. <https://doi.org/10.17058/redes.v20i3.5597>.
- CARIELLO, T. Investimentos chineses no Brasil 2022: tecnologia e transi o energética. Rio de Janeiro, RJ: Conselho Empresarial Brasil-China, 2023.
- CARVALHO, J. A. M. , Campos, M. A Varia o do Saldo Migratório Internacional do Brasil. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, 20(57): 55-58, 2006.
- CASTELLS, M. CARDOSO, G. (Orgs.) A sociedade em rede: do conhecimento   política. Belém: **Imprensa Nacional** - Casa da Moeda, 2006.
- CATÃO, Rafael de Castro; REOLON, Cleverson Alexsander; MIYAZAKI, Vitor Koiti. INTERA OES ESPACIAIS: UMA REFLEXÃO TEMÁTICA. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 11, n. 35, p. 231–239, 2010. DOI: [10.14393/RCG113516340](https://doi.org/10.14393/RCG113516340). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16340>. Acesso em: 2 abr. 2025.
- CDP. Decoupling China’s soy imports from deforestation driven carbon emissions in Brazil. Trase/CDP, 2019. Available at: <https://cdn.sanity.io/files/n2jhvipv/production/e775177aa41eef52c3ddbbaa4d177c49932675c59.pdf>.
- CEBC – CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA. Investimentos chineses no Brasil. Novas tendências em energias verdes e parcerias sustentáveis. Rio de Janeiro. 2024.
- CELESTE, Marcos. Cabeceiras do Rio Pardo: ocupa o e forma o da região de Caconde-SP (1765-1820). 2011. 142 f. **Disserta o (mestrado) - Universidade Estadual Paulista**, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2011.
- CHANG-SHENG, S. (2009). Imigrantes e a imigra o chinesa no Rio de Janeiro (1910-1990). **Leituras da História**, v. ano II, pp. 44-53.
- CHEN, M S. Cultura e Educa o dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel/PR: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia apresentada ao Curso de Especializa o em História da Educa o Brasileira para obten o do título de especialista em História da Educa o Brasileira da **Univ. Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE** - Campus Cascavel, 2010.
- CIGOLINI, A. A; SOUZA, M. V. L. DE. TEORIAS MIGRATÓRIAS E A REALIDADE CONTEMP RANEA DOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS. *Revista Geografar*. Curitiba, v.16, n.1, p.182-199 jan. a jun./2021.
- CGTI. Centro de Gestão de Tecnologia e Inova o. Campinas-SP, 2025.
- COMEXSTAT. Ministério da Indústria. Comércio Exterior e Serviços–MDIC. Exporta o e importa o geral.2025.
- CONSELHO EMPRESARIAL Brasil-China (CEBC). Boletim de Investimentos Chineses no Brasil 2012 – 2013. Realizado em 12 de julho de 2014. Disponível em <https://www.cebc.org.br/categoria/investimentos-chineses-no-brasil/>
- CORRÊA, R. L. Intera es Espaciais. In. CASTRO, I. E.. GOMES, P. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Explora es Geográficas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p. 279-318.
- COSTA, Edgar Aparecido, OLIVEIRA, Marco Aurélio de (Orgs.). **Seminário de estudos fronteiriços**. Campo Grande: UFMS, 2009.

- FEARNSIDE, P. M.; FIGUEIREDO, A. M. R. China's influence on deforestation in Brazilian Amazonia: a growing force in the state of Mato Grosso. **Boston University Global Governance**, 2015. (Initiative Discussion Paper, 2015-3).
- FERREIRA, E. S.; BOMTEMPO, D. C. A CHINA QUE NINGUÉM VÊ: MIGRANTES CHINESES NO CENTRO COMERCIAL DAS CIDADES CEARENSES. **Boletim de Geografia**, v. 36, n. 1, p. 48-61, 15 jun. 2018.
- FERREIRA, E. S. Uma análise das relações sino-brasileiras no século XXI: características e desafios enfrentados pelos chineses no Ceará. **Terra Livre**, [S. l.], v. 2, n. 59, p. 369–435, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2902>. Acesso em: 28 nov. 2023.
- FISCHER, André. Os territórios depois da ANPEGE – 1997. In: Formação. Presidente Prudente, n.6, p.99-102, 1999.
- FREIRE da SILVA, C. Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 20, n. 41, pp. 223-243, jan/abr 2018
- FRISCHTAK, C.; SOARES, A.; O'CONORT, T. Uma análise dos investimentos chineses no Brasil: 2007-2012. Rio de Janeiro, RJ: **Conselho Empresarial Brasil-China**, 2013.
- GAMBLE, C. Timewalkers: the Prehistory of Global Colonisation. UK: Sutton Publishing LTD, 1993.
- GAUDEMAR, P. Mobilidade do trabalho e acumulação de capital. Lisboa: **Editora Stampa**, 1977.
- GOETTERT, J. D. Paradoxos do lugar mundo: brasileiro e identidades. In: SPOSITO, E. S.; BOMTEMPO, D. C.; SOUSA, A. A. (Org.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- GOTTMAN, Jean. Evolução do conceito de território: **Boletim Campineiro de Geografia**, v.2, n.3, 2012.
- GONÇALVES, A. M., R, L M. Identidades e etnicidades conceitos e preceitos. In: SILVA, Gilvan Ventura da; NADER, Maria Beatriz; FRANCO, Sebastião Pimentel (Org.). As identidades no tempo: ensaio de gênero, etnia e religião. Vitória, ES: EDUFES, 2006, p. 11.
- GONÇALVES, R. O nó econômico. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GUEDES, A. D. O trecho, as mães e os papéis: etnografia de movimentos e durações no norte de Goiás. São Paulo: **Garamond**, 2013.
- GUO, B. (2005). Registro geral dos imigrantes chineses de Qingtian no Brasil (1910-1994). Qingtian, China.
- Haesbaert, R., & Limonad, E. (2020). O território em tempos de globalização. **Geo UERJ**, (5), 7. <https://doi.org/10.12957/geouerj.1999.49049>.
- _____. O Mito da Desterritorialização: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2. ed. **Rio de Janeiro**: Bertrand Brasil, 2006.
- _____. Territórios alternativos. Rio de Janeiro/São Paulo: **Eduff/Contexto**, 2002, p.117-142.
- HARVEY, D. (1974). Population, Resources and the Ideology of Economic Geography, *Science*, 50: 256-277.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. 2ed. **São Paulo**: Loyola, 1993.
- HARZIG, C.; HOERDER, D. What is Migration History? London: Polity Press, 2009.
- HIRATUKA, C. Relações econômicas entre Brasil e China nas duas primeiras décadas do século XXI: uma perspectiva a partir dos desafios contemporâneos para a reindustrialização brasileira. **Economia e Sociedade**, Campinas, SP, v. 33, n. 3, p. e282874, 2024.
- HIRATUKA, C. Chinese OFDI in Brazil. In: DUSSEL PETERS, E. (Org.). China's Foreign Direct Investment in Latin America and the Caribbean. Conditions and challenges. Cidade do México: **Universidade Autónoma de México**, 2019.
- HUANG, B.; LE, X. ODI from the Middle Kingdom: What's next after the big turnaround?

- China Economic Watch, BBVA, 2018.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico de 2022. Rio de Janeiro, 2024.
- JABBOUR, E. K. Projeto nacional, desenvolvimento e socialismo de mercado na China de hoje. São Paulo, SP: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas –USP – Universidade de São Paulo, 2010. 389p. Tese (Doutorado em Geografia –Geografia Humana)
- JANNUZZI, P. M. Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista. Campinas: Autores Associados, 2000.
- JOHNSTON, Ronald John; GREGORY, Derek; SMITH, David Marshall. The Dictionary of human geography. **Oxford: Blackwell**, 1981.
- LEE, E. S. A Theory of Migration. *Demography*, Seattle, v. 3, n. 1, p. 47-57, Jan. 1966
- LEITE, J. R. T. (1999). A China no Brasil: influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas. Campinas, **Editores Unicamp**.
- LESSER, J. (2001). A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo, **Editores Unesp**.
- LÉVY. Jacques. Os novos espaços da mobilidade. Niterói: **GEOgraphia**, n. 6, 2002.
- LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel (Dir.). Dictionnaire de la Géographie: et de l'espace des sociétés. Paris: Belin, 2003.
- LIMA, Dario de A. A gênese do diálogo e a questão das redes. In: Souza, A. J. de; Souza, E. B. C. de; Magnoni Jr., L. (Org.) Paisagem – Território Região: em busca da identidade. Cascavel: **Edunioeste**, 2000
- LIMA, Ivaldo. G. Redes políticas na interface das redes urbanas. **Experimental**. São Paulo, n.4/5, p.39-43, set.1998.
- LUDMILA ANDRZEJEWSKI CULPI. **Estudos migratórios**. Editora Intersaberes, 2019. E-book. (250 p.). ISBN 9788559729900. Disponível em: <https://middleware-bv.am4.com.br/SSO/unifalmg/9788559729900>. Acesso em: 21 nov. 2023.
- MANNING, P. Migration in World History. New York: Routledge, 2005.
- MARQUES, Adhemar, BERUTTI, Flávio C., FARIA, Ricardo de Moura. **História através de textos**. São Paulo: Contexto, 1989, p. 13.
- MARTINS, José de Souza. A imigração e a crise no Brasil Agrário. Petrópolis: Vozes, 1983.
- MASSEY, Douglas. Economic development and international migration in comparative perspective. **Population and Development Review**, v. 14, n. 3, p. 383-413, 1988.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). Brasília, 2025.
- MOCOCA. Lei nº4.742. Dia do Imigrante Chinês, de 18 de março, 2019. Disponível em: https://sapl.mococa.sp.leg.br/media/sapl/public/normajuridica/2019/8158/lei_4742_2019.pdf
- MONBEIG, Pierre. Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. São Paulo: **Hucitec; Polis**, 1984.
- MOREIRA. I. T. (1978). Nordeste: Terra de Arribação: um estudo de fatores determinantes do processo migratório no Nordeste. Recife, UFPE. Série Dissertações.
- MORIMOTO, Amelia (2004). “Introducción” In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO (2004). Cuando Oriente llegó a America; Contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos. Washington, D.C.: **Banco Interamericano de Desarrollo**, pp. 1-12.
- MÜLLER, P. N. Negócio da China: a relação entre mídia e poder na diplomacia do Governo Geisel (1974-1979). **Revista Crítica Histórica**. v. 10. n. 20. p. 137-155, 2019.
- MYERS, M.; GALLAGHER, K. Chinese finance to LAC in 2016. The Dialogue, 2017. Available at: <https://www.bu.edu/gdp/files/2017/11/Chinese-Financeto-LAC-in-2016-Web-and-email-res.pdf>

- NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. 2016. Disponível em: https://ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/14615_Oficina_434.pdf
- OIM – Organização Internacional para as Migrações. Glossário sobre migração. Genebra, 2009.
- OLIVEIRA, A. T. R. et al. Notas sobre a migração internacional no Brasil na década de 80. In: PATARRA, N. L. (Coord.) *Migrações internacionais: herança XX, agenda XXI*. Campinas: FNUAP. p. 239-57, 1996.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. O Brasil dos Imigrantes. Rio de Janeiro: **Editora Jorge Zahar**, 2002.
- OLIVEIRA, Márcio Sergio Batista Silveira de. *O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. Dados*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, p. 73-100, mar. 2014.
- O GLOBO Economia. Governo divulga lista das empresas que poderão exportar lácteos para China. Editora Globo S/A. Brasília, 24, jul de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/governo-divulga-lista-das-empresas-que-poderao-exportar-lacteos-para-china-23829736>
- PALADINI, Carlos Alberto. Os Italianos em Mococa. Ribeirão Preto: **Editora São Francisco**. 2009.
- PASTORE, J. Desigualdade e mobilidade social no Brasil. São Paulo: T. A. **Queiróz Editor**, 1979.
- PATARRA, N. L. Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, 19(3), 23-33, 2005.
- PEEK, P. (1978). Agrarian change and rural emigration in Latin America. International Labour Organization. Genebra. Work-ing paper. Mimeo.
- PETT, R. (1978). Inequality and poverty: a marxist géographie theory. In: R. PEET (org.), *Radical Geography: alternative viewpoints on contemporary social issues*. London, Methuen & Co. Ltd.
- PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro sociológicas. *SOCIUS workingpapers. Universidade Técnica*. Lisboa, Nov. 2004.
- PINHEIRO-MACHADO, R. (2008). China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 67, pp. 117-133.
- _____ (2009). Made in China: produção e circulação de mercadorias no circuito China-ParaguaiBrasil. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- PORTES, Alejandro. Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities. *International Migration Review*, vol. 31, n. 4, p. 799-825, Center for Migration Studies of New York, 1997.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE MOCOCA. Prefeitura participa de encontro de negócios com empresários chineses. Mococa 24, jul de 2014. Disponível em: <https://mococa.sp.gov.br/noticia/6531/prefeitura-participa-de-encontro-de-negocios-com-empresarios-chineses/>
- RABOSSI, F. (2007). “Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma reinterpretação”. In: SEYFERTH, G; PÓVOA, H; ZANINI, M.C. e SANTOS, M. (orgs.). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria, Editora da Universidade Federal de Santa Maria.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. São Paulo: **Ática**, 1993.
- RAMALHO, H. VALORIZE MOCOCA. Mococa recebe A China na minha cidade – evento que possibilitou oportunidades empresariais e comerciais. ACI-MOCOCA. Mococa, 2018. Disponível em: <https://www.valorizemococa.com.br/blog-detahes.php?codigopublicacao=14>
- RAVENSTEIN, Ernst Georg. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society. Series A (Statistics in Society)*, Londres, v. 52, n. 02, p. 241-305, Jun. 1889.
- RIBEIRO, Letícia Parente. Zonas de fronteira internacionais na atualidade: uma discussão.

- Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: <http://acd.ufrj.br/fronteiras/pesquisa/fronteira/p02avulsos03.htm>
- ROGERS, E. Diffusion of Innovations. 3rd Edition. New York/London: The Free Press, 1983.
- SANTOS, Gislene. Estado, redes sociais e fronteira: a migração do sul catarinense para os Estados Unidos. *Tese de Doutorado em Geografia*, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- SANTOS, I. B. Redes migratórias enquanto mecanismos de apoio ao retorno no projeto migratório. *SCIAS Dir. Humanos e Educação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 114-133, ago./dez. 2018
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. . São Paulo: **Hucitec**, 1996
- SAQUET, Marcos Aurélio. Abordagens e concepções de território. São Paulo: **Expressão Popular**, 2007
- SAQUET, Marcos Aurélio & MONDARDO, Marcos Leandro. A Construção de territórios na migração por meio de redes de relações sociais. p.120. . v.11, n.13, Presidente Prudente, 2008.
- SECRETARIA DA RECEITA FEDERAL. Brasília: Secretária da Receita Federal, 2025.
- SCHUTTE, G. R. Oásis para o capital. Curitiba, **Apris Editora**, 2020.
- Silveira, R. B., & Cascaes Montanha, O. (2024). Análise das relações geoeconômicas Brasil – China no período 2013 – 2023. *ENTRE-LUGAR*, 15(30), 108–139.
- SINDLAT-RJ. LÁCTEOS: AGRICULTURA DIVULGA LISTA DOS ESTABELECIMENTOS HABILITADOS PELA CHINA. Rio de Janeiro, 25, jul de 2019. Disponível em: <https://sindlat-rj.com.br/noticias/lacteos-agricultura-divulga-lista-dos-estabelecimentos-habilitados-pela-china/>
- SIMMEL, Georg. Digressions sur l'étranger. In: GRAFMEYER, Yves et JOSEPH, Isaac (Orgs.). *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: ChampUrbain, p. 53-59, 1979.
- SORRE, Marx. Migrações e mobilidade do ecúmeno. In: MEGALE, J. F.; FERNANDES, F. (Orgs): Max Sorre. São Paulo: Ática, 1984.
- Sousa, A. A. de. (2018). MOBILIDADE E TERRITÓRIO: SUBSÍDIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA COMPREENDER A MOBILIDADE POPULACIONAL NA GEOGRAFIA. *Caderno Prudentino De Geografia*, 2(38), 113–127. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/5503>.
- SOUZA, M. M. BYD projeta início da produção no Brasil até 2025. *Valor Econômico*, 9 out. 2023.
- STENBERG, J. (2012). The chinese of São Paulo: a case study. *Journal of Chinese Overseas*. Singapura, v. 8, n. 1, pp. 105-122
- STOUFFER, S. (1940). Intervening Opportunities: a theory relating mobility and distance. *American Sociological Review*, V,December/1940.
- SUGIMOTO, T. N.; DIEGUES, A. C. A China e a desindustrialização brasileira: um olhar para além da especialização regressiva. *Nova Economia*, v. 32, p. 477-504, 2022
- TAYLOR, J. E. Differential migration, networks, information and risks. In: STARK, O. Migration, human capital and development. Greenwich: Connecticut, Jai Press, 1986.
- TILLY, Charles. Transplanted Networks. In: YANS-McLaughlin, Virginia (Ed.). *Immigration Reconsidered*. New York, Oxford: Oxford University Press. p. 79-95, 1990.
- TODARO, M. P. (1969). “A model of labour migration in less developed countries.” *The American Economic Review*, 59(1): 138-148, March/1969.
- TRENTO, Angelo. Do outro Lado do Atlântico: Um Século de Imigração Italiana no Brasil. São Paulo: **Editores Nobel**, 1989.
- TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, vol. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.
- UN COMTRADE. United Nations Commodity Trade, New York, 2024. Disponível em:

<https://comtradeplus.un.org/>.

VÉRAS, D. B. As diásporas chinesas e o Brasil: a co-munidade sino-brasileira em São Paulo. 2008. 280 f. Tese (Doutorado) – Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

VIDEIRA, S. L. Território-rede: influência do tempo das coexistências. Geografia, Rio Claro, v.30, n. 3, p. 421-430, set./dez. 2005.

VILELA, Elaine Meire. Imigração Internacional e estratificação nomercado de trabalho brasileiro. Tese de Doutorado em Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

VISITA DA REPRESENTANTE DA CHINA A MOCOCA REPERCUTE NAQUELE PAÍS. Gazeta do Rio Pardo. São José do Rio Pardo-SP, 8, dez de 2018. Disponível em: <https://gazetadoriopardo.com.br/cidade/visita-da-representante-da-china-mococa-repercute-naquele-pais/>

WEBER, Max. A situação dos trabalhadores rurais na Alemanha nas províncias do Alémlba. In: SILVA, J. G.; STOLCKE, V. (Orgs). *A Questão Agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

WEI, S. (2010). China in the global migration order: historical perspectives and new trends. *Asia Europe Journal*, vol. 8, issue 1, pp. 25-43.

WEINONG, G (2012). 拉丁美洲华侨华人移民史、社团与文化活动远眺 (上册)。广州暨南大学出版社. (História da migração chinesa na América Latina: associações comunitárias e atividades culturais - v. 1- tradução livre).

WORLD BANK. DataBank.2024. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/>.

YANG, A. C. Y. O COMÉRCIO DOS "COOLIE" [1819-1920]. *Revista de História, [S. l.]*, n. 112, p. 419-428, 1977.

ZAPATA, G. P. ; FAZITO, D. Comentário: o significado da nova lei de migração 13.445/17 no contexto histórico da mobilidade humana no Brasil. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1 e 2, p. 224–237, 2018.

APENDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA/QUESTIONÁRIO

Questionário/Entrevista – Percepções dos imigrantes no fluxo migratório para Mococa-SP

Este questionário faz parte de uma pesquisa acadêmica, se enquadrando em um Trabalho de Conclusão de Curso na área de Geografia, pertencente ao Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas-MG. Os resultados obtidos por este questionário serão utilizados apenas para fins acadêmicos.

O questionário é anônimo, não sendo necessário a informação de seu nome ou documentação.

Obrigado pela participação e colaboração.

1.0. Informações Gerais:

1.1. Qual é sua idade: _____

1.2. Gênero:

- a) Masculino.
- b) Feminino.
- c) Prefiro não dizer.

1.3. Qual a sua cor e/ou etnia:

- a) Branca.
- b) Preta.
- c) Amarela.
- d) Parda.
- e) Indígena/.
- f) Outro.

1.4. Qual é seu estado civil:

- a) Solteiro (a).
- b) Casado (a).
- c) Separado (a).
- d) Divorciado (a).
- e) Viúvo (a).
- f) Outro.

1.5. Você tem alguma religião?

- a) Não.

b) Sim.

Se sim, qual: _____

1.6. Atualmente, você está:

- a) Empregado (a).
- b) Desempregado (a).
- c) Estudando.
- d) Sendo empreendedor (a).
- e) Outro: _____

1.7. Qual a sua nacionalidade?

- a) Brasileiro (a).
- b) Brasileiro (a), descendente de imigrantes, especifique o país de origem:

- c) Imigrante, especifique o país de origem: _____

1.8. Se a resposta anterior, for “Brasileiro (a), descendente de imigrantes, especifique o país de origem” ou “Imigrante, especifique o país de origem” de qual cidade e província você veio:

2. Educação

2.1. Nível de escolaridade:

- a) Sem escolaridade.
- b) Ensino Fundamental.
- c) Ensino Médio.
- d) Ensino Superior.
- e) Pós-graduação.

2.2. Você estuda português:

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não, mas pretendo.
- d) Já estudei, não estudo mais.

2.3. Considera difícil a língua portuguesa?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Razoavelmente.
- d) Muito difícil.

2.4. Seus filhos estudam em escolas:

- a) Pública.
- b) Privada.
- c) Tenho filhos em escolas públicas e privadas.
- d) Não tenho filhos.

3. Trajetória Migratória:

3.1. Em que ano você chegou no Brasil: _____

3.2. Como você chegou ao Brasil:

- a) Avião.
- b) Navio.
- c) Ambos.

3.3. Os custos de sua viagem para o Brasil, foram ?

- a) Altos.
- b) Médios.
- c) Baixos.

3.4. Poderia estimar o valor da sua imigração para o Brasil? (Optativa):

3.5. Como foi a sua trajetória para o Brasil?

- a) Viagem direta até o Brasil.
- b) Tive que fazer uma ou mais conexões para chegar ao Brasil.

3.6. Se assinalou a questão “b” exemplifique onde foram as suas conexões:

3.7. Por que escolheu o Brasil como moradia:

- a) Melhores condições de emprego.
- b) Ficar próximo da família.
- c) Melhores condições de vida.
- d) Estudos.
- e) Outros.

3.8. Se a resposta for “outros”, qual seria o motivo para a vinda para o Brasil:

3.9. Na viagem até o Brasil, você veio com quem?

- a) Sozinho.
- b) Familiares.
- c) Amigos.
- d) Por meio de um agenciador de viagens.
- e) Outro.

3.10. Se a resposta anterior, for “outro”, poderia especificar a função do indivíduo:

3.11. Quais motivos o trouxeram para o Brasil?

- a) Econômicos e/ou comerciais.
- b) Políticos.
- c) Familiares.
- d) Outros: _____

3.12. Você obteve alguma ajuda governamental para sua vinda ao Brasil?

- a) Não, vim por conta própria.
- b) Não, vim com ajuda de familiares, amigos, etc.
- c) Sim, do Governo do meu país.
- d) Sim, do Governo Brasileiro.
- e) De ambos.

3.13. Qual foi a primeira cidade em que você morou no Brasil ?

- a) Mococa.
- b) Outra ou outras cidades: _____

3.14. No Brasil, qual foi seu trajeto até Mococa?

3.15. Você pretende continuar no Brasil?

- a) Sim.
- b) Não, gostaria de retornar para o meu país.
- c) Não, gostaria de ir para outro país.

3.16. Há quanto tempo vive no Brasil?

- a) Menos de 1 ano
- b) Entre 1 a 5 anos.
- c) Entre 5 a 10 anos.
- d) Entre 10 a 15 anos.
- e) Mais de 15 anos.

3.17. Você recomendaria o Brasil para outros compatriotas, que desejam migrar?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Talvez.

3.18. Você mora em Mococa?

- a) Sim.
 - b) Não, venho a trabalho ou estudos.
 - Outro:
-

3.19. Como ficou sabendo da existência do município de Mococa?

- a) Sozinho.
- b) Familiares.
- c) Amigos.
- d) Por meio de um agenciador.
- e) Por redes sociais/digitais.
- f) Outro.

3.20. Se a resposta anterior foi “outro”, poderia especificar como ficou sabendo da existência do município de Mococa:

3.21. Você pretender continuar em Mococa?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Talvez.

3.22. Você recebeu algum apoio governamental do município de Mococa?

- a) Sim.
- b) Não.

3.23. Se a resposta anterior foi sim, como o governo de Mococa o ajudou:

3.24. Mococa foi o único lugar em que morou no Brasil?

- a) Sim.
- b) Não.

3.25. Qual a maior dificuldade encontrada no processo migratório:

3.26. O que o governo brasileiro e municipal poderia ajudar na vida dos imigrantes internacionais:

4. Trabalho e Renda:

4.1. Como você classifica sua condição financeira?

- a) Ruim.
- b) Podia melhorar.
- c) Estável.
- d) Boa.
- e) Muito boa.

4.2. Houve alguma melhoria em sua condição financeira, após se estabelecer no Brasil.

- a) Sim, para pior.
- b) Sim, para melhor.
- c) Não houve alteração.

4.3. Qual a sua profissão: _____

4.4. É a mesma profissão que você exercia no seu país de origem?

- a) Sim.
- b) Não.

4.5. Se a resposta anterior foi “não”, qual era sua ocupação em seu país de origem:

5. Integração Cultural:

5.1. Participa de alguma atividade cultural, de lazer ou comunitária em Mococa?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

5.2. Quais as dificuldades você encontrou para se adaptar a cultura brasileira e mocoquense:

5.3. Você participa de alguma associação ou grupo da comunidade de seu país no Brasil ou em Mococa?

- a) Sim.
- b) Não.

5.4. Se a resposta anterior for “sim”, poderia nos dizer qual:

5.5. Você consegue manter tradições de seu país (culinária, festas, celebrações, etc.) em Mococa?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

5.6. Você consegue se comunicar em português em situações do dia a dia?

- a) Sim.
- b) Razoavelmente.
- c) Não.

5.7. Vocês acham que os brasileiros conhecem a cultura de seu país?

- a) Sim.
- b) Um pouco.
- c) Não.

6. Vida em Mococa:

6.1. O que mais gosta em Mococa: _____

6.2. O que menos gosta em Mococa: _____

6.3. Você se sente bem recebido pelos mocoquenses?

- a) Sim.
- b) Às vezes.
- c) Não.

6.4. Quantos familiares estão com você no Brasil?

- a) Nenhum.
- b) Entre 1 e 3.
- c) Entre 3 e 5.
- d) Mais de 5.

6.5. Quantos familiares estão com você em Mococa?

- a) Nenhum.
- b) Entre 1 e 3.
- c) Entre 3 e 5.
- d) Mais de 5.

6.6. Como você classificaria a sua vida em Mococa?

- a) Ótima.
- b) Boa.
- c) Regular.
- d) Ruim.

6.7. Em qual bairro você mora em Mococa: _____

6.8. No seu bairro há a presença de mais imigrantes de seu país:

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não sei responder.

6.9. O bairro em que você mora em Mococa se parece com a localidade que você morava em seu país?

- a) Não.
- b) Sim.
- c) Razoavelmente.

6.10. Você tem contato com a população mocoquense?

- a) Sim.
- b) Um pouco.
- c) Não.

6.11. Já sofreu preconceito/discriminação em Mococa?

- a) Sim.
- b) Não.
- c) Não sei responder.

6.12. Você pretende voltar para o seu país de origem?

- a) Sim.
- b) Não.

7. Espaço livre – escreva o que você gostaria que estivesse neste questionário:

Obrigado pelo envolvimento na pesquisa!